Universidade Federal de Sergipe

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa

Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia Social

Mestrado em Psicologia Social

Ana Patrícia dos Santos Cruz

SEXUALIDADE, CONJUGALIDADE E GÊNERO NOS RELACIONAMENTOS DOS JOVENS DO AGRESTE SERGIPANO

São Cristóvão – Sergipe
2014

Ana Patrícia dos Santos Cruz

SEXUALIDADE, CONJUGALIDADE E GÊNERO NOS RELACIONAMENTOS DOS JOVENS DO AGRESTE SERGIPANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos

São Cristóvão – Sergipe
2014

COMISSÃO JULGADORA

Dissertação da discente Ana Patrícia dos Santos Cruz, intitulada **Sexualidade, Conjugalidade e Gênero nos relacionamentos dos jovens do agreste sergipano**, defendida e aprovada em 30/05/2014, pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

_____

Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos

_____

Prof.Dr Joilson Pereira

_____

Profa. Dra. Simone dos Santos Paludo

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à Deus pelo dom da vida e por me conceder mais uma oportunidade para aprimorar a minha vida profissional.

Aos meus pais, Miguel e Ana, por não medirem esforços para investirem nos meus estudos.

À minha querida tia materna, Analdina, companheira, ouvinte e amiga nos momentos bons e principalmente nos momentos difíceis.

Às minhas irmãs, Marcela e Daniela, parceiras de toda a vida.

Ao meu orientador, prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos, mestre incansável e super competente. Sempre disposto a me valorizar como profissional e a quem agradeço bastante por mais um degrau que subi na minha carreira como Psicóloga.

Aos professores doutores Joilson Pereira e Simone dos Santos Paludo por terem aceitado o convite para avaliarem o meu trabalho. Vocês contribuíram bastante com as orientações pertinentes que enriqueceram o meu estudo.

RESUMO

O objetivo deste estudo foi investigar a sexualidade, conjugalidade e gênero nos relacionamentos afetivos entre os jovens do agreste sergipano. Este trabalho foi dividido em dois estudos, um de caráter exploratório quantitativo e outro de caráter analítico descritivo qualitativo. O Estudo I foi constituído de uma pesquisa tipo *survey*, faz parte de um projeto nacional chamado "Juventude Brasileira" e o instrumento de coleta de dados foi composto por 58 questões que tratavam dos aspectos sobre a caracterização biosociodemográfica dos participantes (gênero, idade, cor, status do relacionamento, qual a série/etapa escolar, dentre outros), relacionamentos intrafamiliares e iniciação sexual. A amostra foi composta por 168 adolescentes (66,1% do sexo feminino), com idades entre 14 a 24 anos e média de 17,21 anos (DP=1,84 anos) estudantes de escolas públicas; os questionários foram aplicados em sala de aula e respondidos individualmente após anuência da instituição e consentimento dos participantes. Os resultados mostraram que os rapazes namoraram em média com 1,65 pessoas (DP= 1,08), enquanto que a média de pessoas que as moças namoraram foi de 1,32 (DP= 0,69); os adolescentes do sexo masculino "ficaram" em média com 4,70 pessoas (DP= 4,48) e as do sexo feminino "ficaram" em média com 2,65 pessoas (DP= 2,66); com relação à iniciação sexual os garotos tinham em média 14,94 anos (DP=1,78), enquanto as garotas apresentaram uma média maior, ou seja, 15,63 anos (DP=3,24). O Estudo II tratou de um estudo de casos múltiplos a partir de dados levantados pelo estudo inicial. Foi utilizada uma entrevista semiestruturada com três participantes (de gerações diferentes) que tiveram a experiência de "fugir de casa". As entrevistadas foram divididas em três faixas etárias: 18 anos, 21 e 32 anos. O roteiro da entrevista averiguou a vida afetivo-sexual das participantes, o(s) motivo(s) que as levou a tomar essa decisão e as consequências desse ato em suas vidas. Os resultados mostraram que o motivo da "fuga" da casa dos pais estava ligado à dificuldade de relacionamento que elas mantinham com os seus genitores e isso era demonstrado através da falta de diálogo entre os genitores e as entrevistadas; como também outro motivo apontado foi o desejo de ter mais liberdade e de experimentar uma forma diferente de viver daquela que tinham morando na casa dos pais. Com relação às consequências da "fuga" as entrevistadas informaram que o relacionamento com os genitores melhorou após elas terem fugido da casa dos pais, como também de uma forma geral as suas vidas melhoraram.

Palavras-chave: Conjugalidade; Adolescência; Sexualidade

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate sexuality, marital and gender in romantic relationships among young wild Sergipe. This work was divided in two studies, one exploratory quantitative and the other qualitative descriptive analytical character. The first study was consisted of a survey research, was part of a national project called "Brazilian Youth" and the instrument for a data collection was consisted of fifty-eight questions that dealt with the aspects of the biosociodemografica characterization of participants (gender, age, race, relationship status, which the series/stage school, among others), intra-family relationships and sexual initiation. The sample was composed of one hundred sixty-eight adolescents (66,1% female) aged between fourteen and twenty-four year and average 17,21 years (DP=1,84 years) public school students; the questionnaires were administered in class and answered individually after approval of the institution and consent of participants. The results showed that boys on average dated at 1,65 persons (DP=1,08), while the average number of people that the girls dated was 1,32 (DP=0,69); male teens "were" on average with 4,70 persons (DP=4,48) and female "were" an average of 2,65 persons (DP=2,66); regarding sexual initation the boys were on average 14,94 years (DP=1,78), while girls showed a higher average, in other words, 15,63 years (DP=3,24). The second study dealt with a multiple case study from data collected by the original study. One semi-structured interviews with three participants (of different generations) who had the experience of "running away" was used. The interviewees were divided into three age groups: 18 years, 21 and 32 years. The interview examined the emotional and sexual lives of participants, reason (s) that led to this decision and the consequences of that act in their lives. The results showed that the reason for the "escape" from the parental home was linked to the difficulty of relationship they had with their parents and this was demonstrated by the lack of dialogue between the parents and the interviewees; as also another reason mentioned was the desire for more freedom and experience a different way of living that they had living in the parental home. Regarding the consequences of "escape" the interviewees reported that the relationship with parents has improved after they fled the home with parents, also in general have improved their lives.

Key-words: Conjugality; Adolescence; Sexuality

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I 13

1. OBJETIVOS 13

ESTUDO I 13

1. OBJETIVO GERAL 13

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS 13

ESTUDO II 14

1.3 Objetivo Geral 14

1.4 Objetivos Específicos 14

CAPÍTULO II 15

ADOLESCÊNCIA: CONEITUALIZAÇÃO E FORMAS DE VIVÊNCIA 15

CAPÍTULO III 25

RELACIONAMENTOS NA ADOLESCÊNCIA 25

1- Conjugalidade 25

2– Relacionamentos amorosos na adolescência 27

3 - Sexualidade e Gênero na adolescência 29

CAPÍTULO IV 37

AMOR: CONCEPÇÕES TEÓRICAS E CONFIGURAÇÕES RECENTES 37

CAPÍTULO V 48

MÉTODO 48

Estudo I 48

1. Delineamento 48

2. Participantes 48

Contexto da Pesquisa 48

Participantes 49

3. Instrumento 49

4. Procedimentos 52

5. Análise de Dados 52

Estudo II (Estudo de casos clínicos (múltiplos) nas entrevistas clínicas (3 casos) 53

1. Participantes 53

2. Procedimentos e instrumento 53

3. Análise dos dados **54**

4. Aspectos Éticos **54**

CAPÍTULO VI **55**

Resultados **55**

ESTUDO I **55**

1. Análises Descritivas **55**

CAPÍTULO VII **81**

Discussão **81**

ESTUDO II **84**

1. Descrição dos casos **84**

2. Análise dos casos **88**

CAPÍTULO VIII **105**

Considerações Finais **105**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **110**

ANEXOS **122**

INTRODUÇÃO

Dentre as mais importantes experiências da adolescência está a descoberta do amor; e pelo fato dos jovens serem muitos intensos em tudo o que fazem se dedicam bastante a essa nova fase das suas vidas. Pelo fato dos adolescentes estarem sempre dispostos a experimentar novas maneiras de se relacionar ou de demonstrarem grande interesse em tudo o que é moderno, destacam-se como o grupo social que mais de perto apreendeu novas concepções de relacionamento. Santrock (2003) enfatiza que as rápidas transformações sociais, culturais e comportamentais do mundo moderno alteraram o convívio social de vários grupos humanos. Dentre eles, um dos mais afetados por essas mudanças foram os adolescentes não só por causa da vulnerabilidade, mas também devido a sua necessidade de romper barreiras e padrões estabelecidos.

Com o objetivo de compreender as expectativas sobre o casamento, foi realizada uma pesquisa com jovens, de escolas secundárias de nível socioeconômico médio, nos Estados Unidos. Foram comparados os resultados obtidos em 1967 e em 1994, e os dados obtidos mostraram que entre as 11 expectativas mais importantes em relação ao casamento estavam em primeiro lugar o amor e a afeição (Barich & Bielby, 1996). E outras pesquisas na mesma área apontaram que homens e mulheres relacionam os relacionamentos amorosos à realização afetiva e veem o cônjuge como responsável pela sua felicidade (Schames, 2000; Falcke, Diehl & Wagner 2002).

E também em virtude de várias mudanças comportamentais, os adolescentes estão apresentando um comportamento específico da atualidade, destacando-se uma fluidez ou uma navegação social as quais não ocorriam nas gerações anteriores. Essa fluidez/navegação caracteriza-se pela combinação de comportamentos baseados no grau de liberdade pessoal frente aos padrões estabelecidos pelas pessoas que estão ao seu redor e aos protocolos sociais (Oliveira, Gomes, Marques & Thiengo, 2007). Os autores citam como exemplo dessa nova situação dos jovens a variedade de relacionamentos afetivos e sociais, como também os intercâmbios estabelecidos entre duas modalidades de relacionamento. Essas modalidades estão baseadas em relações ligadas à fidelidade mútua e ao sofrimento, como também àquelas instantâneas, momentâneas, correspondendo a necessidades físicas e biológicas, sem continuidade ou aprofundamento na vida dos adolescentes.

Diante de tudo isso, percebe-se que o relacionamento amoroso do jovem na sociedade atual é totalmente diferente das gerações anteriores, já que hoje, existem várias formas de relacionamentos que envolvem novos padrões. Atualmente, adolescentes e pré-adolescentes "ficam", trocando beijos e carícias, o que não existia antigamente, e que, muitas vezes, não é entendido pelos mais velhos. A vida sexual se inicia mais cedo e a união conjugal acontece com uma maior experiência nessa área. Fala-se de sexo de uma forma mais aberta do que no passado e, algumas vezes, as primeiras experiências acontecem durante um relacionamento amoroso ou como curiosidade, ou seja, uma maneira de obter prazer e que não está relacionado a um compromisso formal (Matos, Féres-Carneiro & Jablonski, 2005). Há algumas gerações atrás, essa concepção de relacionamento não lembrava nem um pouco o que está acontecendo atualmente. As histórias de amor eram construídas ao passar do tempo e um envolvimento mais íntimo (sexo) só depois do casamento. E a liberação sexual e o uso da camisinha proporcionaram uma nova forma de se relacionar.

Quando falamos em relacionamentos do mundo moderno e nas transformações que esse período ocasionou na vida humana, não podemos deixar de citar Bauman (2004), o qual destaca que no líquido cenário da vida moderna, vivemos em um mundo cheio de sinais confusos e que podem mudar de maneira rápida e imprevisível podendo acabar com o interesse das pessoas amarem quem está ao seu redor. "E, hoje em dia as atenções humanas tendem a se concentrar nas satisfações que esperamos obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas plenas e verdadeiramente satisfatórias" (p. 09).

Diante do que foi exposto, podemos perceber que o relacionamento entre os adolescentes está provocando estranhamento em algumas pessoas e vários questionamentos em outras sobre essa nova e diferente forma de interação amorosa. Matos, Féres-Carneiro e Jabolonski (2005) relatam que os relacionamentos amorosos na adolescência aparecem como uma forma de "ensaio" para a vida adulta e as experiências vividas podem acontecer como um aprendizado para o relacionamento e como um teste para suas habilidades na relação, através do "ficar", namorar, ter relações sexuais, etc. Em virtude do que foi discutido anteriormente, os autores informam que a vida amorosa e sexual dos adolescentes está inserida em um contexto global de busca pela aquisição de uma identidade.

No relacionamento entre os adolescentes, a descoberta do sexo é um momento muito esperado por alguns e a iniciação sexual parece representar um marco em suas vidas. Ainda para Matos, M., Féres-Carneiro, T. e Jabolonski, B. (2005), a sexualidade é algo essencial para a adolescência, pois nesse período da vida deve acontecer o abandono da fantasia de

bissexualidade e completude para definir-se sexualmente e, então se vê como alguém "incompleto". Mas, existem pessoas que resistem em se ver como incompletos e continuam a esperar de maneira narcísica um "príncipe" ou "princesa" (alguém ideal) que nada mais é do que uma projeção narcísica do próprio indivíduo. Outeiral (2003) defende que para que nos tornarmos maduros não devemos ir em busca do "príncipe" ou "princesa", mas admitirmos que o "sapo" existe, e que é alguém real e imperfeito igual a nós.

Há algumas décadas, um comportamento curioso e interessante vem ocorrendo com algumas adolescentes que residem em uma cidade do agreste sergipano, Itabaiana. A localidade, como várias outras cidades pequenas e tradicionais do nordeste brasileiro, parece conservar, durante muitas gerações, a ideia de que a mulher serve apenas para casar e que a vida profissional não tem nenhuma importância. As adolescentes vão vivenciando o fato de que a mulher tem que servir ao marido; e como esse comportamento foi praticado pela sua avó e pela sua mãe, agir dessa maneira é algo comum. Elas abandonam suas famílias, muitas vezes deixam de estudar, para irem morar com o seu namorado; tal comportamento ficou conhecido como "fugir de casa" e é conceituado como uma nova modalidade de conjugalidade em que os jovens decidem morar juntos sem o consentimento dos pais, não ocorrendo nem a legalização civil e nem religiosa dessa união. E esse fenômeno de "fugir de casa" pode ser percebido como uma nova modalidade de conjugalidade dos tempos atuais.

Essas adolescentes, na grande maioria, saem escondidas de suas casas sem a permissão dos pais e vão morar nas casas das sogras. Geralmente não têm uma boa condição financeira, e por isso têm que ajudar nas tarefas domésticas (na nova residência) e saem da escola. Como também, na maioria, saem sem o consentimento dos pais, se afastam deles e permanecem muito tempo sem manter contato com os genitores. O "fugir de casa" traz consigo muitas consequências para a vida das adolescentes, geralmente não percebidas por elas. Dentre essas, podemos citar o fato de não investirem em suas vidas profissionais e com isso dependerem financeiramente dos seus companheiros; e, também se afastarem dos genitores e com isso, perderem os vínculos com os pais e deixarem de se relacionar com eles.

É importante estudarmos o comportamento de "fugir de casa", em uma cidade do agreste sergipano, para identificarmos as possíveis causas que levam as adolescentes a abandonarem suas casas e suas famílias para irem morar com o namorado, como também identificar as possíveis consequências desses atos em suas vidas. E dessa forma, podermos analisar esse fenômeno tradicional na localidade e que ainda acontece mesmo com a realização do sexo antes do casamento. Sabermos também quais são os seus planos futuros e

se esses não serão difíceis de acontecer em virtude de estarem “casadas” ou um em relacionamento estável.

Desta forma o objetivo deste trabalho é investigar as formas de conjugalidades, os relacionamentos afetivos e a sexualidade de jovens da cidade de Itabaiana, agreste de Sergipe. Serão realizados dois estudos com objetivos específicos distintos, um do tipo *survey*, entre estudantes de ensino médio; e o segundo, um estudo de casos múltiplos, através de entrevistas clínicas, com três participantes (de gerações diferentes) que relatam a experiência de “fugir de casa” na adolescência.

CAPÍTULO I

Esta dissertação está dividida em dois estudos e o seu objetivo geral é investigar a sexualidade, conjugalidade e gênero nos relacionamentos afetivos entre os jovens do agreste sergipano.

1. OBJETIVOS

ESTUDO I

1.1 OBJETIVO GERAL

Investigar de forma exploratória os comportamentos sexuais e afetivos de jovens do ensino médio, da cidade de Itabaiana, a fim de apresentar um relato biosociodemográfico desta população.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1- Descrever dados biosociodemográficos (gênero, idade, cor, status do relacionamento, qual a série/etapa escolar) dos adolescentes e as variáveis sobre comportamentos afetivos sexuais;

2- Analisar diferenças e similaridades dos comportamentos sexuais por gênero;

3- Identificar a relação entre clima familiar, autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro em relação ao comportamento sexual.

ESTUDO II

1.3 OBJETIVO GERAL

Investigar as modalidades de conjugalidade e a sexualidade de mulheres do agreste sergipano, enfatizando o fenômeno de “fugir de casa”quando elas eram adolescentes.

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1- Analisar as causas da decisão de engajamento em conjugalidade na adolescência e seus conflitos com as relações familiares;
2- Analisar as consequências da nova forma de conjugalidade das adolescentes do sexo feminino;
3- Relacionar os aspectos da dinâmica de vida conjugal/afetiva às perspectivas de futuro das adolescentes;
4- Analisar a trajetória da vida afetivo-sexual de mulheres de três gerações diferentes;
5- Identificar a relação da adolescente com a família de origem e com a nova família (após “fugir de casa”).

CAPÍTULO II

ADOLESCÊNCIA: CONCEITUALIZAÇÃO E FORMAS DE VIVÊNCIA

A palavra "adolescência" é derivada de *adolescere*, verbo latino que significa "crescimento" ou tem o sentido de "crescer até a maturidade" (Blos, 1985). Essa etapa da vida do ser humano, além da origem latina citada anteriormente, também significa "crescer até a maturidade, resultando em transformações de ordem social, psicológica e fisiológica" (Houaiss, 2000, p.24).

A adolescência é definida como um período biológico, psicológico e social que está compreendida entre 10 e 19 anos de idade (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2010). Essa visão também é adotada pelo Ministério da Saúde do Brasil ([MS], 2011) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ([IBGE], 2010). Esse critério de caracterização da adolescência não é seguido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente ([ECA], 2005), já que este determina que essa fase da vida começa aos 12 anos e vai aos 18 anos de idade.

A população de adolescentes no Brasil está estimada em 35 milhões de pessoas (Brasil, 2010); e de acordo com Nery (2011) existem aproximadamente um bilhão de adolescentes no mundo (20% da população). Por representar uma população com um quantitativo que chama a nossa atenção, pelo fato de possuir algumas características próprias e de estimular a nossa curiosidade existem várias pesquisas ligadas a esse tema.

Diante do que foi exposto anteriormente, percebemos que não é muito fácil conceituarmos a adolescência tendo em vista a diferença encontrada entre o início e o final desse período de desenvolvimento. Em virtude disso, existe uma variedade de estudos com o objetivo de conceituá-la, mas até o presente momento, o que percebemos são várias noções de adolescência, algumas relacionadas às mudanças biológicas, outras ligadas aos aspectos sociais e/ou culturais. O presente capítulo só abordará a adolescência, mas no final do mesmo discutiremos brevemente o conceito de juventude.

Mesmo encontrando dificuldade para delimitarmos o início e o final da adolescência, essa fase de desenvolvimento humano traz consigo uma ideia de "transição" ou "passagem" que relaciona o seu amadurecimento à vida adulta. E, em nossa sociedade, tornar-se adulto refere-se ao fato de reconhecer-se e ser reconhecido como uma pessoa autônoma e

responsável pelas suas ações, ou seja, empenhado em praticar os diversos papéis que experimenta no seu cotidiano. Por isso, a adolescência pode ser compreendida como um momento da vida no qual desejamos que o jovem faça a sua escolha diante dos vários papéis que estão presentes na sua vida. E dessa forma, elabore uma imagem de si de maneira independente e seja obrigado a administrar a sua própria vida o que equivale à formação de uma identidade pessoal (Dias, 2009).

Quando pensamos em adolescência, temos uma tendência a enfatizarmos as mudanças na estrutura biológica do ser humano, como por exemplo, alteração na voz, altura, crescimento de pelos pubianos, crescimento do pênis e testículos, surgimento do pomo-de-adão, primeira ejaculação, aumento de seios, alargamento dos quadris, início da menstruação (menarca) como pontos que demarcam o começo dessa fase de desenvolvimento (puberdade). Mas, é difícil determinar o seu término, principalmente pela ausência de sinais físicos que identifiquem a entrada na vida adulta e que consigam contemplar a maioria dos que se encontram nessa etapa de desenvolvimento.

De maneira geral, estudar e tentar entender o marco inicial da adolescência nos conduz ao fato de que as alterações biológicas da puberdade são claras e universais, modificando a altura do indivíduo, a forma e o desenvolvimento sexual que conduzem o jovem para a idade adulta. Mas, as mudanças que definem o início dessa etapa, não estão relacionadas apenas as mudanças físicas, mas, também estão ligadas a questões sócio-psicológicas. É natural afirmar que a adolescência se inicia com alterações corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica na sociedade adulta (Formigli, Costa & Porto, 2000).

Inicialmente a adolescência está relacionada à idade, à biologia, ao estado e à capacidade do corpo (Santos 2005). Essas alterações, a princípio, não transformam a pessoa em adulto. É importante a ocorrência de outras mudanças para que a maturidade seja conseguida (Berger & Thompson, 1997), ou seja, mudanças e adaptações que levam o indivíduo para a vida adulta (Araújo & Costa, 2009). Dentre elas, estão às mudanças cognitivas, sociais e de perspectiva sobre a vida (Martins, Trindade & Almeida, 2003; Santos, 2005).

A adolescência é um momento muito delicado da vida do indivíduo, como também uma fase que traz consigo muitas novidades. Knobel (1981) enfatiza que nessa fase da vida humana passamos por uma “síndrome normal da adolescência” e na qual procuramos a nossa

identidade (busca de si mesmo), temos variações de humor, propensão a andar em grupos, distanciamento das figuras parentais e começamos a evoluir sexualmente.

E a entrada nessa fase acarreta mudanças não só para o adolescente, como também para quem está ao seu redor. É muito comum ouvirmos dos pais que o seu filho é um "aborrescente" e não um adolescente. Eles dizem não suportar essa fase tão cheia de novidades e de comportamentos imprevisíveis que os filhos estão enfrentando. Matos, M., Féres-Carneiro, T. e Jabolonski, B. (2005) relatam que a adolescência é um período de mudanças e que ocorrem várias mudanças na família na qual o adolescente está presente. Como também defendem a ideia de que os pais geralmente não conseguem entender as "identidades transitórias" do filho que, às vezes, defende a sua independência e deseja ser reconhecido como adulto, e em outros momentos se comporta como uma criança muito pequena. Ainda segundo Matos, M., Féres-Carneiro, T. e Jabolonski, B. (2005) é preciso que o "conflito de gerações" ocorra para que o jovem se sinta separado dos pais e os limites que esses determinam são muito importantes e desejados pelos filhos; e pelo fato de serem contrários aos genitores é visto como uma forma de diferenciação. E se, quando são crianças necessitam da família para construírem relações objetais e se organizarem psiquicamente, na adolescência agem de maneira contrária aos pais para serem diferentes deles e assim atingirem a idade adulta.

Ozella (2002) enfatiza que a ideia preponderante sobre adolescência, que é defendida pela Psicologia, está relacionada a estereótipos e estigmas, desde que Stanley Hall a conceituou como uma fase relacionada a tormentos e conturbações ligadas ao início da sexualidade. Algumas vertentes da psicanálise também enfatizaram que a adolescência era caracterizada por confusões, estresse e luto, os quais eram causados por impulsos sexuais inerentes a essa fase de desenvolvimento. Erikson (1976) enfatizou que a adolescência é uma etapa muito importante no desenvolvimento humano ao discutir pela primeira vez o conceito de moratória; ele caracterizou a adolescência como uma etapa da vida em que acontecem confusões de papéis e dificuldades na formação de uma identidade própria; como também um período que passou a "ser quase um modo de vida entre a infância e a vida adulta" (Erikson, 1976, p. 128). A partir dessas ideias do conceito de adolescência, iniciou-se uma concepção naturalista e universal a respeito do adolescente que começou a ser trabalhada pela psicologia, incorporada pela cultura ocidental e assimilada pelo homem comum, geralmente pelos meios de comunição de massa (Ozella, 2002).

Estudiosos como Sprinthall e Collins (2003), Campos (1987) e Pfromn Neto (1976) defendem a ideia que a adolescência é uma fase conturbada e a transformam em uma etapa naturalista e universal para a sociedade ocidental. Essa concepção foi incorporada pela sociedade, pelos meios de comunicação social e reafirmada pela Psicologia Tradicional (Aguiar et al, 2002).

A adolescência não é apenas uma mudança de fases (da infância para idade adulta), ela possui uma identidade própria com um psiquismo inerente a essa fase. E a partir dessa ideia do que é adolescência nota-se mais claramente a posição naturalista e universal ao se propor uma essência adolescente (Debesse, 1946). "è um erro pensar que a juventude muda conforme as épocas... acreditar que ela se identifica com sucessivos vestuários de empréstimo e que cada geração tem sua juventude é uma ilusão de moralista amador e apressado... por detrás do aspecto da juventude existe a juventude eterna, notavelmente idêntica a si própria no decurso dos séculos..." (Debesse, 1946, pp.15-16).

Em discussões que enfatizam a identidade do adolescente, eles representam um grupo em si, não são crianças grandes nem futuros adultos e têm suas trajetórias e suas histórias. São cidadãos, sujeitos com direitos específicos e que vivem uma fase de desenvolvimento extraordinária. O que eles vivenciam durante essa etapa da vida determinará a maneira como será a sua vida adulta. Hoje, os adolescentes estão presentes na sociedade com um jeito próprio de ser, se expressar e conviver e, portanto, precisam ser vistos realmente da forma que são: adolescentes. São criativos, têm uma enorme vontade e capacidade de aprender e de contribuir (Unicef, 2011).

Para Afonso (1997) a adolescência é um período em que a identidade infantil entra em crise e o adolescente procura construir para si uma nova identidade. Não obstante, o processo de construção de identidade no ser humano é entendido como um continuum que perdura por toda a vida; pode alcançar maior ou menor intensidade em alguns períodos da vida, bem como ser vivido com graus e formas diferenciadas de crise e conflito. A adolescência seria, por excelência, um período de crise de identidade.

Através de uma suposição da igualdade de oportunidades entre os adolescentes, "a Psicologia que se encontra nos manuais de Psicologia do Desenvolvimento dissimula, oculta e legitima as desigualdades presentes nas relações sociais, situa a responsabilidade de suas ações no próprio jovem: se ideologiza" (Aguiar e colaboradores, 2002, p. 165).

Outra crítica está relacionada ao fato da adolescência, para a Psicologia, ser baseada em um único tipo de jovem (Santos 1996): "homem-branco-burguês-racional-ocidental", europeu ou norte americano. A grande maioria dos estudos baseados nesse modelo, sem buscar em outros grupos as suas idiossincrasias. Percebe-se então, que a adolescência é vista como universal e natural; sem necessidade de procurar outras referências para complementar as pesquisas. E essas buscas seriam feitas somente para a aplicação dos conceitos já construídos.

Uma visão mais sociocultural e menos biológica defende que sociologicamente a adolescência é o período de transição da dependência infantil para a autossuficiência adulta (Muuss, 1969). Esse período é do ponto de vista psicológico uma "situação marginal", na qual novos ajustes, que diferenciam o comportamento da criança do comportamento adulto em uma determinada sociedade têm que ser realizados. E fisiologicamente, acontece no momento em que as funções reprodutivas amadurecem.

Uma outra definição da adolescência a conceitua como uma etapa do desenvolvimento evolutivo, no qual a pessoa gradualmente entra na vida adulta de acordo com as condições ambientais e da história pessoal (Levinsky, 1995). Ele defende que a adolescência apresenta uma natureza psicossocial e com relação ao seu surgimento a relaciona à puberdade e ao desenvolvimento cognitivo. Levinsky (1995) também enfatiza que a adolescência é caracterizada pela maneira como a sociedade a representa: nas sociedades modernas ela é mais lenta e dolorosa, em virtude das dificuldades de afirmação social, da busca do emprego e qualificação. Nas sociedades primitivas, o aparecimento da adolescência acontece de forma mais rápida e é atenuado pelos ritos de passagem; e aliados a isso estão o fato de que a entrada na vida adulta é conseguida com a formação de uma família, ser nomeado um guerreiro ou caçador; e dessa forma conseguir respeito e assumir um papel na sociedade à qual pertence.

Apesar das controvérsias existentes a respeito do conceito de adolescência (quando começa e quando termina), essa fase de desenvolvimento humano aparenta estar ligada, de maneira razoável, a processos psicológicos e fisiológicos. Pelo que se percebe, a adolescência se inicia através das reações psicológicas do jovem às mudanças ocorridas no seu corpo durante a puberdade e se estende até a consolidação da sua identidade pessoal. O desenvolvimento da maturação sexual, a formação de identidade de gênero e a identidade sexual variam de pessoa para pessoa. Para alguns adolescentes, essas transformações podem ocorrer no início da primeira década de vida, enquanto que outros não conseguiram alcançar

uma identidade pessoal; e com isso percebemos uma grande dificuldade de delimitarmos as fronteiras entre o início e o final da adolescência (Campos, 2002).

Diante de tantas visões sobre o que é a adolescência, percebemos a enorme gama de variedades a respeito da sua conceituação e delimitação; diante disso, notamos a diversidade que está por trás dessa etapa da vida. Sendo assim, é possível entendermos as dificuldades encontradas para alcançarmos a sua definição e qual é a faixa etária que marca o seu início. Vários teóricos estudaram e estudam a adolescência, mas até hoje, as teorias não conseguiram unificá-la sobre uma única vertente (biológica, fisiológica, cultural ou psicológica). Mas, essa dificuldade é um pouco diminuída quando utilizamos apenas o critério cronológico, ou um critério misto, de idade ou de escolaridade (Pfromm Neto, 1976).

Em uma pesquisa que realizou um levantamento histórico sobre as definições de infância e adolescência com relação a vários aspectos tais como a Teologia, a Filosofia, a Psicologia e as Ciências Sociais, encontra em Rousseau a invenção da adolescência como um período típico do desenvolvimento, o qual é caracterizado pela turbulência e no qual o jovem não é nem criança e nem adulto (Santos 1996). A partir daí também poderíamos encontrar as origens de uma visão naturalista, na qual a infância e a adolescência são tidas como um estado, e não como uma condição social. Também existe uma tendência à criação de teorias que utilizariam grandes definições as quais podem ser discutidas com relação a sua importância no aspecto social (Santos 1996). Diante dessa visão, Santos relata como exemplos teóricos como Freud e Piaget que, de acordo com ele, possuem algumas deficiências ao desprezarem o contexto social e cultural, e defendendo ideias universais em suas afirmações. Contudo, mesmo enfatizando uma inter-relação entre o biológico e o cultural, também defendem a importância das estruturas internas no desenvolvimento. E diante dessa visão, parece que as crianças (e adolescentes) nascem e vivem em um vacuum sociocultural.

Em um estudo que discute as várias concepções dos psicólogos que trabalham com adolescentes, encontrou-se uma destaque especial ao aspecto natural do ser humano, o qual é caracterizado por uma ideia de adolescência mais ligada ao aspecto do desenvolvimento humano do que a um processo construído historicamente (Ozella, 1999).

As ideias vigentes na Psicologia, apesar de defenderem que a adolescência é um fenômeno biopsicossocial, em alguns momentos enfatizam os aspectos biológicos e em outros os aspectos ambientais e sociais, não conseguindo resolver as visões dicotomizantes que ocorrem. Diante disso, os fatores sociais são vistos de maneira abstrata e genérica e a

influência do meio se apresenta de maneira desligada do contexto, servindo somente como um pano de fundo no desenvolvimento já previsto do adolescente. Esse contexto é visto por Bock como uma concepção liberal, na qual o homem é concebido a partir da ideia de natureza humana – um homem que, a priori, tem seu desenvolvimento previsto pela sua própria condição de homem, livre e dotado de potencialidades (Bock, 1997).

A Psicologia tem almejado conseguir uma saída para dissolver a visão naturalizante e patologizante da adolescência que é marcante nessa área de estudo. Em outras palavras, um caminho para livrar a Psicologia da visão de homem que é baseada na ideologia natural e que vê o homem como autônomo, livre e capaz de se autodeterminar; ou que vê a adolescência como uma fase natural de desenvolvimento, relacionando a ela características naturais como, por exemplo, rebeldia, desequilíbrios ou instabilidades, lutos e crises de identidade, instabilidade de afetos, busca de si mesmo, tendência grupal, necessidade de fantasiar, crises religiosas, flutuações de humor e contradições sucessivas. Enfim, um grupo de características que estão relacionadas a uma síndrome normal da adolescência (Aberastury & Knobel, 1981).

Dessa maneira, considera-se que a adolescência é criada historicamente pelo homem, enquanto representação e enquanto fato social e psicológico. Essa fase do desenvolvimento é construída a partir do significado na cultura e na linguagem que penetra nas relações sociais. Os fatos sociais aparecem nas relações e os homens dão significados a esses fatos, ou seja, definem e criam conceitos para representar esses fatos. São marcas corporais, são necessidades que surgem, são novas formas de vida originadas de condições econômicas, são condições fisiológicas, são descobertas científicas, são instrumentos que trazem novas habilidades e capacidades para o homem. Toda vez que conceituamos a adolescência como isto ou aquilo, estamos criando significações (interpretando a realidade), a partir de realidades sociais e de marcas que servem de referências para a construção dos sujeitos (Ozella, 2002).

Adolescência não é um período natural do desenvolvimento humano, é uma fase na qual é realizada uma significação e uma interpretação pelo ser humano. Nela, existem marcas que a sociedade destaca e significa como, por exemplo, podemos citar as mudanças no corpo e o desenvolvimento cognitivo (Ozella, 2002).

É evidente que, durante a adolescência, existe um corpo que está em desenvolvimento, mas nenhuma característica biológica ou fisiológica determina a subjetividade. Quando as mudanças fisiológicas surgem, os adultos e a sociedade as atribuem alguns significados. Há algum tempo atrás ou em uma determinada cultura, a menina que tem os seios em desenvolvendo não as percebe, mas lhes atribui o significado de poder amamentar seus filhos no futuro. Mas, nos dias atuais nós associamos esse desenvolvimento a uma

menina sedutora e sensual. Com relação aos meninos, notamos que, antigamente, a força muscular significava a possibilidade de trabalhar, guerrear e caçar, hoje está associada à sensualidade e masculinidade (Ozella, 2002).

O jovem não pode ser visto como algo *por natureza*, suas características aparecem durante as relações sociais, em um processo no qual ele se coloca por inteiro através do seu corpo e de suas particularidades. Como alguém que interage com o social, o jovem se faz presente na sociedade através das suas características, as quais são interpretadas nas relações sociais e servem de modelo para sua construção pessoal. Mas, apesar de tudo isso, temos que ter em mente que o subjetivo não é igual ao social; existe uma construção realizada pelo indivíduo e um mundo psíquico de origem social, mas que possui dinâmica e estrutura própria. Esse mundo psíquico é formado por configurações pessoais, nas quais significações e afetos se misturam para dar sentido às experiências do indivíduo; e os elementos desse mundo psíquico vêm do mundo social, ou seja, das atividades do homem e da linguagem, mas não são iguais a ele (Ozella, 2002).

Em uma análise da construção histórica da adolescência, nota-se que o trabalho (com sua sofisticação tecnológica) começou a exigir um tempo maior de formação adquirida na escola (Clímaco, 1991); ainda para Clímaco (1991) o desemprego crônico da sociedade capitalista ocasionou a demora do ingresso dos jovens no mercado de trabalho e aumentou as exigências necessárias para esse ingresso. Já a ciência, por outro lado, prolongou o tempo de vida do ser humano solucionando muitos dos seus problemas; e isso, ocasionou alguns problemas para a sociedade com relação ao mercado de trabalho e as formas de sobrevivência.

Com o que foi descrito acima, a criança acabou tendo que permanecer mais tempo sob a responsabilidade dos pais e sem entrar no mercado de trabalho. Então, deixar as crianças por mais tempo na escola foi à solução encontrada; com isso, o aumento do tempo de permanência da criança na escola, o distanciamento dos pais e da família e a aproximação de um grupo de iguais foram às consequências dessas exigências sociais. E como consequência maior de tudo isso, a sociedade vê a criação de um novo grupo social (com padrão coletivo de comportamento) denominado de juventude / adolescência. E outro dado salutar, é que a adolescência pode também ser compreendida como uma justificativa da burguesia para manter seus filhos longe da escola (Ozella, 2002).

A adolescência, então, está relacionada a um período de latência social construída a partir da sociedade capitalista. Isso foi gerado por causa do ingresso no mercado de trabalho e da extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico e da necessidade de justificar o distanciamento do trabalho de um determinado grupo social (Ozella, 2002).

As questões sociais e históricas contribuíram para uma fase de afastamento do trabalho e de preparo para a vida adulta. As mudanças no corpo e os relacionamentos com os adultos se tornam responsáveis na construção das significações, na qual notamos uma contradição, que se manifesta na vivência entre as necessidades dos jovens, as condições pessoais e as possibilidades sociais de satisfação delas. É a partir dessa relação e de sua vivência, enquanto contradição, que terá início grande parte das significações da adolescência, ou seja, a rebeldia, a moratória, a instabilidade, a busca da identidade e os conflitos. Essas características, apontadas pela Psicologia, ao contrário da naturalidade que lhes é atribuída, são históricas, isto é, foram criadas como características da adolescência atual. Então podemos compreender a adolescência como algo construída socialmente a partir de necessidades sociais e econômicas que vão se constituindo no processo (Ozella, 2002). A partir dessa concepção de adolescência, a entendemos como uma construção histórica e não como uma fase natural do desenvolvimento.

Tendo em vista o que foi discutido até agora sobre a adolescência, é importante também definirmos o conceito de juventude para esclarecer algumas questões sobre esse tema. Para Dias (2009, citado por Libório & Koller, 2009) a ideia de juventude está relacionada à chegada a vida adulta e dessa forma implica a incorporação de novos papéis. Geralmente quando falamos nessa fase de desenvolvimento humano a relacionamos a um momento do ciclo de vida em que ocorre uma passagem da infância à vida adulta. E a entrada nessa nova fase acarreta mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais que variam de acordo com as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero.

E, nos dias atuais, esse período de desenvolvimento está cada vez mais prolongado, já que o ser humano está demorando a entrar na vida adulta por causa de uma necessidade cada vez maior de investimento na escolarização e qualificação antes de ser inserido no mercado de trabalho. Ligado a isso, uma gama de tarefas desenvolvimentais são atrasadas e a ocorrência de uma gestação nesse período é visualizada como algo que foge à regra quando falamos em desenvolvimento (Heilborn et al., 2002, citado por Libório & Koller, 2009).

De acordo com Castro, Abramovay, Lima e Pinheiro (2004, citados por Libório & Koller, 2009) defendem que a juventude está relacionada a diferentes critérios: 1) A idade dos jovens está compreendida entre os 15 e os 24 anos de idade se usarmos o critério demográfico; 2) Com relação à biologia e à psicologia, a juventude está compreendida entre a maturidade fisiológica e a maturidade social. Mas, vale ressaltar que nem todas as pessoas que estão na mesma faixa etária experienciam esse momento da vida de maneira parecida ou alcançam essa meta no mesmo período. Dessa forma, a juventude possui diferentes

significações para as pessoas que estão em classes sociais diferentes e também é vivida de forma diferente de acordo com o ambiente e com as circunstâncias que o ser humano se desenvolve.

O conceito de adolescência escolhido foi o que a conceitua não apenas como uma mudança de fases (da infância para idade adulta), mas a estuda como uma fase de desenvolvimento com identidade própria e com um psiquismo inerente a ela.

CAPÍTULO III

RELACIONAMENTOS NA ADOLESCÊNCIA

Antes de falar sobre as formas que os adolescentes se relacionam na atualidade, faremos algumas considerações a respeito dos novos formatos de conjugalidade nos tempos atuais.

1- Conjugalidade

A definição do termo conjugalidade apresentou mudanças no decorrer do tempo e enquanto a sociedade passava por transformações, as relações amorosas também eram alteradas. Há algum tempo atrás, quando duas pessoas decidiam dividir a vida juntas, elas almejavam o casamento tradicional; hoje, a forma de convivência a dois foi alterada e com isso surgiu uma nova forma de conjugalidade (sem a oficialização civil e/ou religiosa).

Diante das rápidas transformações sociais, os relacionamentos amorosos também passaram por mudanças ocasionando novas formas de conjugalidade. Para Menezes (2006) as mudanças ocorridas nos relacionamentos entre os casais e nos novos formatos de famílias são vistas por alguns pesquisadores como respostas às mudanças ocorridas no mundo atual e que sofrem permanente influência das mudanças nas regras e valores sociais.

Para entendermos melhor como surgiram as novas formas de conjugalidade na atualidade é importante destacarmos algumas alterações que o casamento sofreu no decorrer do tempo. Inicialmente, o casamento estava ligado ao aspecto biológico, ou seja, à reprodução e ao sexo; e por muito tempo a sua função era a perpetuação da espécie (Saraceno, 2003). E para Zordan, Falcke e Wagner (2009), no decorrer dos tempos, o casamento passou a estar ligado aos aspectos econômicos e sociais. Atualmente, as mudanças sociais, a emancipação feminina, a revolução sexual, o aperfeiçoamento dos métodos anticoncepcionais e das técnicas de reprodução, entre outros fatores, são os responsáveis por alterar a definição e a posição do casamento no nosso cotidiano.

Ainda de acordo com Zordan, Falcke e Wagner (2009), até os anos 70, existia um formato único de família nuclear tradicional, a qual apresentava algumas características, tais

como: o casamento heterossexual não podia ser desfeito, o homem era visto como provedor e a mulher como mãe e dona de casa; hoje, as pessoas conseguiram autonomia nas relações afetivas, na sexualidade, na reprodução e no trabalho. E as mulheres decidiram prorrogar o casamento e ter filhos mais tarde, com o objetivo de garantir o seu futuro profissional. Em virtude isso, o casamento no início do século XXI apresenta como característica fundamental as várias formas de conjugalidade.

Diante dessas mudanças ocorridas nos relacionamentos amorosos é importante apresentarmos algumas pesquisas relacionadas ao tema. Wagner, Falcke e Meza (1997) realizaram um estudo em Porto Alegre no final da década de 1990. A amostra era composta por jovens de 12 a 17 anos (de classe média), estudantes de escolas particulares e públicas e os dados obtidos mostraram que o casamento não está entre os principais objetivos na vida dos jovens; eles priorizam a busca pela felicidade, a realização pessoal e a realização profissional. Outra pesquisa realizada por Zagury (1999), também na década de 1990, com 943 adolescentes, em sete capitais brasileiras, na faixa etária dos 14 aos 18 anos mostrou que o casamento apenas simboliza projeto de vida para 42,4%, para 29,3%, só ocorrerá junto a um grande amor; casar não estava nos objetivos de 13,1%; para 13,0%, casar ou morar junto tanto faz; e 2,1% não responderam.

Como uma nova expressão das formas atuais de conjugalidade, pode-se citar o que Duarte e Rocha-Coutinho (2011) chamam de “namorido” e esse conceito representa um novo formato de relação amorosa nos dias atuais. Ele é bastante utilizado na zona sul da cidade do Rio de Janeiro e conceitua uma relação na qual os parceiros (depois de um tempo curto de namoro) decidem morar juntos, sem a necessidade de legalizar a relação. Como um diferencial em relação aos casamentos tradicionais (maneira antiga de conjugalidade), naquela nova expressão de conjugalidade, um dos parceiros fica cada vez mais na casa do outro até que decidem dividir a vida a dois. Assim nota-se que o pouco tempo que vai do namoro até decidirem dividir o mesmo espaço físico demonstra a rapidez dos acontecimentos no mundo contemporâneo.

Ainda de acordo com Duarte e Rocha-Coutinho (2011) a duração do relacionamento conceituado como “namorido” pode se prolongar até uma união estável, sem necessariamente a legalização através do casamento civil ou religioso. A união também pode ser legalizada depois de um tempo de convivência ou após o nascimento de filhos. Esse tempo do “namorido” pode servir como uma espécie de *test drive* com o objetivo dos parceiros se conhecerem melhor antes de decidirem por uma união mais definitiva, seja ela formalizada ou não. O mais importante não é planejar o desfecho do “namorido”, mas sim ter a flexibilidade

para poder decidir livremente se e como as pessoas envolvidas desejam alterar o *status* da relação. De uma maneira diferente do passado, em que a união amorosa estava ligada aos interesses familiares, atualmente ela está mais relacionada aos desejos dos indivíduos. Desse modo, a legalização da relação diante da sociedade não tem maior importância para os parceiros.

O fenômeno "fugir de casa", que é estudado nessa pesquisa é muito comum no agreste sergipano e apresenta características diferentes do que foi descrito por Duarte e Rocha-Coutinho (2011) como "namorido"; esse último designa uma relação na qual os enamorados (depois de um tempo curto de namoro) decidem morar juntos, sem a necessidade de legalizar a relação; e o "fugir de casa" representa uma união em que os jovens decidem morar juntos sem o consentimento dos pais, desejam "fugir" de algo ou de alguém, não existe o "*teste drive"* antes e, geralmente, não ocorre nem a legalização civil e nem religiosa desse relacionamento.

2– Relacionamentos amorosos na adolescência

Percebe-se que a maneira como o amor acontece na vida das pessoas passou por muitas mudanças no decorrer da evolução humana e isso também ocasionou mudanças nos relacionamentos atuais. Por isso, é salutar discutirmos as questões sobre como o amor é visto e experienciado pelo ser humano na atualidade.

Bauman (2004) é um dos autores em que podemos visualizar como acontecem os relacionamentos amorosos na sociedade moderna. Esse autor discute sobre a fragilidade dos laços humanos e como isso interfere na maneira das pessoas se apaixonarem. Ele denomina o nosso período atual como a era da modernidade líquida, ou seja, vivemos em um mundo cheio de sinais confusos e propensos a mudar de forma rápida e imprevisível. E tudo isso é muito ruim para a nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, a nosso parceiro ou a nós mesmos.

O autor citado anteriormente relata que a sociedade atual está repleta de individualização e que os relacionamentos humanos são ambíguos. Eles oscilam entre o sonho e o pesadelo e não temos como precisar quando um vai se transformar no outro; como também, na maior parte do tempo, esses dois coabitam mesmo em diferentes níveis de

consciência. E diante disso, no líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os maiores representantes da ambivalência.

Por causa dos relacionamentos frágeis e não duradouros da atualidade, percebemos que eles estão entre os pilares do atual "boom do aconselhamento"; e por causa da sua complexidade é muito difícil os entendermos sem auxílio de um profissional Bauman (2004). E as pessoas que procuram esse tipo de ajuda esperam ouvir do profissional é a solução de como aproveitar os momentos bons de um relacionamento e evitar o lado ruim que possa ocorrer. Por outro lado, observamos pessoas que se tornam leitores assíduos dos especialistas que trabalham com relacionamentos humanos, achando, dessa forma, que é possível encontrar o "relacionamento de bolso" que poderemos usar quando necessário. E o que aprendemos é que o compromisso, e em particular o compromisso a longo prazo, deve ser evitado quando queremos nos relacionar. Um especialista comunica aos leitores: "Ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se de que possivelmente estarão fechando a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas". Outro se mostra ainda mias insensível: "A longo prazo, as promessas de compromisso são irrelevantes... E seguindo esses conselhos, se você deseja "relacionar-se", mantenha distância; se quer desfrutar do convívio, não assuma e nem exija compromissos, ou melhor, deixe todas as portas sempre abertas.

Os habitantes do nosso líquido mundo se ligam as outras pessoas através de "relações virtuais"; e ao contrário dos relacionamentos antiquados (com compromisso), àquelas relações parecem feitas sobre medida para o líquido cenário da vida moderna, na qual desejamos que as "possibilidades românticas" apareçam e desapareçam numa velocidade crescente e cada vez maior e tentando impor a promessa de "ser a mais satisfatória e a mais completa". De maneira diferente dos "relacionamentos reais", é fácil entrar e sair dos "relacionamentos virtuais". Entrevistado sobre a crescente popularidade do namoro pela Internet, em comparação com os bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma grande vantagem da relação eletrônica: "Sempre se pode apertar a tecla de deletar".

A modernidade trouxe para o ser humano não apenas avanços tecnológicos, mas também proporcionou uma nova maneira de nos comportarmos com os que estão ao nosso redor. Os adolescentes, por representarem um grupo social sempre aberto a novas experiências, são os que mais experimentaram novas formas de relacionamento.

Atualmente, a vida amorosa dos adolescentes é muito diferente da vivida pelas gerações anteriores, já que, nos tempos atuais, existem várias maneiras de se relacionar que

envolvem novos padrões. Hoje, os adolescentes “ficam”, trocando beijos e carícias, o que é um comportamento novo e por isso aparece como algo incompreensível para a geração passada. A vida sexual é iniciada mais cedo e por isso a união conjugal acontece com maior experiência na área sexual. O sexo é mais falado abertamente que no passado e as primeiras experiências sexuais acontecem em um contexto de relacionamento amoroso, mas em outros casos acontecem como curiosidade, como obtenção de prazer, não necessariamente ligado a um compromisso formal (Matos, Féres - Carneiro & Jablonski, 2005).

Os relacionamentos amorosos na adolescência representam uma forma de “ensaio” para a vida adulta e as experiências vividas podem servir para o indivíduo se relacionar e testar suas capacidades para tal, envolvendo o “ficar”, namorar, ter relações sexuais, etc. Diante disso, pode-se dizer que a vida amorosa e sexual dos adolescentes está ligada a um contexto global de busca pela procura de uma identidade (Matos, Féres - Carneiro & Jablonski, 2005).

Matos, Féres - Carneiro & Jablonski (2005) realizaram um estudo com dez adolescentes (cinco meninas e cinco meninos) de camadas populares cariocas, com idades entre 13 e 17 anos. A análise dos dados mostrou que os participantes relataram que para um relacionamento amoroso dar certo, é necessário que haja confiança, fidelidade e sinceridade. Um dos entrevistados relatou: “Primeiramente confiança... Com certeza absoluta, confiança... Esse negócio de beleza é um negócio que não tem muita coisa a ver. Agora, principalmente confiança, é você pode acreditar em mim e eu poder acreditar em você, e até às vezes esquecer-se do mundo, entendeu...”.

3 - Sexualidade e Gênero na adolescência

A sexualidade é muito mais do que uma prática na esfera da biologia, mas implica em relações sociais e vínculos afetivos, em desejo e projeto, nas decisões e indecisões sobre escolhas afetivas, paternidade e maternidade e tantas outras vertentes da experiência. Assim, a educação sexual também ultrapassa a transmissão de informações sobre o corpo e a biologia para se estender às esferas da afetividade, da sociabilidade e da ética. Exatamente por isso, não se trata de doutrinar os jovens das gerações de seus pais. Como também, não se pode associar uma regra moral inflexível a cada informação sobre o corpo, em uma relação pedagógica paternalista ou autoritária (Rena, 2001).

Pelo contrário, devemos estimular a reflexão e elaboração do conhecimento diante da vida, dos prazeres e das angústias que estão relacionados à sexualidade. Atualmente, muitas pessoas relacionam a educação sexual a uma maneira de prevenir a gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis. Não querendo minimizar a importância da educação sexual na área da saúde, devemos pensar que a importância da educação sexual não está apenas ligada aos aspectos "preventivos", mas devemos abrir um espaço de discussão não somente para o jovem, mas também para os adultos que se sentem responsáveis por eles (Rena, 2001).

Para Afonso (1997), entre as manifestações da chamada crise de identidade que marcam o período da adolescência destacam-se aquelas que se referem à dimensão da sexualidade. A definição de uma identidade sexual e dos papéis no âmbito do grupo são questões a serem respondidas o quanto antes por adolescentes de ambos os sexos. Em interação com quem compõem seu cenário sociocultural, meninos e meninas em transformação veem as referências de masculinidade e feminilidade, adquiridas durante a infância, submetidas ao crivo das novas descobertas da adolescência.

É claro que toda vez que queremos educar os jovens, somos obrigados a nos perguntar: "mas, o que sabemos?" Pois a sexualidade está tão ligada ao ser humano que podemos incluí-la em questões fundamentais sobre as quais aumentar o nosso conhecimento não significa diminuir a nossa ignorância. E por isso, percebemos que em uma sociedade na qual a informação sobra, mas a comunicação falta, em que há muito falatório sobre sexo, mas pouca palavra, é necessário buscarmos métodos que revalorizem o diálogo, o autoconhecimento e uma melhor integração entre sentir, pensar e agir. Essa busca inclui a compreensão do trabalho educativo em seu contexto sociocultural.

Podemos perceber que a vivência da sexualidade possui uma dinâmica própria nos quais vários fenômenos (resultantes da interação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a cultura) ocorrem. Chauí mostra a importância dessa dinâmica no seu estudo sobre a repressão sexual quando fala: "Temos, assim, um fenômeno curioso, qual seja o de que algo suposto ser meramente biológico e meramente natural (sexo), sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história" (Chauí, 1985, p. 10).

Levando em consideração o fato da adolescência e da juventude serem criadas socialmente, influenciadas pela cultura e pela história, e não analisadas como fases naturais ou universais do desenvolvimento humano, suas peculiaridades devem ser entendidas como uma evolução histórica na formação individualizada de cada ser humano. As vivências, os sentidos

e as oportunidades que fazem parte das vidas dos adolescentes estão relacionados às suas experiências de vida, ao fato de entrarem em uma determinada classe social e da sua condição de gênero. E a sexualidade, as diferenças de gênero e a classe social proporcionam marcas muito importantes na vida dos jovens (Libório & Castro, 2009).

Entre muitas mudanças que ocorrem na vida dos adolescentes, a descoberta da sexualidade representa um marco muito importante em suas vidas. Em virtude disso, Heilborn (2006) defende que o sexo tem que ser visto como um comportamento humano aprendido, como por exemplo, a alimentação e os hábitos de higiene.

De acordo com Borges (2004) em relação às mudanças corporais, emocionais, afetivas e amorosas que surgem durante o desenvolvimento da sexualidade do adolescente, o início da vida sexual é percebido como um acontecimento muito importante na vida dos jovens; e sem está ligado ao casamento ou à reprodução e ainda continua sendo visto como uma mudança da adolescência para a vida adulta.

As mudanças culturais ocorridas nos últimos anos apresenta como consequências o início da vida sexual dos adolescentes cada vez mais cedo, demonstrando uma transformação no modelo de comportamento social e sexual (Ministério da Saúde, 2007).

Borges, Latorre e Schor (2007) relatam que dois tipos de aspectos estão relacionados ao início da vida sexual; os primeiros são os individuais e estão relacionados à idade, cor, sexo, religião, escolaridade e a situação de trabalho; os outros são os familiares e estão ligados à comunicação e ao relacionamento entre pais e filhos, à supervisão parental e à estrutura familiar. Outros fatores relatados na literatura, principalmente internacional, estão ligados à influência dos parceiros no comportamento sexual dos adolescentes.

Para Borges e Schor (2002), o início da vida sexual de qualquer indivíduo é percebido como um acontecimento marcante na sua vida reprodutiva e tem acontecido cada vez mais cedo, e esses autores realizaram pesquisas sobre esse assunto, as quais serão descritas a seguir: 1) Para Ferraz e Ferreira (1998), em 1986, somente 14,0% dos jovens entre 15 e 19 anos tiveram relação sexual antes do casamento e, em 1996, esta porcentagem aumentou para 30,0%; 2) De acordo com o Ministério da Saúde (MS), a idade média do início da vida sexual dos jovens, em 1984, foi 15,3 anos entre os homens de 16 a 19 anos de idade e 16 anos entre as mulheres da faixa etária; e em 1998, a idade média diminuiu para 14,5 e 15,2 anos respectivamente.

Borges e Schor (2002) também realizaram uma pesquisa com 406 jovens (54,7% do sexo feminino e 45,3% do sexo masculino) com jovens de 15 a 19 anos de idade. Os dados mostraram que os jovens tiveram a primeira relação sexual aos 15,13 anos de idade; como

também, eles iniciaram a vida sexual com parceiros mais velhos; e a primeira relação sexual foi relatada como tendo "simplesmente acontecido" por 72,7% dos entrevistados; com relação ao uso de métodos contraceptivos, 61,1% dos jovens informaram terem se prevenido na primeira relação sexual e a grande maioria utilizou o preservativo masculino (96,5%).

E quando a sexualidade aparece como algo novo na vida dos adolescentes e muitas vezes sem terem informações necessárias para exercerem a prática sexual, pode ocorrer a gestação na adolescência.

Gonçalves e Knauth (2006) estudaram os significados da gestação na adolescência, em diferentes classes sociais, na cidade de Pelotas (RS). Os pesquisadores perceberam que ser jovem ou estar jovem está relacionado a uma maneira de se comportar perante situações diferentes daquelas vivenciadas em outras fases da vida; ou seja, ser jovem é aproveitar a vida, é sair, namorar, ficar, divertir-se, paquerar, dançar e curtir. E para os participantes da pesquisa ficar grávida na adolescência é algo que não deveria acontecer porque restringiria os objetivos de vida dos jovens.

No cenário das sociedades ocidentais contemporâneas, não é esperado que os jovens engravidem porque se isso ocorrer pode prejudicar o desenvolvimento do indivíduo e diminuir as chances de terem um futuro promissor (Oliveira, 1998). Desse modo, a adolescência é vista como uma fase repleta de experiências e na qual o jovem experimenta várias oportunidades antes de se dedicarem a compromissos sérios. Essa fase da vida nas culturas ocidentais pode ser percebida com um meio de aprimoramento do ser ideológico, pois várias ideias atuais sobre o mesmo destacam uma característica "individuacionante" desse período da vida: "trata-se, essencialmente, de uma crescente separação dos pais (autonomia) acompanhada de um esforço de construção de uma identidade que é, acima de tudo, individual" (Teixeira & Dias, 2004; p. 13). Desse jeito, a obtenção de uma ideia de identidade é um dos objetivos mais importantes a serem alcançados nesse período de desenvolvimento.

Em um levantamento a respeito de dados relacionados à gravidez na adolescência, o IBGE (2007) destaca que 19,3% dos nascimentos registrados são de mães com idades entre quinze e dezenove anos; e, quando analisamos as adolescentes com idades menores de quatorze anos essa porcentagem atinge os 20%. Outro fato também importante é que o registro extemporâneo das crianças é maior entre mães adolescentes que entre mães adultas (IBGE, 2007).

A gravidez na adolescência é continuamente estudada por causa das consequências que acarreta não só para a nova mãe como também para os que estão ao seu redor, de maneira

especial para a família da jovem (Gontijo & Medeiros, 2004). Quando a gravidez aparece na fase da adolescência pode diminuir as chances da jovem ter um futuro promissor. A adolescente, por ter que se dedicar quase integralmente para tomar conta do recém-nascido apresenta maior probabilidade de deixar de estudar, como também ter que entrar no mercado de trabalho antes de uma preparação profissional adequada (GRAVAD, 2006; Heilborn et al.,2002). Mas, não se pode afirmar que a gravidez na adolescência provoque a evasão escolar; algumas pesquisas mostraram que a saída da escola aconteceria antes da gravidez (Aquino et al., 2003; Breheny & Stephens, 2007). E para autores como Esteves e Menandro (2002), a baixa realização escolar diminuiria a expectativa de planos de vida para o futuro. Dessa forma, cogita-se que a evasão escolar não seria consequência da gravidez, mas relacionada a ter objetivos de vida. E, por fim, a junção desses acontecimentos provocaria a repetição de um ciclo de pobreza (Aquino et al., 2003; Breheny & Stephens, 2007; Diniz, 2010).

A maternidade também se apresenta como uma redefinição do papel feminino na vida de uma mulher. A adolescente grávida, além do seu papel de filha, tem que incorporar o papel de mãe e muda a sua maneira de se relacionar com sua mãe e com os demais membros da família (Daadorian, 2003). Dessa forma, a gravidez também poderá ser vista como um acontecimento que atrapalha o desenvolvimento da jovem, a qual terá que exercer ao papel mãe antes de se explorar e se descobrir como mulher; e esse fato poderá criar entraves do exercício do papel materno. E também, a adolescente poderá visualizar o bebê como um ser independente de si, e que possua necessidades e vontades próprias (Figueiredo, 2001, 2003).

O fato de uma adolescente estar grávida não pode ser visto apenas com relação aos aspectos negativos. Pesquisas destacam o valor social positivo que a maternidade pode proporcionar à jovem quando se destaca que a maternidade é vista como uma alternativa encontrada pelas jovens de classes baixas para conseguirem ser reconhecidas socialmente (Dias & Teixeira, 2010; Gontijo & Medeiros, 2004; Merrick, 1995; Oliveira, 2005; Ximenes Neto, Dias, Rocha & Cunha, 2007). Através dos dados obtidos cita-se como exemplo a relação entre gestação na adolescência e menores chances de inserção social, o qual poderia ser alcançado através do estudo ou da profissionalização. Dessa forma, as jovens que têm menos oportunidades de lazer em suas vidas ou de outras inserções socioculturais valorizadas, como as que são conseguidas através dos estudos, podem ter mais chances de engravidar durante a adolescência. A gravidez e, por consequência, a maternidade podem ser tidas como uma chance da adolescente ser valorizada no grupo social no qual faz parte (Gontijo & Medeiros, 2004).

As discussões sobre sexualidade na adolescência não podem deixar de fazer algum tipo de referência às questões de gênero. Brandão e Heilborn (2006) destacam a importância da junção entre sexualidade e gênero pelo fato de ser um sistema de classificação social que articula de maneiras diferentes os aspectos masculinos e femininos nas diversas sociedades. Dessa forma, as experiências individuais de homens e mulheres em relação à sexualidade e à reprodução apenas podem ser avaliadas a partir das diferenças de gênero que mostraram as representações masculinas e femininas nas várias sociedades.

Braga e Souto (2009) definem gênero como uma variedade de características sociais, culturais, políticas, psicológicas, jurídicas e econômicas atribuídas às pessoas, de forma diferenciada, em relação ao sexo. Para Maxwell (2004) a ideia de gênero, inicialmente, surge como um contraponto ao conceito de sexo, o qual está ligado somente à diferença biológica entre macho e fêmea; enquanto gênero está ligado às construções sociais, culturais e psicológicas.

Várias diferenças são encontradas quando homens e mulheres falam de sexo. Enquanto as mulheres se interessam por uma relação afetivo-romântica, os homens se interessam pela capacidade técnica-corporal para o desempenho do ato sexual. Para eles, a sexualidade não está vincula às expectativas românticas; a sexualidade masculina está ligada ao domínio da corporalidade ou está relacionada a fato dos sentimentos estarem sob as ordens das pulsões corporais (do sexo). O corpo masculino age de acordo com a percepção do que é socialmente legítimo e do que faz parte da identidade masculina (Leal & Knauth, 2006).

Leal e Knauth (2006) realizaram um estudo empírico que analisou as falas de 62 jovens do sexo masculino, residentes em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, com relação à seguinte temática: "Quando e como aconteceu a sua primeira experiência amorosa? Que idade você tinha? (foi um "ficar", namoro, relação sexual?)". A pesquisa mostrou que ao falar das suas primeiras experiências amorosas, os jovens entrevistados enfatizam a primeira relação sexual. Em seus discursos, eles relatam que o conhecimento do uso do corpo está relacionado a um bom desempenho. Para os jovens, a primeira relação sexual é pensada, simultaneamente, como um momento de aquisição de conhecimento, domínio de uma técnica corporal, passagem para a vida adulta e um momento muito importante para a aprendizagem do que é ser homem. Nos relatos dos homens, nota-se que na primeira relação sexual, as suas experiências são com parceiras mais velhas ou mais experientes que eles. As pesquisadoras não tratam a primeira relação sexual como um fato isolado, elas mostram que esta faz parte de um processo no qual o jovem entra na fase adulta da vida.

Ainda com relação à pesquisa descrita anteriormente, os homens, tanto das classes populares como das classes média e alta centram suas narrativas na descrição do ato, ou seja, local, duração, posições. O tipo de vínculo com a parceira é mencionado brevemente (uma namorada, uma amiga ou uma prostituta), mas há pouco interesse em falar sobre a relação ou em descrever as parceiras. Outra pesquisa realizada com jovens do sexo feminino, (Leal, 2003) encontrou dados que, ao contrário dos rapazes, elas enfatizam a descrição do contexto afetivo no qual aconteceu a iniciação sexual e falam do relacionamento, do namoro, do afeto e do parceiro.

Costa e Fernandes (2012) realizaram uma pesquisa com o objetivo de compreender as representações sociais do amor e do sexo, em adolescentes, e a sua relação com o gênero na cidade de Aracaju/SE. Participaram do estudo 301 adolescentes de escolas públicas (solteiros e de ambos os sexos), no qual 57% eram do sexo feminino e 53% do sexo masculino e na faixa etária de 12 a 18 anos de idade.

Os resultados da pesquisa mostraram que os participantes representam o sexo de maneira diferenciada em relação ao gênero. As mulheres representam o sexo como uma ação relacionada a sentimento, cumplicidade e carinho; já os homens, o sexo está ligado ao gênero, relação e orgia. Diante desses dados apresentados, as pesquisadoras enfatizam que as adolescentes do sexo feminino relacionam o sexo aos sentimentos, e os adolescentes do sexo masculino o relacionam à prática em si e à satisfação dela proveniente. Com relação ao amor, as mulheres o relacionam ao companheirismo e ao carinho, valorizando mais os laços afetivos, querendo construir relacionamentos duradouros; enquanto que os homens o relacionam ao desejo, sem necessariamente o associarem ao afeto, mas buscando a afirmação da masculinidade.

Essas mesmas representações, de amor e sexo, referentes à faixa etária, também apresentaram diferenças. O amor, para os adolescentes mais jovens (12 a 14 anos) está mais representado pelo carinho e pelo relacionamento; enquanto que os adolescentes entre 15 e 18 anos de idade representam o amor, principalmente, pela compreensão.

Borges e Schor (2002) realizaram uma pesquisa com o objetivo de averiguar quem era o primeiro parceiro sexual dos adolescentes e notou-se uma diferença nos dados obtidos em relação ao gênero dos participantes. As garotas relataram que seus primeiros parceiros sexuais eram pessoas com quem já tinham um relacionamento afetivo-amoroso estável, como o namorado (79,1%) ou noivo (7,0%); os rapazes iniciaram sua vida sexual em relações de amizade (47,7%), com pessoas recém-conhecidas (15,1%), trabalhadoras do sexo (1,2%) e

“ficantes” (3,4%); e a primeira relação sexual com um (a) namorado (a) ocorreu com 32,6% dos homens.

CAPÍTULO IV

AMOR: CONCEPÇÕES TEÓRICAS E CONFIGURAÇÕES RECENTES

O amor sempre foi um sentimento buscado por muitas pessoas ao longo dos tempos. Em virtude disso, o ser humano vivencia várias histórias de romance no decorrer da sua vida e para muitas pessoas, a forma como esse amor é praticado influencia não só as suas relações interpessoais, como também o seu desenvolvimento pessoal. Desta forma, de acordo com Sternberg (1998) e Sternberg e Grajek (1984), citados por Cassepp – Borges e Teodoro (2007) as pessoas procuram o amor não somente pelo fato desse sentimento ser muito importante nas suas relações, como também por ele estar associado a uma das maiores fontes de prazer para o ser humano.

Para Bystronski (1992, 1995) é através das relações interpessoais que o ser humano vivencia as mais fortes emoções da sua existência, destacando-se o prazer que é originado do amor. Através de várias mudanças não apenas nos papéis sociais, como também com novas maneiras das pessoas se relacionarem, provocando assim relacionamentos vagos e indefinidos é salutar um esforço bem maior para uma consolidação de uma relação bem sucedida; e não podem ser esquecidos os indivíduos que desistiram das relações afetivas. Ainda de acordo com Bystronski (1992, 1995) pesquisas demonstram que os relacionamentos íntimos satisfatórios são vistos como a forma mais importante de felicidade pessoal. E por isso, é importante o entendimento das mudanças ocorridas nos relacionamentos, devido a sua grande importância na vida das pessoas.

Desde a antiguidade, o amor foi estudado pelas várias formas do conhecimento humano; e através de uma pesquisa histórica desde a mitologia, com o cortejo de deuses e homens em batalha, passando pela literatura, com narrativas de personagens e suas histórias de paixões e tragédias, especialmente por Proust e Goethe. E esse sentimento, passou a ser estudado pela ciência após mudanças ocorridas em seu sentido no decorrer dos tempos (Nóbrega, Fontes & Paula, 2005).

Para Nóbrega, Fontes e Paula (2005), Platão pesquisou as significações psíquicas do amor, com ênfase na fenomenologia e na metafísica, e encontrou em EROS uma força vital e absoluta. Para Nóbrega, Fontes e Paula (2005), Simmel aponta que a interpretação filosófica de Platão destaca a imensa diferença entre a ética desenvolvida pelo espírito grego e as intenções descritas pela modernidade, estabelecendo a especificidade da ética platoniana em

oposição à moderna. A ética no sentido do filósofo grego está ligada ao belo enquanto objeto a ser contemplado, com existência e significação universal. Para o grego, a beleza produz o amor. E esse sentimento é compreendido como uma necessidade lógica e, portanto um objeto que tem como objetivo a contemplação da beleza. Inversamente, a modernidade relaciona o amor ao mistério e a criatividade autônoma da individualidade, tornando belo aquilo que amamos. "Para nós, a beleza da individualidade e a individualidade da beleza formam uma unidade agindo indissociavelmente, e o que nos separa mais profundamente de Platão é que para ele individualidade e beleza são dissociáveis, o amor operando precisamente a cisão que os separa; ele (o amor) se iguala à beleza e deixa a individualidade fora".

Ainda para Nóbrega, Fontes e Paula (2005) podemos perceber na Psicanálise o aparecimento de uma nova forma de conhecimento ligado aos afetos, que tinha como objetivo não só a explicação dos problemas, mas a intervenção em prática clínica a respeito da complexidade das relações afetivas, privilegiando o amor e o sofrimento. Para os autores citados anteriormente, Freud destaca que todos os sentimentos (simpatia, amizade, confiança, etc) que experimentamos na vida são originados de desejos sexuais na medida em que "primitivamente não conhecemos mais que objetos sexuais"; até mesmo as pessoas que gostamos bastante representam objetos sexuais para nosso inconsciente. E também para Nóbrega, Fontes e Paula (2005) com relação à Psicanálise, Klein analisa as experiências afetivas de amor e de dor como processos que fazem parte do eu, ligados aos mecanismos de projeção e introversão das relações intersubjetivas desenvolvidas entre os sujeitos.

Cassepp – Borges e Teodoro (2007) afirmam que para autores como Aron e Westbay, 1996; Engel, Olson e Patrick, 2002; Reis (1992) durante muito tempo, o amor sempre foi discutido pelos artistas e filósofos, mas cada vez mais as pesquisas científicas tentam entender esse sentimento. Platão (citado por Schoepflin, 2004) descreveu o amor (*EROS*) como sentimento que faz superar as baixezas do mundo material para elevar ao mundo das ideias. Cassepp – Borges e Teodoro (2007) relacionam o amor em três perspectivas diferentes: primeiramente, citam que Freud complementou a ideia de Platão ao afirmar que o amor está ligado aos instintos sexuais e que só se torna o oposto do ódio após a organização genital; em seguida, relatam que Skinner relaciona o amor a um reforçamento mútuo de comportamentos; e por último, destacam que pesquisadores como Aron, Fisher, Mashek, Strong, Li e Brown (2005) confirmam essa ideia posteriormente por estudos com neuroimagem, os quais sugerem que o sistema de recompensa é mais ativado quando se mostra a foto de uma pessoa amada.

De acordo com Mônego e Teodoro (2011) o relacionamento conjugal está presente em vários estudos psicológicos nas últimas décadas. Inicialmente, eles destacam as publicações de Falcke, Diehl e Wagner (2002); Lee (1976) e Rubin (1970), os quais relacionam as teorias e modelos que se referem à satisfação conjugal com as teorias do amor. Em um segundo momento, relatam que Donnellan, Larsen-Rief e Conger (2005) realizaram estudos que mostram a relação entre o amor e a vida familiar de cada indivíduo; e por último, informam que existe uma grande ligação entre satisfação conjugal e bem estar subjetivo, o que é defendido por Kim e Hatfield (2004).

O amor sempre foi um sentimento analisado e estudado por várias teorias durante a existência humana. As suas diversas formas de manifestação sempre despertaram um grande interesse em estudiosos do comportamento humano. Tentando entender como ele ocorre entre as pessoas, várias teorias foram formuladas com o intuito de tentar entendê-lo. Mas, se tratando de um sentimento tão complexo como é o amor, poderemos notar que apenas uma teoria será incapaz de explicá-la. Por isso, descreveremos a seguir algumas teorias que discutem o conceito do amor e as formas como o amor se manifesta no ser humano.

Um dos primeiros estudos que tinha como objetivo mensurar o amor foi realizado por Zick Rubin (1970); esse teórico analisou o amor através da diferenciação dos sentimentos de amar e gostar. Segundo ele, amar se refere à atração física, predisposição para ajudar, desejar compartilhar emoções e experiências e ao sentimento de exclusividade e absorção. Gostar está relacionado com as relações interpessoais e inclui sentimentos como o respeito, a confiança e a percepção de que uma pessoa amada tem objetivos semelhantes aos seus próprios. Dessa forma, o autor desenvolveu uma escala de amar e outra gostar, as quais aplicou em 158 casais da Universidade de Michigan. As duas escalas apresentaram consistência interna satisfatória (ɑ =,84 para homens e ɑ =,82 para mulheres na escala de amor e ɑ = ,83 para homens e ɑ =,81 para mulheres na escala de gostar). Os sentimentos de gostar e amar apresentaram uma maior correlação na amostra masculina (r =,60) do que na feminina (r =,39) havendo significância nesta diferença (z = 2.48, p < 0,05). Esses dados sugerem que as mulheres possuem uma capacidade mais acurada de diferenciar os dois sentimentos. Os casais com escores elevados na escala de amor tendem a permanecer mais tempo nas trocas de olhares do que os casais com escores mais baixos, indicando uma boa validade externa deste instrumento.

Outro estudo sobre o amor foi apresentado como a Teoria Triangular do Amor, a qual dividia esse sentimento em três elementos (vértices de um triângulo): a intimidade, a paixão e a decisão / compromisso (Sternberg, 1986, 1988). A intimidade tem como

característica o sentimento de proximidade e conexão com no relacionamento. A paixão é a responsável pela atração física e sexual, pelo romance e pelo desejo de estar juntos e pela excitação. A decisão / compromisso se refere à certeza de amar e ser amado e à vontade de manter o relacionamento durante muito tempo. Autores como Martson, Hecht, Manke, McDaniel e Reeder (1998), através da análise fatorial de um questionário aberto, propuseram que a intimidade é composta por abertura, sexo, afetividade, capacidade de apoiar e companhia silenciosa. A experiência da paixão é formada pelo romantismo e pela intimidade sexual. E o compromisso está relacionado à capacidade de dar suporte, expressões do amor, fidelidade, expressões de compromisso e consideração e devoção.

A composição dos vértices do triângulo cria sete maneiras diferentes de amar (Figura 1); e a ausência dos três vértices (intimidade, paixão e decisão/ compromisso) demonstra a ausência de amor. Quando isolamos o elemento intimidade, criamos o "gostar" (que é um sentimento próximo da amizade). A paixão ocasiona um alto grau de excitação, a qual pode ser momentânea se não estiver acompanhada dos outros componentes. O componente decisão/ compromisso une um casal através da aceitação de forças externas, como por exemplo, o medo da reação do parceiro diante do término do relacionamento ou da concordância com casamentos arranjados (esse é denominado de amor vazio por Sternberg, 1986, 1988).

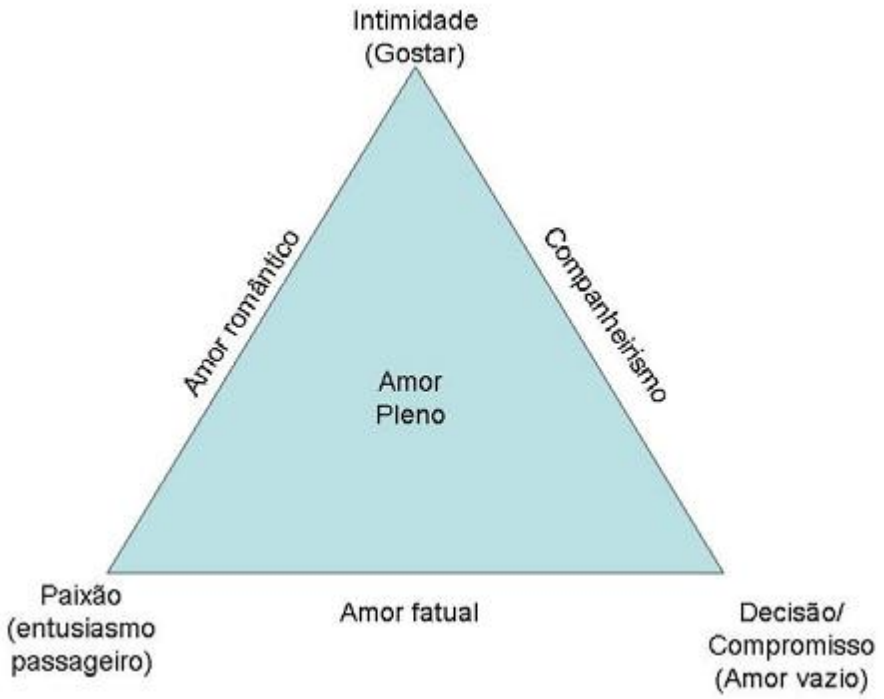

Figura 1- O triângulo do amor de Sternberg (1986) retirado de Cassepp-Borges e Teodoro (2007).

Os tipos de amor formados por pelo menos dois vértices do triângulo são maneiras mais fortes de amar. Quando unimos a intimidade e a paixão formamos o amor romântico, o qual é muito descrito na ficção. Como exemplo, podemos citar o envolvimento amoroso de Romeu e Julieta, no qual eles tinham uma ligação muito forte, mas não podiam ter um compromisso. O companheirismo acontece toda vez que juntamos a intimidade e a decisão/compromisso, o qual é muito comum entre casais que continuam unidos e felizes mesmo quando a atração física acaba. O amor fatual é o amor à primeira vista, no qual acontece a paixão e a decisão/compromisso, mas não ocorre nenhuma relação de intimidade. E o amor pleno é composto pelos três vértices do triângulo (Sternberg, 1986, 1988).

Com o objetivo de proporcionar um suporte empírico à Teoria Triangular do Amor de Sternberg, foi criada uma escala que utiliza a intimidade, a paixão e a decisão/compromisso. A validação de construto da Escala Triangular do Amor de Sternberg (ETAS) foi realizada nos Estados Unidos com a participação de 84 adultos. Os participantes responderam à primeira versão da ETAS e às escalas de amar e gostar de Rubin (1970), as quais foram utilizadas para a validação externa da ETAS. Cada escala foi respondida seis vezes, descrevendo-se o amor que sente pela mãe, pelo pai, por um (a) irmã (o), por um (a) amigo (a) do mesmo sexo, pela pessoa que ama e por um (a) amante ideal. A quantificação da importância do amor foi feita por um grupo de participantes para os seis relacionamentos descritos anteriormente. Os resultados mostraram que o efeito da variável gênero não foi estatisticamente significativo. Apesar disso, as mulheres apresentaram valores mais altos para a melhor amiga e o amante ideal. As médias relacionadas à pessoa amada e ao (à) amante ideal foram muito maiores que as outras, principalmente referente à paixão (Sternberg, 1997).

No Brasil, uma versão desta escala foi publicada em 98 alunos de pós-graduação de ambos os sexos (Hernandez, 1999). A exemplo da aplicação original (Sternberg, 1997), os valores dos coeficientes alphas obtidos no Brasil também foram elevados, sendo superiores a 0,90 em todas as subescalas. A escala, porém, também encontrou problemas em sua análise fatorial. Em uma solução com três fatores em rotação *varimax*, 12 dos 45 itens (26,7%) totais saturaram mais fortemente e em um fator diferente do pretendido. Apesar disso, o maior problema da escala foi constatado em quatro itens pretendidos para o construto "paixão", que saturaram fortemente no fator "compromisso" e discretamente abaixo de (0,21) no fator "paixão". Os resultados do estudo de Hernandez em desacordo com a teoria podem ser reflexo do baixo número de participantes no estudo (Bortz, 2005), o que dificultaria a interpretação sobre o uso da escala no Brasil.

Pesquisadores como Paula, Fontes e Nóbrega (2005) destacam algumas definições de amor e dentre elas descreveremos três. Primeiramente, iremos mostrar a definição de Doron e Parot, os quais visualizam o amor como uma forma particularizada de sentimento e ele aparece quando uma pessoa deseja e busca de uma outra pessoa receber e dar prazeres (satisfações) que podem ser de diferentes naturezas tais como sexuais, de admiração, compreensão, proteção, etc.

Paula, Fontes e Nóbrega (2005) também destacam que para Simmel o amor é descrito como o "movimento que conduz um sujeito em direção a outro", uma função constitutiva da vida psíquica, dinâmica conduzida por um objeto, mas que não é provocada por esse, já que o outro é a representação que o próprio sujeito ocasiona. O amor está, antes de tudo, intrincado no seu objeto e não apenas ligado a ele, ou seja, o objeto de amor não precede ao amor na sua existência, mas apenas existe com e pelo amor.

A terceira definição de amor relatada por Paula, Fontes e Nóbrega (2005), é a defendida por Maisonneuve. Na qual, o amor pode ser considerado de duas formas: como um sentimento que se manifesta na forma de desejo do outro (um objeto, uma pessoa ou um deus) e o amor no sentido restrito e corrente que pode ser percebido como uma atração mútua entre os sexos. Em virtude disso, Paula, Fontes e Nóbrega (2005) defendem que o amor pode ser visto como um fenômeno de dupla face, dor e prazer, o amor está visceralmente ligado à dor e a infelicidade quando existe na ausência de reciprocidade; e está relacionado à felicidade quando são partilhadas e satisfeitas as expectativas dos parceiros.

Hernandez e Oliveira (2003) realizaram uma pesquisa bibliográfica a respeito de algumas teorias sobre o amor. Dentre elas, os autores destacam cinco estudos que tentam explicar esse sentimento que vem despertando tanto interesse na comunidade científica. Primeiro, destacaremos os estudos de Fromm. Para Hernandez e Oliveira (2003), Fromm distingui dois tipos de amor: o primeiro é o amor verdadeiro, o qual é visto como uma atividade, e que tem como características cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento; o segundo é o falso amor que é baseado na submissão e na passividade, como também possui traços neuróticos. O amor como atividade é o amor maduro, o qual supera o sentimento de isolamento, e preserva a própria integridade e individualidade. Segundo os mesmos autores, Fromm também enfatiza que relacionado ao amor-passividade está a união simbiótica, na qual a pessoa foge do sentimento de isolamento e separação tornando-se parte da outra pessoa (que dirige e protege). E essa submissão implica em dependência e falta de integridade.

A outra teoria destacada por Hernandez e Oliveira (2003) é a de Maslow. Esse pesquisador baseia a sua teoria do amor no aspecto precisar e relaciona esse sentimento com

uma necessidade de algo a ser preenchido. Ele faz uma diferenciação entre dois tipos de amor: o primeiro é baseado nas necessidades de deficiência – "necessidades D", que são as biológicas, de segurança de amor e pertença e as relativas à autoestima; o segundo está relacionado com as necessidades ligadas ao ser – "necessidades S", que são as intelectuais, estéticas e de auto-realização. O "amor D" é autocentrado, egoísta e fragmentado. Já o "amor S" é altruísta, não possessivo, proporciona maior prazer e resulta na aceitação do próprio eu.

Os estudos de Dietch sobre o amor, papéis sexuais e saúde psicológica também foram destacados por Hernandez e Oliveira (2003). Os autores citados anteriormente relatam que Dietch encontrou dados que mostraram uma relação entre a auto-realização e o "amor S". Percebeu-se que quanto maior o nível de auto-realização de um indivíduo, maior sua capacidade de oferecer "amor S". Comparando as mulheres com os homens, as primeiras demonstraram uma maior capacidade de "amor S". E ainda para Hernandez e Oliveira (2003) essa constatação também pode ser encontrada nos dados obtidos por Dion e Dion quando as mulheres demonstram atitudes de maior amor, apreço e confiança, como também experienciam maior euforia do que os homens em relacionamentos amorosos. Por outro lado, o estereótipo do papel masculino ocasiona a proibição de uma expressão emocional, impedindo a capacidade masculina de praticar o "amor S".

A quarta teoria destacada por Hernandez e Oliveira (2003) é a de Hatfield. Esse pesquisador separa o amor em dois tipos: o apaixonado e o companheiro. O amor apaixonado está ligado a um intenso desejo de união com outra pessoa; existindo reciprocidade ocorre êxtase e realização, mas ocorrendo uma separação se instala um vazio e provoca ansiedade e desespero. Podemos visualizar um profundo despertar fisiológico e o relacionamos a várias emoções fortes, tanto negativas quanto positivas, as quais podem se apresentar de maneira intercalada. O amor companheiro se caracteriza por um processo de aproximação entre os indivíduos, explorando as suas semelhanças e diferenças na maneira de pensar, sentir e agir. Dessa maneira, os parceiros apresentam desejo de se revelar um ao outro compartilhando segredos, valores, fraquezas e esperanças. Também podemos observar uma grande preocupação e cuidados com o outro, como também com relação à proximidade física.

A quinta teoria destacada por Hernandez e Oliveira (2003) enfoca uma teoria conceituada de As Cores do Amor, a qual foi idealizada por Lee; e essa teoria relaciona o amor com as cores. Para Hernandez e Oliveira (2003), Lee afirma que tanto nas cores como no amor encontramos várias formas (ou love-styles). Lee deixa de enfatizar o quanto duas pessoas se amam e dá mais importância às cores do amor que criam uma boa combinação. Dessa forma, ele conceitua três estilos primários de amor: o primeiro é e*ros* (o amor erótico) –

está relacionado à atração física, na qual o foco principal é a pessoa ideal; e com isso as pessoas envolvidas nessa relação se abrem mutuamente para o conhecimento. O segundo estilo é o *storge* (o amor companheiro), no qual a afeição e o companheirismo acontecem aos poucos e não ocorre à procura pela pessoa ideal; almeja-se encontrar pessoas com gostos parecidos com os nossos e com as quais podemos ficar juntos. O terceiro estilo de amor é o *ludus*, o qual está ligado ao prazer (relação sem compromisso) e que o sujeito procurado não precisa ter um tipo ideal. Lee afirma que os lúdicos são pluralistas, mas são honestos com relação a esse fato.

Ainda de acordo com Hernandez e Oliveira (2003), Lee relata a existência de outros tipos de amor (cores secundárias do amor) ocorrem a partir da combinação dos estilos descritos no parágrafo anterior. A mania (e*ros* + *ludus*) tem como característica a preocupação obsessiva pelo ser amado, de maneira ciumenta e possessiva. No *pragma* (*ludus* + *storge)* o ponto principal é a compatibilidade e está relacionado a interesses comuns. E o *ágape* (*eros* + *storge)* é o amor altruísta, respeitoso, dedicado e desinteressado. Lee também afirma que também identificamos tipos terciários de amor como, por exemplo, e*ros estórgico, eros ludus e ludus estórgico* que são originados da combinação de tipos primários e secundários.

Quando falamos em amor ou como as pessoas se relacionam não podemos deixar de discutir sobre o prazer ou o desprazer que o relacionamento amoroso provoca nas pessoas envolvidas. Hernandez e Oliveira (2003) realizaram um levantamento bibliográfico sobre a satisfação/insatisfação conjugal e destacam alguns estudos sobre o tema, os quais citaremos a seguir.

O primeiro estudo foi o realizado por Bystronski, a qual destaca que o grau de satisfação de uma pessoa com o seu relacionamento está ligado a uma avaliação que ela mesma faz sobre a qualidade do seu relacionamento; e essa qualidade se refere aos resultados alcançados a partir dessa relação (positivos ou negativos), o nível de comparação entre os resultados da relação e o padrão interno de satisfação (varia de acordo com as experiências passadas da pessoa). E assim, quando nos acostumamos a conseguir resultados satisfatórios em nossos relacionamentos, um alto grau de comparação irá surgir como uma consequência, ocasionando assim a procura por relacionamentos nos quais os benefícios sejam maiores que os custos. E Outro aspecto citado como muito importante para Bystronski na avaliação da satisfação de uma relação é a equidade. Ela afirma que uma relação vista como equitativa com relação aos custos e aos benefícios será avaliada como mais satisfatória quando os sentimentos, geralmente, indesejados de explorar ou serem explorados não fazem parte do

relacionamento. E essa satisfação na relação amorosa também é levada em consideração por outros autores que estudam o relacionamento amoroso.

O segundo estudo foi o realizado por Hendrick e Hendrick. Eles afirmam que a satisfação é um dos aspectos mais levados em consideração no julgamento de uma relação amorosa. E defendem que a satisfação está ligada ao próprio sentimento (sentimento subjetivo) que a pessoa possui sobre o seu relacionamento íntimo; e também afirmam que para acontecer um ajustamento do relacionamento há uma maior ligação com os comportamentos realmente observados na relação (denominado como "funcionamento" da relação).

O terceiro estudo, realizado por Shackelford e Buss (1977) enfatiza que a satisfação ou insatisfação conjugal podem ser estudadas em uma vertente psicológica evolutiva, na qual são denominadas como estados psicológicos ligados a uma relação custo/benefício de um relacionamento amoroso específico. E com tudo isso, o casamento traz consigo a necessidade de adaptação, não só a um sexo específico, mas também tanto para homens quanto para mulheres. Essa necessidade de adaptação não é estática, mas muda de acordo com o que vai acontecendo durante a união e chama a atenção para o "contexto flutuante" (mudanças que ocorrem) do casamento; e só acontecerá a satisfação na união se as dificuldades de adaptação forem sanadas. E a influência da cultura, faz com que as mulheres procurem no futuro companheiro características tais como: capacidades aquisitivas, de trabalho e ambição. Já os homens procuram esposas que possuam a capacidade reprodutiva, a qual é avaliada com relação à juventude e a atratividade física. E ambos os sexos destacam a inteligência, a generosidade e a confiança como aspectos primordiais na procura pelo companheiro.

E o estudo de Shackelford e Buss, também informa que com relação ao aspecto evolutivo, a discordância no valor dos parceiros está ligada a uma insatisfação dos membros do casal; e assim causam ansiedade no parceiro menos valorizado, o qual teme que o seu companheiro procure fora do casamento por pessoas de valor comparável. Ou melhor, o esposo de maior valor também poderá mostrar a sua insatisfação quando os benefícios recebidos podem ser menores do que os custos em continuar no relacionamento, eliminando a probabilidade de procurar por outros relacionamentos. E quanto maior a diferença com relação à valorização do parceiro, maior será a insatisfação para os homens do que para as mulheres em seus relacionamentos, no entanto não ocorrendo um entendimento de quais são as causas dessa diferença.

Com relação ao relacionamento amoroso, um fato importante é destacado por Sternberg (1989) o qual cita que mesmo que as relações românticas aconteçam entre duas

pessoas de carne e osso, também podem envolver outros indivíduos (os companheiros ideais de cada um). A felicidade e a satisfação de um dos parceiros na relação poderá ser prejudicada pela imaginação, a qual pode representar uma versão "hollywoodiana" de perfeição ou uma expectativa ligada ao presente, como também em experiências passadas de um indivíduo.

Deve-se, também, levar em consideração que a felicidade de uma pessoa está ligada ao fato da relação na qual faz parte supere ou não o seu grau de comparação, ou seja, o que espera de uma relação de acordo com as suas experiências passadas. Podemos verificar esse fato com a seguinte ideia: primeiramente, estabelecemos o grau de comparação para o presente (não apenas com relação ao amor que a pessoa tenha sentido em relações anteriores), mas também a sua ideia real para o que deseja conseguir nos relacionamentos presentes e futuros, ou seja, o ideal possível para a sua vida; em seguida, inserindo não apenas o ideal do que uma pessoa desejaria realmente sentir por outro, mas também o ideal do que gostaria que o outro sentisse por si. Dessa forma, podemos observar o que cada membro do casal sente um pelo outro, o que desejaria idealmente sentir pelo outro, o que cada um percebe que o outro sente por ele e como cada um gostaria que fosse a maneira ideal que o outro sentisse por ele (Sternberg, 1989).

E para Sternberg (1989) o que merece destaque não é apenas o sentimento que nutre pelo outro ideal, mas a diferença entre o que sente pelo outro ideal em contraposição pelo que sente pelo outro real; ou melhor, o que mais interessa não é apenas o que um anseia de maneira ideal, mas a diferença entre o que deseja e o que sente que consegue.

Percebemos que a maneira como o amor acontece na vida das pessoas passou por muitas mudanças no decorrer da evolução humana e isso também ocasionou mudanças nos relacionamentos atuais. Por isso, é salutar discutirmos as questões sobre como o amor é visto e experienciado pelo ser humano na atualidade.

Bauman (2004) é um dos autores em que podemos visualizar como acontecem os relacionamentos amorosos na sociedade moderna. Esse autor discute sobre a fragilidade dos laços humanos e como isso interfere na maneira das pessoas se apaixonarem. Ele denomina o nosso período atual como a era da modernidade líquida, ou seja, vivemos em um mundo cheio de sinais confusos e propensos a mudar de forma rápida e imprevisível. E tudo isso é muito ruim para a nossa capacidade de amar, seja esse amor direcionado ao próximo, a nosso parceiro ou a nós mesmos.

O autor citado anteriormente relata que a sociedade atual está repleta de individualização e que os relacionamentos humanos são ambíguos. Eles oscilam entre o sonho e o pesadelo e não temos como precisar quando um vai se transformar no outro; como

também, na maior parte do tempo, esses dois coabitam mesmo em diferentes níveis de consciência. E diante disso, no líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os maiores representantes da ambivalência.

E por causa dos relacionamentos frágeis e não duradouros da atualidade, percebemos que eles estão entre os pilares do atual "boom do aconselhamento"; e por causa da sua complexidade é muito difícil os entendermos sem auxílio de um profissional (Bauman, 2004). As pessoas que procuram esse tipo de ajuda esperam ouvir do profissional a solução de como aproveitar os momentos bons de um relacionamento e evitar o lado ruim que possa ocorrer. Por outro lado, observamos pessoas que se tornam leitores assíduos dos especialistas que trabalham com relacionamentos humanos, achando, dessa forma, que é possível encontrar o "relacionamento de bolso" que poderemos usar quando necessário. E o que aprendemos é que o compromisso, e em particular o compromisso a longo prazo, deve ser evitado quando queremos nos relacionar. Um especialista comunica aos leitores: "Ao se comprometerem, ainda que sem entusiasmo, lembrem-se de que possivelmente estarão fechando a porta a outras possibilidades românticas talvez mais satisfatórias e completas". Outro se mostra ainda mias insensível: "A longo prazo, as promessas de compromisso são irrelevantes... E seguindo esses conselhos, se você deseja "relacionar-se", mantenha distância; se quer desfrutar do convívio, não assuma e nem exija compromissos, ou melhor, deixe todas as portas sempre abertas.

Para Bauman (2004) os habitantes do nosso líquido mundo se ligam as outras pessoas através de "relações virtuais"; e ao contrário dos relacionamentos antiquados (com compromisso), àquelas relações parecem feitas sobre medida para o líquido cenário da vida moderna, na qual desejamos que as "possibilidades românticas" apareçam e desapareçam numa velocidade crescente e cada vez maior e tentando impor a promessa de "ser a mais satisfatória e a mais completa". De maneira diferente dos "relacionamentos reais", é fácil entrar e sair dos "relacionamentos virtuais". Entrevistado sobre a crescente popularidade do namoro pela Internet, em comparação com os bares para solteiros e das seções especializadas dos jornais e revistas, um jovem de 28 anos da Universidade de Bath apontou uma grande vantagem da relação eletrônica: "Sempre se pode apertar a tecla de deletar".

CAPÍTULO V

MÉTODO

Este trabalho foi dividido em dois estudos, um de caráter exploratório quantitativo e outro de caráter analítico descritivo qualitativo. O Estudo I foi constituído de uma pesquisa tipo *survey* e fez parte de um projeto nacional chamado "Juventude Brasileira" (Koller, Morais & Cerqueira-Santos, 2009). O Estudo II tratou de um estudo de casos múltiplos (Yin, 2005) a partir de dados levantados pelo estudo inicial e com base na prática clínica da pesquisadora. Os estudos são descritos a seguir.

Estudo I

1. Delineamento

O delineamento utilizado foi do tipo levantamento, o qual foi caracterizado pela coleta de dados, de forma padronizada, de um grupo específico de pessoas por meio da aplicação de questionários e/ou entrevistas estruturadas que abordaram determinados assuntos (Breakwell, Fife-Schaw, Hammond & Smith, 2010). Os questionários anônimos de autopreenchimento parecem mais adequados do que as entrevistas para estudos que abordam diversos assuntos em um mesmo instrumento, por fornecerem dados mais confiáveis e evitarem efeitos do fenômeno de desejabilidade social (Breakwell et al., 2010).

2. Participantes

Contexto da Pesquisa

O município de Itabaiana é a quarta cidade em população do Estado de Sergipe. De acordo com o IBGE / 2010 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) possui uma população de 86.981 habitantes (42.514 homens e 44.467 mulheres). Sua extensão territorial tem uma área de 337 km² e uma densidade demográfica de 237,82 hab./ km² e é distante 54

km da capital Aracaju. Geograficamente está situada no agreste sergipano, fazendo limite ao norte com os municípios de Ribeirópolis e Moita Bonita; ao sul faz limite com Itaporanga D'ajuda e Campo do Brito; leste, com os municípios de Areia Branca e Malhador; ao oeste, com Macambira e Frei Paulo.

Participantes

O questionário foi aplicado em jovens com idades entre 14 a 24 anos, de ambos os sexos, e residentes da cidade de Itabaiana (SE). Essa cidade foi escolhida por ser um grande centro econômico e populacional do Estado e por razões operacionais, apresentar maior facilidade no diálogo com órgãos competentes e assim permitirem o acesso às escolas do seu município de maneira ágil.

A escola que participou do estudo precisava estar instalada em um bairro movimentado, com fácil acesso de transportes coletivos, possuir prédios de grande porte, grande quantidade de salas de aula e que possuísse alunos de diversos pontos da cidade onde ocorreu a pesquisa.

Tais medidas visavam, mesmo que não tecnicamente, aumentar as chances de que os dados encontrados sejam mais representativos, já que, espera-se, que escolas que recebem prioritariamente alunos de um mesmo local (bairro, rua, etc.) apresentem características muito específicas e pouco representativas da realidade do município estudado.

Para a coleta de dados, as turmas foram escolhidas mediante acordo com a diretoria/coordenação e/ou departamentos pedagógicos, respeitando o critério de disponibilidade das mesmas, por conveniência, para que não haja interferência no curso natural do calendário do colégio.

3. Instrumento

O instrumento utilizado foi uma adaptação da ferramenta desenvolvida para o estudo "Juventude Brasileira" (Koller, Cerqueira-Santos, Morais & Ribeiro, 2005; Dell'Aglio, Koller, Cerqueira-Santos & Colaço, 2009). O instrumento foi composto por 58 questões (Anexo A) e que foram subdivididas em três partes, descritas a seguir.

A primeira parte teve como propósito conhecer o público investigado no estudo e versou sobre aspectos da caracterização biosociodemográfica dos participantes, abordando as temáticas acerca do gênero, idade, cor, status do relacionamento, qual a série/etapa escolar atual e em que turno frequenta; com quem mora, qual a renda familiar do domicílio, se recebe algum tipo de bolsa ou auxílio, qual o grau de instrução dos pais, se já foi reprovado; ainda na primeira parte, há uma tabela contendo questões que buscam mensurar o grau de satisfação em relação ao colégio, satisfação com a escola e o apoio recebido nesta com sete itens que deverão ser respondidos de acordo com uma escala tipo *Likert* de cinco pontos variando desde "discordo totalmente" até "concordo totalmente". Questões sobre trabalho foram abordadas como possuir ou não carteira assinada, local onde trabalha; se já precisou parar de estudar para poder trabalhar, qual a renda atualmente proveniente deste trabalho, quantas horas por dia são dedicados ao trabalho.

A segunda parte tinha como propósito levantar informações acerca de acessos a serviços de saúde, religiosidade, relacionamentos intrafamiliares; uso de drogas e relações sexuais. A primeira pergunta investigou a incidência de doenças crônicas como AIDS, diabetes, etc. As duas perguntas seguintes investigaram os tipos de serviço de saúde mais utilizados pelos jovens, e com qual frequência esses serviços são utilizados. O objetivo destas perguntas foi conhecer a capilaridade dos serviços de saúde, principalmente públicos, afinal espera-se que grande parte da população brasileira utilize os serviços primários de saúde que o Estado oferece.

Ainda sobre a segunda parte, esta continha questões sobre qual a religião que o participante segue e uma tabela, com 9 itens podendo ser respondidos de acordo com uma escala tipo *Likert* de cinco pontos variando desde "nunca" até "sempre", utilizados assim como uma tabela aplicada para conhecer aspectos intrafamiliares destes jovens, com 15 itens podendo ser respondidos de acordo com uma escala tipo *Likert* de cinco pontos, variando desde "discordo totalmente" até "concordo totalmente". Sobre o uso de drogas, o uso ou não destas foi abordado, assim como a idade que tinha quando as usou pela primeira vez, a frequência com que usava no ano corrente e com quem costumava consumir as drogas declaradas no questionário.

Em seguida, os participantes foram questionados sobre a experiência sexual, a idade que possuíam na primeira relação sexual assim como a idade do parceiro (a) e quem era esse, se namorado, vizinho, parente, etc. A quantidade de parceiros (as) sexuais no último ano, o gênero desses parceiros, se sempre homens, mulheres ou ambos os sexos.

Ainda na segunda parte, existia o foco no uso de camisinha para aqueles participantes que afirmaram já ter tido relações sexuais alguma vez na vida, a frequência com que os entrevistados a utilizavam, os motivos que justificavam a ausência do preservativo nas relações sexuais assim como as justificativas para o uso da camisinha, a quantidade de dias que trouxe consigo o preservativo no mês anterior ao da pesquisa, e os locais onde costumam conseguir preservativos. Quais os métodos usados para evitar a gravidez foram questionados, assim como os locais e/ou as maneiras que os jovens encontravam para conseguir anticoncepcionais. Se já engravidou, que idade possuía quando do acontecimento do fato, se havia sido uma gravidez desejada, quantos filhos e com quantas pessoas já tiveram filhos foram questões que buscavam conhecer um pouco mais a realidade da amostra escolhida para o estudo.

Na terceira e última sessão do instrumento, a escala de autoestima de Rosenberg (1989) foi utilizada em uma tabela com 10 itens, designados a avaliar globalmente a atitude positiva ou negativa de si mesmo que pode ser usada para adultos e adolescentes. Adaptada para o português, com bons índices psicométricos (Assis & Avanci, 2003), os itens puderam ser respondidos de acordo com uma escala tipo *Likert* de cinco pontos variando desde "nunca" até "sempre" para que possam ser estudadas posteriormente as relações propostas por este estudo. Os resultados puderam ser categorizados, sendo criados índices e posteriormente grupos de autoestima (elevada, média e baixa). Questões sobre preconceito sofrido por gênero, cor, raça, condições socioeconômicas foram abordadas por meio de uma tabela contendo 12 itens que puderam ser respondidos por meio de uma escala tipo *Likert* de cinco pontos variando desde "nunca" até "sempre". Uma tabela que abordava sobre o autoconceito que o jovem tinha de si mesmo foi tratada por 11 itens que puderam ser respondidos por uma escala tipo *Likert* de quatro pontos variando entre "não é a verdade a meu respeito" até "é totalmente verdade a meu respeito". E por fim, uma escala que tratou das chances positivas ou negativas em perspectivas de futuro sobre família, objetivos pessoais, respeito, saúde, emprego, abordado por uma escala tipo *Likert* de cinco pontos variando entre "muito baixas" até "muito altas".

4. Procedimentos

A aplicação do instrumento teve duração aproximada de 60 minutos e foi utilizado aproveitando o espaço da sala de aula, em caráter coletivo, mas de forma anônima e respondida de maneira individual, oferecendo distância entre as carteiras e instruindo que não sejam discutidas as questões com o colega mais próximo ou em voz alta. Estes procedimentos tiveram o intuito de proporcionar mais confiança aos pesquisados perante a pesquisa e que assim pudessem responder da maneira mais real e fiel à realidade possível e assim evitar o tratamento de dados fictícios.

Os participantes, que foram recrutados em uma escola pública da cidade de Itabaiana, foram autorizados pela direção da escola, a participar do estudo. Ainda assim, somente após os jovens receberem as devidas explicações verbalizadas e fornecidas via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) de que não possuíam qualquer obrigação de participar da pesquisa; ou que poderiam desistir em qualquer parte da pesquisa; que esta não ofereceria qualquer risco à sua integridade física e mental, causando ocasionalmente a lembrança de fatos de vida desagradáveis.

Devia ficar claro também que a participação possuía caráter voluntário, não oferecendo qualquer ganho financeiro nem tampouco prejuízos e que qualquer dúvida a respeito dos procedimentos adotados durante a condução da pesquisa estava facultada a liberdade de questionamento dos procedimentos.

Ainda no TCLE (ANEXO B) constou que os nomes dos participantes, em hipótese alguma, deveriam ser divulgados e que todas as informações individuais possuíam o caráter estritamente confidencial, sendo inclusive, a versão assinada pelo participante, que ficou com o pesquisador, recolhida antes da entrega do instrumento e armazenada em invólucro separado do instrumento, para que não houvesse assim, qualquer tipo de identificação.

5. Análise de Dados

Os dados foram submetidos a tratamento quantitativo. E para a realização das análises quantitativas, foi utilizado o *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS for Windows*, versão 17.0).

Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, observando-se frequências, médias e desvios-padrão. Dados referentes a aspectos biosociodemográficos

como, por exemplo, sexo, idade, estado civil, cor, escolaridade, turno escolar, índice de reprovação. Como também dados relacionados à vida afetivo-sexual como namoro, relação sexual, identificar o parceiro da primeira relação sexual, quantidade de parceiros sexuais. Comparar adolescentes que tinham relacionamento estável com adolescentes que não tinham relacionamento estável com relação à vida sexual, como o uso de métodos contraceptivos, ter contraído alguma DST; a relação do adolescente com a escola e perspectiva de futuro; e, relacionamento familiar.

Estudo II (Estudo de casos clínicos (múltiplos) nas entrevistas clínicas (3 casos)

1. Participantes

Foi utilizada uma entrevista semiestruturada com três participantes (de gerações diferentes) que tiveram a experiência de "fugir de casa". As entrevistadas foram divididas em três faixas etárias: a primeira entrevistada tinha dezoito anos de idade; a segunda tinha vinte e um anos; e a terceira participante, trinta e dois anos de idade. Todas as três participantes eram da cidade de Itabaiana e ainda estavam em relacionamento estável com o mesmo companheiro. A seleção das participantes do estudo ocorreu a partir da indicação de pessoas da cidade de Itabaiana que conheciam jovens que tinham "fugido de casa". Elas foram contactadas por via telefônica, a entrevistadora lhes informou sobre os objetivos da pesquisa e as mesmas escolheram o local para a realização da entrevista.

2. Procedimentos e instrumento

A entrevista semiestruturada (ANEXO C) foi realizada nas residências das três participantes. Teve duração média de 20 minutos e foi realizada apenas em um encontro. Esse procedimento respeitou o anonimato das participantes e estava disponível para qualquer informação que a mesma quisesse adicionar. O roteiro da entrevista averiguou a vida afetivo-sexual das participantes, como aconteceu a fuga da casa dos pais e o(s) motivo(s) que as levou a tomar essa decisão, como também comparar como era a dinâmica na família de origem (pai e mãe) com a nova família (após a fuga da casa dos pais). As entrevistas foram gravadas com

a autorização das participantes para posterior transcrição dos relatos. Após a realização e transcrição da primeira onda de entrevistas, foi constatada a necessidade de aprofundamento de alguns pontos relatados. Assim, as participantes foram abordadas para complementação de algumas informações.

3. Análise dos dados

Para a realização da análise qualitativa foi realizada análise de conteúdo (Bardin, 2006; Minayo, 1996) com um estudo de casos múltiplos através de três entrevistas clínicas sobre a vida romântica e sexual das participantes. Após a transcrição do conteúdo da entrevista, os relatos foram colocados em categorias definidas a posteriori a partir da técnica na análise temática.

4. Aspectos Éticos

Os aspectos éticos que garantiram a integridade dos participantes deste estudo foram assegurados com base na Resolução nº 196 do Conselho Nacional de Saúde, que consiste em diretrizes e normas que regulam as pesquisas com os seres humanos (CNS, 1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) e na Resolução nº 016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000).

Além do termo de consentimento individual, foi dada a garantia de sigilo das informações pessoais, assim como foi disponibilizada a assistência psicológica pela responsável desta pesquisa, caso algum participante necessitasse de apoio psicológico provocado pela lembrança negativa de algum dos aspectos investigados.

CAPÍTULO VI

Resultados

ESTUDO I

1. Análises Descritivas

a) Dados biosociodemográficos

Para a presente pesquisa foram analisados 168 questionários respondidos por estudantes de uma escola da rede pública na cidade de Itabaiana (SE). A grande maioria dos alunos que participaram deste estudo era do sexo feminino (66,1%; N=111) e 33, 9% (N=57) era do sexo masculino. Esses alunos estavam na faixa etária dos 14 aos 24 anos de idade, com média de 17,21 anos (DP=1,84 anos).

Em relação à quantidade de alunos (sexo dos estudantes) notou-se que os dados encontrados estão em consonância com o que foi divulgado pelo Ministério da Educação (Censo Escolar, 2012), os quais demonstraram uma grande diferença com relação ao gênero no Brasil com a prevalência de alunos do sexo feminino matriculados nas escolas públicas estaduais e municipais.

Todos os estudantes cursavam o ensino médio e estavam divididos da seguinte forma: 2º ano (60,1%; N=101) e 3º ano (39,9%; N=67). Com relação ao turno que frequentavam a escola, a maior parte dos alunos (53,0%; N=89) estudavam pela manhã, 74 (44,0%) eram estudantes do turno vespertino e apenas 5 (3,0%) estudavam em tempo integral. Com relação à reprovação escolar, mais da metade dos entrevistados (52,4%; N=88) relataram nunca terem repetido o ano, mas também chama atenção o fato de um número considerável de alunos (47,6%; N=80) já terem reprovado pelo menos uma vez, com média de 1,62 (DP=0,78) e apresentaram números limite entre 1 e 4 reprovações. Esses dados encontrados demonstram grandes problemas educacionais no Brasil, os quais não se diferenciam dos resultados

nacionais de acordo com o Censo Escolar (2012), no qual a porcentagem de reprovação nacional no ensino médio foi de 13,1% (maior índice desde 1999).

Com relação à cor da pele, a grande maioria dos entrevistados se denominou como pardos (70,2%; N=118), 19,6% (N=33) se declararam brancos, 9,5% (N=16) negros, apenas 1 (0,6%) entrevistado relatou ser da cor amarela e nenhum aluno se autodenominou como indígena. Com relação à identificação racial, os resultados encontrados, de alguma forma, estão de acordo com os índices do IBGE (2010) que apontam uma semelhança com os dados nacionais. É importante destacar que nessa pesquisa, a cor e a raça foram autoinformadas, da mesma maneira que ocorre com o governo federal (através do IBGE) trabalha, ou melhor, não existiu interferência do pesquisador com relação à autoavaliação pelo fato da identidade racial não ser avaliada por uma escala matricial de cores e raça.

A renda familiar dos alunos também fez parte das perguntas do questionário que eles responderam. Os dados mostraram que a renda média das famílias da amostra foi de R$ 1.011,08 (DP= R$ 670,10) com valores-limite entre R$ 500,00 R$ 3.000,00 reais. E 42 (25,0%) entrevistados não souberam responder essa pergunta. De acordo com a avaliação da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE, 2012), vinculada à Presidência da República, a renda média relatada pelos participantes do estudo os coloca como pertencentes à classe média termos de poder de consumo. Essa classe foi dividida em três categorias: a baixa classe média (renda per capita de R$ 291 a R$ 441), a média (de R$ 441 a R$ 641 por pessoa) e a alta classe média (de R$ 641 a R$ 1.019).

A maior parte da amostra (53,6%; N=90) relatou não receber nenhum tipo de bolsa ou auxílio do Governo Federal. E entre os 78 (46,4%) participantes que informaram receber essa ajuda financeira, a maior parte (25%; N=42) recebia dinheiro do Programa “Bolsa Escola”, 32 (19%) eram beneficiários do “Bolsa Família”, o “Bolsa Jovem” contemplava 3 (1,8%) entrevistados e apenas 1 (0,6%) recebia aposentadoria.

A Tabela 1 informa em ordem decrescente com quem os entrevistados moravam na época em que participaram da pesquisa. Os dados mostraram que a maior parte dos jovens (90,5%; N= 152) moravam com a mãe, 118 (70,2%) com o pai, em seguida 107 (63,7%) relataram que moravam com os irmãos, 9 (5,4%) com padrasto, o mesmo número de alunos residia com os avós e com o companheiro (4,8%; N= 8) e os menores índices foram relacionados com os tios (1,8%; N= 03), primos e madrasta (1,2%; N= 02), filhos e pais adotivos (0,6%; N= 01). Neste caso ressalta-se o percentual de adolescentes que não coabitam com o pai (30%) ou a mãe (9,5%). Alguns destes são filhos de famílias monoparentais e, como esperado, chefiadas pelas mães.

Tabela 1. Frequência e percentual relativo à com quem o adolescente mora

Com quem mora	N	f (%)
Mãe	152	90,5
Pai	118	70,2
Irmãos	107	63,7
Padrasto	09	5,4
Avós	08	4,8
Companheiro	08	4,8
Tios	03	1,8
Primos	02	1,2
Madrasta	02	1,2
Filhos	01	0,6
Pais adotivos	01	0,6

A Tabela 2 descreve o grau de instrução dos pais e das mães dos 168 participantes da amostra. Através dos seus dados percebemos que o grau de instrução dos pais e das mães dos alunos mostrou que o nível de escolaridade deles é considerado baixo. Com relação aos pais, o nível de instrução foi o seguinte: 31 (18,5%) entrevistados relataram que seus pais eram analfabetos, 15 (8,9%) sabiam ler, mas não tinham ido à escola, a maior parte dos pais (44,0%; N= 74) possuíam nível fundamental incompleto, 13 (7,7%) nível fundamental completo, o nível médio incompleto foi apontado por 7 (4,2%) entrevistados, médio completo (6,0%; N= 10) e chama atenção o fato de uma pequena quantidade de pais conseguirem entrar na universidade, ou seja, 1 (0,6%) tinham nível superior incompleto e apenas 2 (1,2%) completaram o nível superior, como também 11 (6,5%) não souberam responder essa pergunta.

O nível de instrução das mães, também foi contemplado na Tabela 2 e apresentou como resultado que 14 (8,3%) eram analfabetas, seguida por 15 (8,9%) que sabiam ler, mas não tinham ido à escola, a maioria das mães (48,8%; N= 82) possuíam nível fundamental incompleto, 26 (15,5%) tinham fundamental completo, 9 (5,4%) médio incompleto, 5 (3,0%)

nível médio completo e uma pequena quantidade de mães conseguiram ingressar no nível superior, ou seja, 2 (1,2%) nível superior incompleto e 9 (5,4%) nível superior completo e apenas 5 (3,0%) não souberam responder.

Tabela 2. Frequência e percentual do grau de instrução do pai e da mãe dos adolescentes (N= 168)

Grau de instrução	Pai N (f %)	Mãe N (f %)
Analfabeto (a)	31 (18,5%)	14 (8,3%)
Sabe ler, mas não foi à escola	15 (8,9%)	15 (8,9%)
Fundamental incompleto (1º grau)	74 (44,0%)	82 (48,8%)
Fundamental completo (1º grau)	13 (7,7%)	26 (15,5%)
Médio incompleto (2º grau)	07 (4,2%)	09 (5,4%)
Médio completo (2º grau)	10 (6,0%)	05 (3,0%)
Superior incompleto (universitário)	01 (0,6%)	02 (1,2%)
Superior completo (universitário)	02 (1,2%)	09 (5,4%)
Não sei	11 (6,5%)	05 (3,0%)

b) Dados dos comportamentos afetivos sexuais

A respeito do item que trata do status do relacionamento dos entrevistados, a maior parte deles (68,5%; N= 115) eram solteiros, 91,2% (N=52) dos homens e 56,8% (N=63) das mulheres eram solteiros; 44 (26,2%) entrevistados estavam namorando, 4 (7,0%) eram do sexo masculino e 40 (36,0%) eram do sexo feminino; 6 (3,6%) moravam junto com alguém, 1 (1,8%) era do sexo masculino e 5 (4,5%) eram do sexo feminino; 2 (1,2%) eram casadas e eram do sexo feminino; e a minoria 1 (0,6%) estava separada/divorciada e era do sexo feminino. Através de uma análise bivariada dos índices descritos acima se observou que existe associação estatisticamente significativa entre meninos e meninas (x^2= 20,98; p= 0,00).

Neste caso, os adolescentes que responderam “solteiros” representam não somente o estado civil, mas o fato de não estarem namorando no momento da aplicação do instrumento.

Diante dos dados encontrados, é mais proveitoso discutir sobre o status de relacionamento que sobre o estado civil, já que os sujeitos entrevistados na pesquisa possuíam idade considerada baixa (17,21 anos) para os padrões brasileiros relacionados ao casamento ou união estável. Atualmente no Brasil, a idade média para legalizar o casamento encontra-se por volta de 24,4 anos e que tem aumentado a cada nova pesquisa, e é explicada pelo próprio IBGE como sendo consequência de maiores investimentos na educação e melhores oportunidades de trabalho, fazendo com o que população do país adie cada vez mais a decisão do casamento (IBGE, 2012).

A vida afetivo-sexual dos 168 participantes da amostra também foi alvo da pesquisa. De todos os entrevistados, 103 (61,3%) já namoraram e, no último ano, eles namoraram em média com 1,40 pessoas (DP= 0,81). E as informações também mostraram que os rapazes namoram em média com 1,65 pessoas (DP= 1,08), enquanto que a média de pessoas que as moças namoraram foi de 1,32 (DP= 0,69). Através de análise bivariada, notava-se que os dados apresentavam significância estatística (t= 1,26; p= 0,02).

Com relação ao fato de já terem “ficado” com alguém, 132 (78,6%) estudantes de toda a amostra relataram que sim e também informaram que, no último ano, “ficaram” em média com 3,21 pessoas (DP= 3,36). Os adolescentes do sexo masculino “ficaram” em média com 4,70 pessoas (DP= 4,48) e as do sexo feminino “ficaram” em média com 2,65 pessoas (DP= 2,66). Os dados passaram por análise bivariada e notou-se que existe significância estatística entre os mesmos (t= 2,23; p= 0,00).

O relacionamento sexual foi um assunto também explorado pelo questionário. Relataram que já tiveram relações sexuais, pelo menos uma vez, 46 (27,4%) entrevistados de toda a amostra e eles tinham em média 15,38 anos (DP= 2,80) quando fizeram sexo pela primeira vez; e com relação a esse fato os garotos tinham em média 14,94 anos (DP=1,78), enquanto as garotas apresentaram uma média maior, ou seja, 15,63 anos (DP=3,24) e esses índices não apresentaram significância estatística (t= -0,81; p= 0,52). A média de idade do primeiro parceiro sexual foi 17,84 anos (DP= 6,14), ou seja, mais de dois anos mais alta do que dos participantes; e os rapazes tinham em média 16,14 anos (DP= 2,50) e as moças apresentaram uma média maior, ou melhor, 18,63 anos (DP=7,14) e os dados possuíam significância estatística (t= -1,69; p= 0,05). A maior parte dos 168 participantes da pesquisa iniciou a vida sexual com o namorado (63,8%; N= 30), 06 (13,0%) informaram que foi o vizinho, 01 (0,6%) com a prima, amigo (a) foi apontado por 5 (3,0%) alunos, 1 (0,6%) foi o

amigo da amiga e 1 (0,6%) com “ficante”. E a primeira relação sexual foi desejada por 43 (97,7%) jovens e somente 01 (2,3%) informou que foi forçada.

De todos os entrevistados que já tiveram relações sexuais 46 (100,0% dos casos válidos) relatou que nunca transou sob efeito de drogas lícitas ou ilícitas. E os entrevistados informaram que já transaram com meninos/homens (18,5%; N= 31), 13 (7,7%) tiveram relações sexuais com meninas/mulheres e apenas 3 (1,8%) transaram com pessoas de ambos os sexos.

O questionário também investigou a vida sexual do adolescente no último ano. Os dados mostraram que, em média, os 168 entrevistados tiveram relações sexuais com 2 pessoas (DP= 2,68); com relação a esse item, os rapazes apresentaram um média maior, ou seja, tiveram relações sexuais com 3,53 pessoas (DP=3,85), enquanto as garotas apresentaram média de 1,07 pessoas (DP=0,71) e esses dados possuíam significância estatística (t= 2,59; p= 0,00).

E nesse período de tempo, a minoria dos entrevistados (4,2%; N= 07) não tiveram parceiros fixos nas suas transas. Enquanto os garotos tinham em média 2,36 parceiros não fixos (DP= 1,62), a média das garotas era de 0,75 (DP= 1,16) e análise dos dados mostrou que não havia significância estatística (t= 2,38; p= 0,41). Relataram que tiveram parceiro fixo 38 (22,6%) jovens; o namorado foi apontado por 33 (19,6%) adolescentes, enquanto o companheiro, esposa/marido foi citado por 28 (16,7%). E com relação ao fato de ter parceiro não fixo 32 (19,0%) participantes da amostra relataram que não, 13 (7,7%) relataram que sim e esses tiveram em média 1,68 parceiros (DP= 1,63).

A saúde sexual na adolescência é um tema que merece muito destaque quando se estuda essa fase de desenvolvimento humano. Para isso é de suma importância verificar o uso de preservativos nas relações sexuais dos adolescentes. Para esclarecer essa questão, os entrevistados foram questionados sobre qual a frequência que eles ou os seus parceiros utilizaram camisinha no último ano. Os dados mostram que a menor parte dos entrevistados que já fizeram sexo (15,2%; N= 7) nunca usaram camisinha, 8 (17,4%) utilizaram o preservativo poucas vezes, 15 (32,6%) usaram muitas vezes, mas nem em todas e a camisinha sempre foi utilizada nas relações sexuais por 16 (34,8%) dos adolescentes.

O motivo pelo qual o adolescente não utiliza camisinha em suas relações sexuais também deve ser averiguado para que sejam detectadas as principais causas desse comportamento e a Tabela 3 cita os principais motivos. Não tinha camisinha foi apontado por 3 (33,3%) entrevistados do sexo masculino e 2 (10,0%) do sexo feminino, 2 (22,2%) garotos e 7 (35,0%) garotas informaram que não gostavam de usar camisinha, 3 (33,3%) entrevistados e

6 (30,0%) entrevistadas afirmaram que a camisinha machuca/incomoda, 3 (33,3%) moças e 1 (5,0%) rapaz relataram que não lembraram de colocar a camisinha, nenhum adolescente do sexo masculino e 1 (5,0%) do sexo feminino informou que estava sob efeito de álcool, 1 (11,1%) rapaz e 1 (5,0%) moça relatou que o parceiro (a) não aceitava usar camisinha, 4 (44,4%) entrevistados e 7 (35,0%) entrevistadas afirmaram que confiavam no parceiro (a), 2 (22,2%) rapazes e 10 (50,0%) moças disseram que usavam anticoncepcional (pílula).

Tabela 3. Frequência e percentual do motivo que levou o adolescente a não usar camisinha no último ano

Motivo	Masculino f (%)	Feminino f (%)
Não tinha camisinha	03 (33,0)	02 (10,0)
Não gosto	02 (22,2)	07 (35,0)
Camisinha machuca/incomoda	03 (33,0)	06 (30,0)
Não lembrei de colocar	03 (33,0)	01 (5,0)
Estava sob efeito de álcool	0 (0)	01 (5,0)
Meu parceiro (a) não aceita	01 (11,1)	01 (5,0)
Porque confio no meu parceiro	04 (44,4)	07 (35,0)
Porque usa anticoncepcional (pílula)	02 (22,2)	10 (50,0)

Um tópico muito importante quando se pesquisa a vida sexual do adolescente é saber onde ele consegue informações sobre sexo e os dados obtidos no questionário serão mostrados na Tabela 4. O item que aponta a família como o local onde o adolescente consegue informações sobre sexo apresentou como média 3,02 (DP= 1,43), os amigos tiveram média de 3,87 (DP= 1,05) e esses apresentaram os maiores índices em relação aos demais, para os entrevistados a escola obteve média de 2,83 (DP= 1,52), as menores médias estavam ligadas aos líderes religiosos com valor de 1,57 (DP= 1,11) e ONG também com média de 1,57 (DP= 1,05), em seguida a televisão apresentou média de 3,11 (DP= 1,30), a internet com média de 3,46 (DP= 1,51), a média relacionada ao rádio foi de 1,98 (DP= 1,10) e jornal, revista ou livro possuíram média de 3,13 (DP= 1,31).

Tabela 4. Média e desvio padrão de onde o adolescente obtém informações sobre sexo

Local	Média	Desvio Padrão
Família	3,02	1,43
Amigos	3,87	1,05
Escola	2,83	1,52
Líderes religiosos	1,57	1,11
ONG	1,57	1,05
Televisão	3,11	1,30
Internet	3,46	1,51
Rádio	1,98	1,10
Jornal, revista ou livro	3,13	1,31

Também foram verificados os motivos que levam os adolescentes a usarem camisinha nas relações sexuais. A Tabela 5 elenca os motivos que levaram os entrevistados a utilizarem a camisinha no último ano. O item para evitar doenças foi apontado pela maioria dos entrevistados, ou seja, 12 (80,0%) rapazes e 17 (60,7%) moças, para evitar AIDS foi citado por 9 (60,0%) adolescentes do sexo masculino e 6 (21,4%) do sexo feminino, 7 (46,7%) entrevistados e 18 (64,3%) entrevistadas informaram que usaram camisinha para evitar a gravidez, porque o (a) parceiro (a) exigiu foi citado por 2 (13,3) rapazes e 2 (7,1%) moças, 9 (60,0%) garotos e 17 (60,7%) garotas informaram que usaram camisinha porque é importante usar, porque é mais limpo (higiene) foi citado por 4 (26,7%) rapazes e 2 (7,1%) moças e a menor parte dos adolescentes, ou melhor, nenhum garoto e apenas 1 (3,6%) garota relatou que não sabia o motivo de ter usado camisinha.

Tabela 5. Frequência e percentual do motivo que levou o adolescente a usar camisinha no último ano

Motivo	Masculino f (%)	Feminino f (%)
Para evitar doenças	12 (80,0)	17 (60,7)
Para evitar AIDS	09 (60,0)	06 (21,4)
Para evitar gravidez	07 (46,7)	18 (64,3)
Porque o (a) parceiro (a) exigiu	02 (13,3)	02 (7,1)
Porque é importante usar	09 (60,0)	17 (60,7)
Porque é mais limpo (higiene)	04 (26,7)	02 (7,1)
Não sei	0 (0,0)	01 (3,6)

Os entrevistados responderam a um item que os indagava se possuíam algum parceiro fixo atualmente. Informaram que sim 33 (19,6%) adolescentes, enquanto a menor parte (8,3%; N= 14) responderam que não.

Quando questionados se, na última vez que teve relações sexuais, ou entrevistado (a) ou seu (sua) parceiro (a) usou camisinha os dados apontaram que com parceiro fixo 25 (14,9%) entrevistados disseram que sim, 14 (8,3%) relataram que não e a minoria (0,6%; N= 1) informou que não lembrava. Já com parceiro não fixo, 6 (3,6%) adolescentes relataram que sim, 7 (4,2%) informaram que não e a menor parte (0,6%; N= 1) afirmou que não lembrava.

Um item do questionário tinha como propósito indagar os adolescentes se eles estavam carregando camisinha no último mês. Responderam que não 39 (23,2%) entrevistados e apenas 7 (4,2%) disseram que sim. Em média eles carregavam a camisinha por 15 dias (DP= 14,07); os rapazes apresentaram em média 14,67 dias (DP= 13,61) e as garotas tiveram média maior, ou seja, 15,50 dias (DP= 20,50) e um análise demonstrou que não havia significância estatística entre esses índices (t= -0,05; p= 0,36).

Outro tópico informa onde o adolescente costuma pegar camisinha e essas informações são mostradas na Tabela 6. Não costumo pegar camisinha foi uma informação apontada por 3 (18,8%) adolescentes do sexo masculino e 15 (51,7%) adolescentes do sexo feminino, 3 (18,8%) rapazes e 2 (6,9%) moças relataram que buscava/recebia na Rede/SUS, a maioria dos adolescentes, ou seja, 10 (62,5%) garotos e 12 (41,4%) garotas relataram que compravam na farmácia, a menor parte dos entrevistados, ou seja, nenhum rapaz e apenas 1

(3,4%) moça buscava/recebia em instituição ou ONG, 4 (25,0%) garotos e 1 (3,4%) garota ganhavam de conhecidos ou amigos, e a menor parte, ou melhor, nenhum rapaz e apenas 1 (0,9%) moça apontou como um outro motivo o fato do parceiro levar a camisinha.

Tabela 6. Frequência e percentual de onde o adolescente costuma pegar camisinha

Motivo	Masculino f (%)	Feminino f (%)
Não costumo pegar camisinha	03 (18,8)	15 (51,7)
Busco/recebo na Rede/SUS	03 (18,8)	02 (6,9)
Compro na farmácia	10 (62,5)	12 (41,4)
Busco/recebo em instituições ou ONG	0	01 (3,4)
Ganho de conhecidos ou amigos	04 (25,0)	01 (3,4)
O parceiro leva	0	01 (0,9)

Os adolescentes foram indagados se já tiveram alguma doença sexualmente transmissível (DST) e 46 (95,8%) adolescentes relataram que não, enquanto a minoria (4,2%; N= 2) afirmou que sim. Esses relataram que tiveram apenas uma DST e a doença informada foi a sífilis.

Outro tema abordado no questionário foi se os adolescentes já tinham feito sexo em troca de dinheiro, favores ou vantagens. Os dados mostraram que todos os jovens que responderam essa pergunta disseram que não.

Os estudantes foram questionados sobre a utilização de algum método para evitar gravidez. Relataram que não utilizaram nenhum método 10 adolescentes (6,0%) e a maioria (22,0%; N= 37) informou que sim. A Tabela 7 mostra quais foram os métodos utilizados pelos adolescentes para evitar gravidez, a maior parte dos garotos (90,9%; N= 10) informou que usava preservativo, enquanto 14 garotas (51,9%) utilizaram esse método, nenhum adolescente do sexo masculino e 4 (14,8%) do sexo feminino escolheram o coito interrompido, a pílula anticoncepcional foi apontada por 02 (18,2%) dos rapazes e por 13 (48,1%) das garotas, nenhum garoto e 02 (7,4%) garotas utilizaram a injeção, a tabela/ritmo/calendário não foram apontados por nenhum rapaz, mas foram citados por 03

(11,1%) das moças, a pílula do dia seguinte não foi utilizada por nenhum adolescente do sexo masculino, mas foi citada por 02 (7,4%) do sexo feminino.

Tabela 7. Frequência e percentual do método utilizado pelo adolescente para evitar gravidez

Método	Masculino f (%)	Feminino f (%)
Preservativo	10 (90,9)	14 (51,9)
Coito interrompido	0	04 (14,8)
Pílula anticoncepcional	02 (18,2)	13 (48,1)
Injeção	0	02 (7,4)
Tabela/ritmo/calendário	0	03 (11,1)
Pílula do dia seguinte	0	02 (7,4)

Um item que informava sobre onde o adolescente ou a sua parceira costumava obter anticoncepcionais foi informado na Tabela 8. Os dados mostraram que 6 (37,5%) garotos e 8 (25,8) garotas não costumavam obter anticoncepcionais, 2 (12,5%) rapazes e 3 (9,7%) moças buscavam/recebiam na Rede/SUS, 8 (50,0) adolescentes do sexo masculino e a maior parte do sexo feminino (71,0%; N= 22) compravam na farmácia, a menor parte dos entrevistados, ou seja, apenas 1 (6,3%) garoto e 1 (3,2%) garota ganhavam de conhecidos, 1 (6,3%) rapaz e nenhuma moça não souberam responder.

Tabela 8. Onde o adolescente ou a parceira obtinha anticoncepcionais

Local	Masculino f (%)	Feminino f (%)
Não costumo obter anticoncepcionais	06 (37,5)	08 (25,8)
Busco/recebo na Rede/SUS	02 (12,5)	03 (9,7)
Compro na farmácia	08 (50,0)	22 (71,0)
Ganha de conhecidos	01 (6,3)	01 (3,2)
Não sabe	01 (6,3)	0

A gravidez na adolescência também foi investigada no questionário e os dados mostraram que a maioria (26,8%; N= 45) nunca engravidou alguém ou esteve grávida e apenas 1 (0,6%) relatou que sim. A gravidez ocorreu apenas com 1 (0,6%) adolescente do sexo feminino, aconteceu com 19 anos de idade e não foi desejada. Como consequência dessa gravidez, a entrevistada interrompeu os estudos e casou/foi morar junto com o pai da criança. E durante essa gravidez, a mesma relatou que realizou algum exame médico para acompanhar a gravidez.

Os 168 entrevistados também foram indagados sobre clima familiar e a Tabela 9 descreve os itens apontados. O item costumamos conversar sobre problemas da nossa família apresentou média de 3,90 (DP= 1,12), meus pais não me criticam muito foi apontado como a menor média, ou seja, 3,49 (DP= 1,37), em seguida, para os entrevistados a média relacionada ao fato de geralmente, não ocorrem muitas brigas foi de 3,52 (DP= 1,40), a média relacionada a quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais foi de 4,07 (DP= 1,20), sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais obteve média de 4,33 (DP= 1,10), o valor da média de meus pais, em geral, sabem com quem e onde eu estou foi de 4,38 (DP= 1,00), para os adolescentes, o item nunca sou humilhado por meus pais apresentou média de 4,18 (DP= 1,28), meus pais não vivem brigando entre eles teve média de 3,65 (DP= 1,38), a média ligada ao fato de meus pais dão atenção ao que penso e ao que eu sinto foi de 3,57 (DP= 1,26), meus pais gostam dos meus amigos apresentou média de 3,97 (DP= 0,99), a média de eu não me sinto rejeitado pelos meus pais foi de 4,57 (DP= 0,88), meus pais me

ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa teve média de 4,69 (DP= 0,79) e esse apresentou os maiores índices em relação aos demais, costumo conversar com meus pais sobre decisões que eu preciso tomar teve média de 3,83 (DP= 1,22), em seguida, meus pais procuram saber com quem eu ando obteve média de 4,36 (DP= 1,08), e por último, eu me sinto seguro com meus pais apresentou média de 4,60 (DP= 0,93).

Tabela 9. Média e desvio padrão sobre clima familiar

Item	Média	Desvio Padrão
Costumamos conversar sobre problemas da nossa família	3,90	1,12
Meus pais não me criticam muito	3,49	1,37
Geralmente, não ocorrem muitas brigas	3,52	1,40
Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais	4,07	1,20
Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais	4,33	1,10
Meus pais, em geral, sabem com quem e onde estou	4,38	1,00
Nunca sou humilhado por meus pais	4,18	1,28
Meus pais não vivem brigando entre eles	3,65	1,38
Meus pais dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto	3,57	1,26
Meus pais gostam dos meus amigos	3,97	0,99
Eu não me sinto rejeitado pelos meus pais	4,57	0,88
Meus pais me ajudam quando eu preciso de dinheiro,comida ou roupa	4,69	0,79
Costumo conversar com meus pais sobre decisões que preciso tomar	3,83	1,22
Meus pais procuram saber com que eu ando	4,36	1,08
Eu me sinto seguro com meus pais	4,60	0,93

A autoestima é um fator muito importante na adolescência e reflete a maneira como o próprio adolescente se vê, por isso ela merece ser analisada e estudada. A Tabela 10 elenca

a média e o desvio padrão dos itens respondidos pelos entrevistados. O primeiro item respondido foi sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas e obteve média de 4,35 (DP= 0,92), a média relacionada a eu sinto vergonha de ser do jeito que sou foi de 4,32 (DP= 1,13), a menor média apontada estava ligada ao fato de às vezes, eu penso que não presto para nada e foi de 3,81 (DP= 1,19), sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas obteve média de 4,09 (DP= 1,11), levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso apresentou a maior média em comparação aos outros itens e foi de 4,51 (DP= 0,98), às vezes, eu me sinto inútil foi apontado com média de 4,05 (DP= 1,08), eu acho que tenho muitas boas qualidades teve média de 4,38 (DP= 0,80), em seguida, o item eu tenho motivos para me orgulhar na vida apresentou como média 4,30 (DP= 1,11), de modo geral, eu estou satisfeito (a) comigo (a) mesmo (a) teve como média 4,35 (0,96), e por último, eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a) obteve média de 4,48 (DP= 0,79).

Tabela 10. Média e desvio padrão sobre autoestima

Item	Média	Desvio Padrão
Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas	4,35	0,92
Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou	4,32	1,13
Às vezes, eu penso que não presto para nada	3,81	1,19
Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas	4,09	1,11
Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso	4,51	0,98
Às vezes, eu me sinto inútil	4,05	1,08
Eu acho que tenho muitas boas qualidades	4,38	0,80
Eu tenho motivos para me orgulhar na vida	4,30	1,11
De modo geral, eu estou satisfeito (a) comigo mesmo (a)	4,35	0,96
Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo (a)	4,48	0,79

A auto-eficácia também foi analisada nas entrevistas dos adolescentes pesquisados e a Tabela 11 mostra a média e o desvio padrão dos itens relacionados no questionário. O item se estou com problemas, geralmente encontro uma saída apresentou como média 3,33 (DP= 0,85), mesmo que alguém se oponha, eu encontro maneiras e formas de alcançar o que eu quero teve média de 3,34 (DP= 0,83), tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas obteve média de 3,31 (DP= 0,78), a média de eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário foi de 3,46 (DP= 0,78) e essa foi maior média encontrada, a média 3,15 (DP= 0,85) se referia à quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções, consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante teve média de 3,40 (DP= 0,75), a média relacionada à eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas foi de 3,32 (DP= 0,89), tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos teve média de 3,38 (DP= 0,86), em seguida, o item devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas obteve como média 3,13 (DP= 0,83), eu me mantenho calmo, mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas apresentou média de 3,01 (DP= 1,00) e a menor média obtida foi 2,93 (0,93) se referia á eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade.

Tabela 11. Média e desvio padrão sobre auto-eficácia

Item	Média	Desvio Padrão
Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída	3,33	0,85
Mesmo que alguém se oponha, eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero	3,34	0,83
Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas	3,31	0,78
Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário	3,46	0,78
Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções	3,15	0,85
Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante	3,40	0,75
Eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	3,32	0,89
Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos	3,38	0,86
Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	3,13	0,83
Eu me mantenho calmo, mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas	3,01	1,00
Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade	2,93	0,93

A perspectiva de futuro do adolescente deve também ser estudada, tendo em vista que esse aspecto é fundamental para que possamos observar como ele lida com os seus objetivos de vida e a Tabela 12 destaca os itens respondidos pelos 168 entrevistados. O item concluir o ensino médio (2º grau) apresentou como média 4,24 (DP= 0,84), entrar na universidade teve média 3,89 (DP= 0,95) e esses apresentaram os menores índices em relação

aos demais, a média relacionada a ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida foi 4,00 (DP= 0,93), ter minha casa própria obteve média 4,11 (DP= 0,99), ter um trabalho que me dará satisfação teve média 4,17 (DP= 0,87), a média de ter uma família foi 4,22 (DP= 0,96), ser saudável a maior parte do tempo teve média 4,23 (DP= 0,84), a média ligada a ser respeitado na minha comunidade foi 4,20 (DP= 0,87) e a maior média encontrada foi 4,36 (DP= 0,86) e se referia ao fato de ter amigos que me darão apoio.

Tabela 12. Média e desvio padrão sobre perspectiva de futuro

Item	Média	Desvio Padrão
Concluir o ensino médio (segundo grau)	4,24	0,84
Entrar na universidade	3,89	0,95
Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida	4,00	0,93
Ter minha casa própria	4,11	0,99
Ter um trabalho que me dará satisfação	4,17	0,87
Ter uma família	4,22	0,96
Ser saudável a maior parte do tempo	4,23	0,84
Ser respeitado na minha comunidade	4,20	0,87
Ter amigos que me darão apoio	4,36	0,86

A Tabela 13 compara o sexo dos entrevistados (111 garotas e 57 garotos) com as variáveis clima familiar, autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro a partir da aplicação do Teste t. Com relação ao clima familiar dos entrevistados percebeu-se que não houve diferença significativa para os sexos (t=,918; p=,192), os adolescentes do sexo masculino apresentaram como média 62,12 (DP=9,47) e os do sexo feminino tiveram média de 60,61 (DP=10,39). A autoestima dos entrevistados também foi avaliada no teste e notou-se que as garotas apresentaram média maior, ou seja, 33,46 (DP=3,57) que os garotos que obtiveram média de 32,78 (DP=3,66), no entanto, esse resultado não foi estatisticamente significativo

(t=-1,155; p=,759). A autoeficácia dos jovens avaliados na pesquisa demonstrou que os rapazes apresentaram como média 36,50 (DP=6,42) e esse valor foi maior que a média apresentada pelas moças que foi de 35,36 (DP=6,04), também não significativo (t=1,142; p=,609). Os dados relacionados à perspectiva de futuro apontaram que as garotas tiveram média maior, 37,40 (DP=5,36), que a média dos rapazes, 37,38 (DP=5,48), da mesma forma não significativo (t=-,022; p=,846). Os resultados verificados na aplicação do referido teste mostrou que não houve significância estatística entre os valores médios encontrados e os índices avaliados.

TABELA 13. Teste t entre sexo e clima familiar, autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro.

Variável	Sexo (N)	Média (DP)	T (p)
Clima familiar	Masculino (57)	62,12 (9,47)	,918 (,192)
	Feminino (111)	60,61 (10,39)	
Autoestima	Masculino (57)	32,78 (3,66)	-1,155 (,759)
	Feminino (111)	33,46 (3,57)	
Autoeficácia	Masculino (57)	36,50 (6,42)	1,142 (,609)
	Feminino (111)	35,36 (6,04)	
Perspectiva de futuro	Masculino (57)	37,38 (5,48)	-,022 (,846)
	Feminino (111)	37,40 (5,36)	

A Tabela 14 compara o status de relacionamento dos entrevistados (namorando), dos quais 103 relataram que sim e 64 informaram que não, com as variáveis clima familiar, autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro. Ao avaliarmos o clima familiar dos entrevistados, notamos que a média dos que não estavam namorando, 61,96 (DP=9,86), foi maior dos que relataram que sim, com média de 60,71 (DP=10,21) e percebeu-se que não

houve diferença significativa entre esses dados (t=,517; p=,779). Com relação a variável autoestima, percebeu-se que a média dos que estavam namorando, 33,48 (DP=3,39) foi maior dos que não estavam e apresentaram média de 32,76 (3,90), mas esse resultado não foi estatisticamente significativo (t=-1,258; p=,601). A autoeficácia também foi investigada e os dados obtidos mostraram que os que estavam solteiros tiveram média maior, 35,75 (DP=6,03) em comparação com os que estavam namorando, os quais apresentaram média de 35,71 (DP=6,31), também não significativo (t=,032; p=,458). Quando nos referimos à perspectiva de futuro dos entrevistados, os jovens solteiros apresentaram média maior, 37,78 (DP=5,96) do que a dos que estavam namorando, 37,24 (DP=4,97), da mesma forma não significativo (t=,180; p=,629). E através da aplicação do Teste t, percebemos que não houve significância estatística entre os valores médios encontrados e os índices avaliados.

TABELA 14. Teste t entre status de relacionamento (namorando) e clima familiar, autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro.

Variável	Status de relacionamento/ namorando (N)	Média (DP)	T (p)
Clima familiar	Sim (103)	60,71 (10,21)	,517 (,779)
	Não (64)	61,96 (9,86)	
Autoestima	Sim (103)	33,48 (3,39)	-1,258 (,601)
	Não (64)	32,76 (3,90)	
Autoeficácia	Sim (103)	35,71 (6,31)	,032 (,458)
	Não (64)	35,75 (6,03)	
Perspectiva de futuro	Sim (103)	37, 24 (4,97)	,180 (,629)
	Não (64)	37,78 (5,96)	

Foram executadas análises de correlação de Pearson entre os participantes do sexo feminino e as seguintes variáveis: idade, série, clima familiar, autoestima, autoeficácia,

perspectiva de futuro, namorou, ficou, teve relações sexuais e idade da primeira vez e os dados estão destacados na Tabela 15. Os resultados mostraram que em relação à idade das garotas entrevistadas houve significância estatística entre esse dado e a série escolar ($p < 0,05$), indicando que a idade está positivamente relacionada à série escolar, autoestima, autoeficácia, namorou, "ficou" e teve relações sexuais; e a idade está negativamente relacionada ao clima familiar, perspectiva de futuro e idade da "primeira vez". Com relação à série escolar, essa variável apresentou significância estatística com autoeficácia ($p < 0,05$) e com o fato de já ter "ficado" alguma vez ($p < 0,01$), indicando que a série está positivamente relacionada com a idade, o clima familiar, autoestima, autoeficácia, perspectiva de futuro, namorou; e a série escolar está negativamente relacionada com "ficou", teve relações sexuais e a idade da "primeira" vez. Na análise do clima familiar, constatou-se que essa variável apresentou significância estatística com a autoestima ($p < 0,05$), com a autoeficácia ($p < 0,01$) e com a perspectiva de futuro ($p < 0,01$), demonstrando que o clima familiar está positivamente relacionado com a série, autoestima, autoeficácia, perspectiva de futuro e teve relações sexuais; e o clima familiar está negativamente relacionado com a idade, namorou, "ficou" e a idade da "primeira" vez. Com relação à autoestima, houve significância estatística com autoeficácia ($p < 0,01$) e perspectiva de futuro ($p < 0,01$), indicando que a autoestima está positivamente relacionada com a idade, série, clima familiar, autoeficácia, perspectiva de futuro, namorou, "ficou", teve relações sexuais e idade da "primeira" vez. A autoeficácia também foi analisada e apresentou significância estatística com a perspectiva de futuro ($p < 0,01$), demonstrando que a autoeficácia está positivamente relacionada com a idade, série, clima familiar, autoestima e perspectiva de futuro; e está negativamente relacionada com namorou, "ficou", teve relações sexuais e idade da "primeira" vez. Com relação à perspectiva de futuro, houve significância estatística com clima familiar ($p < 0,01$), autoestima ($p < 0,05$), autoeficácia ($p < 0,01$), indicando que a perspectiva de futuro está positivamente relacionada com série, clima familiar, autoestima, autoeficácia, "ficou" e teve relações sexuais; e está negativamente relacionado com a idade, perspectiva de futuro e idade da "primeira" vez. Na análise da variável namorou, houve significância estatística com "ficou" ($p < 0,05$), indicando que a variável namorou está positivamente relacionada idade, série, autoestima, ficou e teve relações sexuais; e está negativamente relacionada ao clima familiar, autoeficácia e perspectiva de futuro. Com relação à variável ficou houve significância estatística entre essa variável e namorou ($p < 0,05$) e com série escolar ($p < 0,01$), indicando que essa variável está positivamente relacionada à idade, autoestima, perspectiva de futuro, namorou e teve relações sexuais; e está negativamente relacionada à série, clima familiar, autoeficácia e idade da

"primeira" vez. A variável teve relações sexuais está positivamente relacionada com clima familiar, autoestima, perspectiva de futuro, namorou, ficou e idade da "primeira" vez. A idade da "primeira" vez está positivamente relacionada à autoestima, ficou e teve relações sexuais; e negativamente relacionada com a idade, série, clima familiar, autoeficácia e perspectiva de futuro.

TABELA 15. Correlação de Pearson (sexo feminino)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1- Idade		,238*	-,068	,169	,040	-,102	,135	,031	,051	-,075
2- Série	,238*		,135	,020	,220	,102	,042	-,255**	-,096	-,118
3- Clima familiar	-,068	,135		,229*	,493**	,306**	-,109	-,179	,001	-,153
4- Autoestima	,169	,020	,229*		,247**	,224*	,065	,027	,083	,107
5- Autoeficácia	,040	,220*	,493**	,247**		,320**	-,026	-,104	-,034	-,092
6- Perspectiva de futuro	-,102	,012	,306**	,224*	,320**		-,103	,068	,098	-,302
7- Namorou	,135	,042	-,109	,065	-,026	-,103		,222*	,175	----
8- Ficou	,031	-,255**	-,179	,027	-,104	,068	,222*		,101	-,083
9- Teve relações sexuais	-,051	-,096	,001	,083	-,034	,098	,175	,101		,080
10-Idade da "primeira vez"	-,075	-,118	-,153	,107	-,092	-,032	----	,083	,080	

*Correlação é significativa em p< 0,05 (2- tailed)
**Correlação é significativa em p< 0,01 (2- tailed)

As análises da correlação de Pearson com o sexo masculino serão apresentadas na Tabela 16. Os resultados mostraram que em relação à idade dos garotos entrevistados houve significância estatística entre esse dado e a série escolar ($p < 0,05$), indicando que a idade está positivamente relacionada à série escolar, autoestima, namorou, "ficou", Teve relações sexuais e idade da primeira vez; e a idade está negativamente relacionada ao clima familiar, autoeficácia, e perspectiva de futuro. Com relação à série escolar, essa variável apresentou significância estatística com a idade ($p < 0,05$) e com o clima familiar ($p < 0,05$), indicando que a série está positivamente relacionada com a idade, o clima familiar, autoestima, perspectiva de futuro, namorou, teve relações sexuais e idade da primeira vez; e a série escolar está negativamente relacionada à autoeficácia e "ficou". Na análise do clima familiar, constatou-se que essa variável apresentou significância estatística com a série escolar ($p < 0,05$), com a autoestima ($p < 0,05$), demonstrando que o clima familiar está positivamente relacionado com a série, autoestima, autoeficácia, perspectiva de futuro, namorou, "ficou", teve relações sexuais e idade da "primeira" vez; e o clima familiar está negativamente relacionado com a idade. Com relação à autoestima, houve significância estatística com o clima familiar ($p < 0,05$), autoeficácia ($p < 0,01$), perspectiva de futuro ($p < 0,05$) e idade da "primeira" vez ($p < 0,05$), indicando que a autoestima está positivamente relacionada com a idade, série, clima familiar, autoeficácia, perspectiva de futuro, namorou, "ficou" e idade da "primeira" vez. A autoeficácia também foi analisada e apresentou significância estatística com o clima familiar ($p < 0,05$) e autoestima ($p < 0,05$) demonstrando que a autoeficácia está positivamente relacionada com o clima familiar, autoestima, perspectiva de futuro e namorou; e está negativamente relacionada com a idade, série escolar, "ficou", teve relações sexuais e idade da "primeira" vez. Com relação à perspectiva de futuro, houve significância estatística com o clima familiar ($p < 0,01$), autoestima ($p < 0,05$) e autoeficácia ($p < 0,01$), indicando que a perspectiva de futuro está positivamente relacionada com a idade, série, clima familiar, autoestima, autoeficácia, namorou, "ficou" e teve relações sexuais; e está negativamente relacionado com a idade da "primeira" vez. Na análise da variável namorou, houve significância estatística com teve relações sexuais ($p < 0,05$), indicando que a variável namorou está positivamente relacionada idade, série, clima familiar, autoestima, autoeficácia, perspectiva de futuro, "ficou" e teve relações sexuais; e está negativamente relacionada com a idade da "primeira" vez. Com relação à variável "ficou" houve significância estatística entre essa variável e teve relações sexuais ($p < 0,01$), indicando que essa variável está positivamente relacionada à idade, clima familiar, autoestima, perspectiva de futuro, namorou e teve relações sexuais; e está negativamente relacionada à série, e autoeficácia. A variável

teve relações sexuais apresentou significância estatística com namorou ($p < 0,05$), indicando que está positivamente relacionada com idade, série escolar, clima familiar, perspectiva de futuro, namorou e "ficou"; e está negativamente relacionada à autoestima e autoeficácia. A idade da "primeira" vez apresentou significância estatística com a autoestima ($p < 0,01$) indicando que está positivamente relacionada à idade, série escolar, clima familiar e autoestima; e negativamente relacionada com a autoeficácia, perspectiva de futuro e namorou.

TABELA 16. Correlação de Pearson (sexo masculino)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1- Idade		,300*	-,171	,166	-,113	-,221	,165	,178	,099	,435
2- Série	,300*		,277*	,149	-,124	,103	,010	-,083	,056	,304
3- Clima familiar	-,171	,277*		,339*	,324*	,464**	,105	,151	,075	,162
4- Autoestima	,166	,149	,339*		,349**	,319*	,083	,238	-,085	,505*
5- Autoeficácia	-,113	-,124	,324*	,349*		,402**	,109	-,016	-,096	-,351
6- Perspectiva de futuro	-,221	,103	,464**	,319*	,402*		,052	,080	,079	-,098
7- Namorou	,165	,010	,105	,083	,109	,052		,231	,317*	-,096
8- Ficou	,178	-,083	,151	,238	-,016	,088	,231		,381**	---
9- Teve relações Sexuais	,099	,056	,075	-,085	-,096	,079	,317*	,381		---
10- Idade da "primeira vez"	,435	,304	,162	,505*	-,351	-,098	-,096	---	---	

*Correlação é significativa em p< 0,05 (2- tailed)
**Correlação é significativa em p< 0,01 (2- tailed)

CAPITULO VII

Discussão

ESTUDO I

Em relação à vida afetivo-sexual dos participantes da pesquisa, notou-se que o relacionamento amoroso ainda desperta um grande interesse na adolescência; isso pode ser percebido através do índice considerável de adolescentes que relataram já terem namorado (63,3%); outro dado importante foi que a média de pessoas que os garotos namoraram foi maior que a das moças, representando assim uma maior facilidade para aqueles do que para as garotas em relação ao envolvimento amoroso; ou também pelo fato da sociedade atual ainda conservar o machismo das gerações passadas em que para os representantes do sexo masculino quanto mais eles se envolvessem com outras pessoas teriam uma maior visualização social.

Os dados obtidos também relacionaram um comportamento muito peculiar dos adolescentes na atualidade; o "ficar" com alguém representa uma relação amorosa na qual não existe um compromisso prévio e as pessoas envolvidas podem trocar carícias com mais de uma pessoa, durante o mesmo período de tempo, sem nenhum envolvimento amoroso. A grande maioria dos adolescentes entrevistados (78,6%) informou já ter "ficado" com alguém e os garotos "ficaram", em média, com mais pessoas que as moças; isso mostra que as garotas tentam se preservar mais que os garotos nos relacionamentos amorosos em que não ocorre um compromisso. Deve-se também ressaltar que tanto as garotas com os rapazes "ficaram" mais que namoraram outras pessoas. E segundo Bauman (2004), os relacionamentos frágeis, sem compromisso e não duradouros da atualidade parecem ser feitos sobre medida para o líquido cenário da vida moderna e como expressão desse fato podemos citar o "ficar" entre os adolescentes, o qual não envolve nenhum compromisso prévio. E autores como Matos, Féres – Carneiro e Jablonski (2005) defendem que em virtude dos relacionamentos amorosos na adolescência representarem uma espécie de "ensaio" para a vida adulta e as experiências vividas possam servir para o indivíduo se relacionar e testar suas capacidades para tal ocorre o "ficar", namorar e as relações sexuais.

O relacionamento sexual também foi um tema averiguado no questionário. Com relação a essa temática, apenas a minoria (27,4%) dos entrevistados informaram que já tiveram

relações sexuais pelo menos uma vez. Eles tinham (no geral), em média, 15,38 anos de idade; e isso também foi percebido em uma pesquisa realizada por Borges e Schor (2002) com jovens de idades entre 15 e 19 anos, os quais informaram que tiveram a primeira relação sexual aos 15,13 anos de idade. Com relação ao sexo dos adolescentes, a média da idade dos garotos (14,94 anos) foi menor que a média da idade das moças (15,63 anos), demonstrando que as adolescentes preferem retardar um pouco mais o começo da atividade sexual; esse fato talvez seja explicado pela educação ainda machista que existe em nossa sociedade, na qual o homem deve iniciar o quanto antes a vida sexual como um sinal de sua virilidade; enquanto isso, as mulheres devem se resguardar o máximo possível para que esse fato ocorra com elas. E também de acordo com Borges e Schor (2002) o início da vida sexual dos adolescentes tem acontecido cada vez mais cedo.

Quando falamos em início da prática sexual na vida de um indivíduo, dois fatores merecem destaque: o primeiro deles é a idade do primeiro parceiro sexual; o segundo está relacionado a quem é esse primeiro parceiro. De acordo com os entrevistados da pesquisa, a média de idade do primeiro parceiro foi de 17,84 anos, ou seja, mais de dois anos mais alta do que dos participantes, demonstrando que os adolescentes procuraram por parceiros mais experientes e que tratam o início da vida sexual como um fato que merece destaque em suas vidas. Com relação ao sexo dos adolescentes pesquisados, a idade média dos rapazes foi de 16,14 anos, enquanto a idade média das moças foi de 18,63 anos; percebeu-se que a idade da primeira parceira sexual dos rapazes tinha mais de dois anos a mais do que a idade do primeiro parceiro das garotas, demonstrando que os rapazes procuraram por parceiras mais velhas, talvez pelo fato de achar que elas fossem mais experientes e que poderiam aprender algo com elas. Com relação a quem era o primeiro parceiro sexual, a maior parte dos entrevistados (63,8%) apontou o namorado, o vizinho foi citado por 13,0%, amigo (a) foi apontado por 3,0% dos adolescentes, e a minoria dos entrevistados apontaram a prima, amigo da amiga e “ficante” como os primeiros parceiros (cada um desses itens foi citado por 0,6% dos adolescentes). Isso demonstra que para os participantes da pesquisa, o primeiro parceiro sexual tinha que ser alguém com quem eles tivessem envolvimento amoroso e com isso sentiriam mais segurança para iniciarem a vida sexual.

Também foram executadas análises de correlação de Pearson entre os participantes do sexo feminino e as seguintes variáveis: idade, série, clima familiar, autoestima, autoeficácia, perspectiva de futuro, namorou, ficou, teve relações sexuais e idade da primeira vez. Percebeu-se que quanto maior a idade da participante da pesquisa, maior é a sua autoestima e

a autoeficácia; notou-se também, que quanto melhor o clima familiar, maior a autoestima, autoeficácia e perspectiva de futuro da jovem; a autoestima da jovem influencia positivamente a autoeficácia e a perspectiva de futuro da mesma; quanto maior a autoeficácia da adolescente, melhor a perspectiva de futuro da mesma.

Em seguida, também foram realizadas análises de correlação de Pearson entre os participantes do sexo masculino e as seguintes variáveis: idade, série, clima familiar, autoestima, autoeficácia, perspectiva de futuro, namorou, ficou, teve relações sexuais e idade da primeira vez. Os dados mostraram que quanto melhor o clima familiar do adolescente, melhor a autoestima, a autoeficácia e a perspectiva de futuro do mesmo; quanto melhor a autoestima do adolescente, maior a autoeficácia e a perspectiva de futuro do mesmo; quanto maior a autoeficácia do adolescente, maior a perspectiva de futuro do mesmo.

ESTUDO II

Esse estudo teve como objetivo investigar o fenômeno “Fugir de casa”, as causas e as consequências nas vidas das entrevistadas em virtude dessa decisão. Conforme apresentado na introdução desta dissertação, entende-se aqui por “Fugir de casa” como uma nova modalidade de conjugalidade em que os jovens decidem morar juntos sem o consentimento dos pais, não ocorrendo nem a legalização civil e nem religiosa dessa união. Tal fenômeno é assim denominado na cultura local por várias gerações e se configura como de especial interesse neste trabalho por trazer à tona questões de gênero e conjugalidade/sexualidade entre as entrevistadas.

As participantes eram três mulheres residentes em Itabaiana (agreste sergipano); e para uma melhor visualização do fato, a pesquisadora decidiu dividi-las em três faixas etárias: a primeira tinha dezoito anos de idade; a segunda, vinte e um anos de idade; e a terceira tinha trinta e dois anos de idade. Uma característica teria que ser comum a todas, ou seja, as três participantes tinham que estar ainda em relacionamento estável com o mesmo companheiro. Os nomes das mesmas foram omitidos para que não fossem identificadas, foram representadas por A, B e C e serão descritas a seguir.

1. Descrição dos casos

Participante 1

A primeira participante da pesquisa foi chamada de A, tinha 18 anos de idade e se autoidentificou como branca. Para A, namorar já é considerado um relacionamento sério; e ela relatou que nunca namorou sério porque pediu a genitora para namorar e ela não concordou; em virtude disso, decidiu “fugir” de casa aos 15 anos de idade. Afirmou não ser casada no papel com a marido, moram juntos há 3 anos e tem um filho de um ano de idade. Atualmente, não estuda porque não tem tempo para ir à escola em virtude do filho; mas, deseja conseguir emprego em uma loja.

Ela iniciou a vida sexual aos 14 anos de idade e o seu primeiro parceiro sexual foi um “ficante”; a primeira relação sexual foi desejada e foi o parceiro quem tomou a iniciativa. A se protegeu durante essa relação sexual e o método escolhido foi o preservativo masculino;

obtinha informações sobre métodos contraceptivos com as irmãs casadas e em palestras ocorridas no colégio onde estudava. Essa entrevistada relatou que os genitores não conversavam sobre sexo com ela, mas afirmou ter conhecimento sobre esse assunto, quando teve a primeira relação sexual, e as informações eram transmitidas por amigas e pelas irmãs casadas.

A informou que decidiu "fugir" da casa dos genitores porque eles não a deixaram namorar. Disse que arrumou as suas roupas enquanto a genitora estava fora de casa (no trabalho) e o parceiro foi buscá-la em sua residência. Relatou que a genitora não esboçou reação contrária a sua fuga e ela foi morar na casa da sogra, com a qual afirma ter um bom relacionamento até hoje. A relatou que, antes de "fugir" de casa, o relacionamento com os pais era bom; e depois da "fuga" o convívio melhorou ainda mais, já que os genitores deram mais atenção tanto a ela quanto ao seu companheiro. E para essa entrevistada "fugir" da casa dos pais não é um ato de amor.

A primeira entrevistada informou que não parou de estudar logo após a "fuga"; ela identificou como principal consequência positiva desse ato, o fato de ter obtido mais privacidade e alcançado mais liberdade para fazer o que desejava; como consequência negativa (mas não é algo ruim) foi o nascimento do filho, porque uma criança necessita de muitos cuidados e dessa forma não tem tempo para realizar outras tarefas que deseja. Ela afirmou que a sua vida profissional não foi prejudicada porque não tem como objetivo cursar uma faculdade e quer apenas trabalhar para ajudar a sustentar o filho.

Participante 2

A jovem retratada no segundo caso foi identificada como B, tinha 21 anos de idade e se denominou de cor branca. A segunda entrevistada considera que casar é um relacionamento sério. Ela "fugiu" da casa dos pais, pela primeira vez, com 16 anos de idade e foi morar em Brasília na casa da sogra; informou que se separou do primeiro companheiro, com 17 anos, por problemas de relacionamento com a família dele e por se sentir sozinha, então voltou para Itabaiana e foi morar com os genitores. Quatro meses depois dessa separação começou a "ficar" com outro rapaz; eles namoraram durante um ano e seis meses e ela decidiu "fugir" de casa novamente e ir morar com ele (essa segunda "fuga" será discutida na pesquisa). B relatou não ser casada no papel com o marido, moram juntos há dois anos e meio e estava grávida, de

cinco meses, na data da realização da entrevista. Atualmente, nem estuda e nem trabalha, parou de estudar no 2º ano (segundo grau), mas deseja terminar o 2º grau.

Ela começou a namorar com 14 anos de idade e teve a sua primeira relação sexual aos 15 anos com o namorado; essa relação foi desejada e o namorado tomou a iniciativa. B e o primeiro parceiro sexual se protegeram durante a relação, ela tomou pílula anticoncepcional e o namorado usou preservativo; a iniciativa da proteção veio dos dois. Ela obtinha informações sobre métodos contraceptivos em um posto de saúde e nesse local pegava anticoncepcional periodicamente. Essa entrevistada relatou que os pais não conversavam sobre sexo com ela, mas afirmou ter conhecimento sobre esse assunto, quando iniciou a vida sexual, e as informações eram transmitidas por amigas e por anúncios na televisão.

B relatou que decidiu "fugir" da casa dos pais por quatro motivos: 1) A genitora não a deixava sair de casa para passear com as amigas; 2) Ela e o namorado queriam casar; 3) B desejava experimentar um estilo de vida que fosse diferente do que ela tinha na casa dos pais; e 4) Desejava fugir dos compromissos que tinha na casa da mãe porque achava que morando em sua própria casa só faria o que tivesse vontade. B relatou que comunicou a genitora que ia embora de casa, então arrumou os seus pertences; segundo ela, a genitora ficou triste, mas não a proibiu de sair de casa. Ela e o companheiro alugaram uma casa para morar; com relação à família dele, B informa que não tem muito contato, mas possui um bom relacionamento. B também relatou que, antes de "fugir" de casa, tinha um bom relacionamento com os genitores; e depois que "fugiu" de casa, o relacionamento ficou ainda melhor porque ela e a genitora passaram a conversar mais. E para essa entrevistada "fugir" da casa dos pais não é um ato de amor, porque isso só ocorre quando acontece o casamento; e para a mesma, se alguém foge da casa dos pais é porque quer fugir de algo.

A segunda entrevistada relatou que foi trabalhar no comércio assim que "fugiu" de casa. Ela identificou duas consequências positivas em sua vida depois que "fugiu" de casa: a primeira foi o fato de poder fazer o que deseja na hora que quer; e a segunda, ter engravidado. Como consequências negativas, foram informadas duas: 1) Em sua nova casa é obrigada a fazer as tarefas domésticas; 2) A discussão com marido, mas que é resolvida com uma conversa. B afirmou que o seu futuro profissional não foi prejudicado por ter "fugido" de casa, porque não deseja fazer curso superior e quer somente terminar o segundo grau, continuar como dona de casa para tomar conta do filho que vai nascer, do marido e da sua nova casa.

Participante 3

A terceira participante foi identificada como C, tinha 32 anos de idade e se denominou de cor branca. Essa entrevistada afirma que duas pessoas não precisam estar casadas para terem um relacionamento sério, mas o namoro já pode representar isso porque basta apenas haver diálogo entre o casal para eles terem um relacionamento considerado sério. Ela "fugiu" da casa dos pais com 15 anos de idade, casou no civil quatro anos depois e o casamento religioso só ocorreu noves anos após a "fuga". Atualmente, cursa nível superior e ministra aulas em uma escola no município de Itabaiana. Ela mora com o esposo e dois filhos em sua própria casa.

Essa entrevistada começou a namorar com 12 anos de idade e teve a sua primeira relação sexual aos 15 anos com o namorado e relatou que ele foi o primeiro e o único homem da sua vida; essa relação foi desejada, mas mesmo achando que não estava preparada decidiu aceitar ter relações sexuais com o namorado. Nem C e nem o namorado se protegeram durante a primeira relação sexual porque foi uma decisão de momento; e ela informou que não obtinha informações sobre métodos contraceptivos. Ela relatou que engravidou no primeiro mês que iniciou a sua vida sexual (aos 15 anos de idade), já que não se protegeu por não ter conhecimento sobre métodos que evitassem a gravidez. A entrevistada C relatou que os pais nunca conversaram sobre sexo com ela, mas essa conversava acontecia com uma tia materna; informou que pelo fato dessa tia morar em outra cidade as conversas eram esporádicas e como ela era uma adolescente muito tímida tinha vergonha de falar sobre sexo. Informou que não sabia nada sobre sexo quando teve a primeira relação sexual com o namorado, ela foi aprendendo sobre isso na medida em que ia se descobrindo sexualmente com ele, já que as conversas com a tia materna não eram frequentes e insuficientes em virtude da sua timidez.

C relatou que decidiu "fugir" da casa dos pais por ter vergonha deles pelo fato de ter engravidado; e ela não achava justo engravidar e continuar morando com eles. Ela relatou que pelo fato da menstruação ter atrasado (por dois meses) decidiu fazer um exame de gravidez e o resultado foi positivo; dois meses depois, ela e o namorado foram morar juntos na casa do seu avô materno dela e permaneceram lá durante seis meses, quando decidiram alugar uma casa para morar. Com relação à família do esposo, C informou que não tem uma

boa relação porque eles não os ajudaram (a ela e o marido) quando precisaram, não os apoiaram em nada; por causa disso, ela decidiu não manter muito contato com eles. C também relatou que, antes de namorar, a relação com os genitores era muito boa e que eram muito amigos; quando ela começou a namorar, o pai não concordou pelo fato dela ser muito nova (ter 12 anos); em virtude desse fato, começou a brigar muito com ela e se ela demorasse a chegar em casa (quando saísse da escola), ele ia atrás dela pelas ruas e a xingava bastante. Quando ela "fugiu" de casa, ele ficou muito triste e chorava bastante. Mas, depois que "fugiu" de casa, o relacionamento com o pai melhorou, ele a apoiou mais e até alugou uma casa para ela e o companheiro morarem juntos e ajudava bastante nas despesas da casa. E para essa entrevistada "fugir" da casa dos pais é um ato de loucura.

A terceira entrevistada relatou que parou de estudar (na 7 série, com 15 anos) depois que "fugiu" de casa e três anos depois voltou a estudar. Ela identificou como única consequência positiva, em sua vida, depois que "fugiu" de casa o amor que o marido afirmava sentir por ela; C percebeu, com o passar do tempo, que tudo o que o companheiro lhe falava, desde que eram solteiros, era verdade. Como consequências negativas, foram informadas três: 1)Parar de estudar e afirmou ter sido a pior coisa; 2) Adquirir muita responsabilidade em cuidar de uma casa e de um filho; e 3) Ser sustentada financeiramente pelo seu genitor durante muito tempo. C afirmou que a sua vida profissional foi muito prejudicada por ter "fugido" de casa, porque se não tivesse fugido tão nova, teria concluído os estudos mais cedo e se formado mais cedo; ela afirmou que o certo é primeiro estudar, ter uma profissão para depois construir uma família e ela relatou que fez o contrário de tudo isso.

2. Análise dos casos

Essa análise do estudo qualitativo seguiu os passos de Creswell (2007): 1º) Organização e preparação dos dados para a análise; 2º) Leitura de todos os dados, para obter um sentido amplo das informações e assim refletir sobre essas de maneira global; 3º) Iniciar um processo de codificação, ou seja, categorias e subcategorias, organizando os materiais em grupos; 4º) Utilizar tal codificação para a descrição do cenário ou pessoas, além de categorias e temas analisados; 5º) Pressupor como a descrição e a temática serão representadas na narrativa qualitativa e 6º) A análise das informações coletadas envolve a interpretação, ou seja, trazer para o estudo os significados desses dados.

A partir da análise do estudo descrito anteriormente, surgiram cinco categorias principais de análise: Conjugalidade, Práticas sexuais, Informação sobre sexo, Fuga de casa e Consequência da fuga. 1) Entende-se como conjugalidade o relacionamento no qual duas pessoas decidem morar juntas sem necessariamente haver a legalização civil ou religiosa dessa união. 2) A segunda categoria descrita foi práticas sexuais, o qual está ligado às relações sexuais, primeiros parceiros e ao início da vida sexual. 3) Informação sobre sexo está relacionada ao conhecimento sobre práticas sexuais e formas de prevenção. 4) A "Fuga de casa" pode ser conceituada como uma nova modalidade de conjugalidade em que os jovens decidem morar juntos sem o consentimento dos pais, não ocorrendo nem a legalização civil e nem religiosa dessa união. 5)A consequência da fuga está relacionada as mudanças ocorridas após esse fato, a relação com a nova família e ao seu futuro profissional.

1) Conjugalidade

> "Não sou casada no papel, tenho um relacionamento estável; moramos juntos há 3 anos e não chegamos a decisão de casar" (Entrevistada A, 18 anos).
>
> "Eu moro junto há 2 anos e meio, a gente não ligava para casar, tá só morando junto" (Entrevistada B, 21 anos).
>
> "Quando foi no ano 2000 a gente casou no civil, quando meu filho estava com 8 anos casamos na igreja e até hoje" (Entrevistada C, 32 anos).

As falas das participantes A e B apontam para uma noção de conjugalidade que vai além do casamento tradicional sem a necessidade da legalização religiosa e/ou civil; e demonstram que os seus relacionamentos amorosos estão relacionados ao fato de morar junto e pelo tempo de convivência com o parceiro. Demonstrando dessa forma, uma nova modalidade de conjugalidade na qual o mais importante é a vontade dos parceiros de estarem juntos, não havendo uma preocupação com as normas sociais em que uma união necessita ser legalizada para ter relevância na sociedade em que estão inseridos. Os discursos dessas jovens também apontam que o fato delas terem fugido de casa não as impede de ter um relacionamento considerado estável, como também não as tornam diferentes das outras moças que oficializaram as suas uniões.

No entanto, percebe-se a necessidade da legalização do relacionamento, através do casamento civil e religioso, para a entrevistada C; mostrando assim a importância do casamento tradicional para legalizar a união perante a sociedade mesmo que tenha sido após alguns anos depois da "fuga" da casa dos pais. Isso demonstra que a entrevistada C ainda conserva a ideia que para uma união ser considerada legal perante a sociedade tem que haver a oficialização perante um juiz de paz e receber as bênçãos de um padre da igreja católica. E que para não ser apenas uma mulher que "fugiu" de casa e sim uma esposa que é casada necessitou oficializar a sua união; e isso não a deixa em desvantagem ou lhe provoca certa inferioridade em relação às mulheres que são casadas no papel.

A partir dos relatos das entrevistas deste estudo é possível perceber a dualidade provocada por esta modalidade conjugal. Por um lado a noção de conjugalidade não oficializada e por outro a necessidade de certa aprovação. Deve-se entender com especial atenção o fato de que as entrevistadas vivem em uma cidade do interior e com forte tradição familiar e religiosa, que remete aos padrões tradicionais de casamento (civil e religioso). A "fuga" de casa pode ser vista assim como uma transgressão, sendo julgada e requerendo um esforço dos envolvidos para justificar a configuração familiar. E em virtude disso, algumas moças sentem a necessidade de legalizar os seus relacionamentos amorosos para não se sentirem inferiores com relação àquelas que tiveram um casamento tradicional ou para não serem julgadas com mulheres que apenas moram junto com os seus parceiros e não possuem o status de esposa na sociedade em que convivem.

A conjugalidade, ou seja, entender-se como um casal pode representar algo muito fácil ou muito complicado de ser vivenciado; isso vai depender do que cada um dos dois que pretendem estar juntos esperam dessa relação ou do que eles trazem de histórias amorosas passadas ou do que aprenderam em suas famílias ou na cultura na qual estavam inseridas. É importante salientar que quando duas pessoas vivem juntas estão presentes duas personalidades diferentes com um objetivo em comum que é compartilhar a experiência de uma vida a dois.

E como relata Féres-Carneiro (1998) ser um casal pode ter aspectos positivos e negativos na medida em que isso está relacionado a duas individualidades e a uma conjugalidade, ou melhor, no casal existem dois sujeitos, dois desejos, duas histórias de vida, duas identidades individuais que no relacionamento amoroso se entrelaçam a uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma identidade conjugal.

No que diz respeito à conjugalidade, percebe-se que, no decorrer dos tempos, essa forma de convívio entre duas pessoas sofreu várias transformações. Há alguns anos atrás,

estar em um relacionamento sério parecia somente existir se houvesse o matrimônio (casamento na igreja e/ou no religioso); e essa noção de relacionamento pode ser percebida no relato da entrevistada C quando ela destaca a importância da oficialização da sua união através do casamento civil e religioso mesmo anos depois de ter fugido da casa dos pais. Atualmente, as pessoas querem realmente estar juntas e dividir uma vida, não importando se terão as bênçãos de um padre ou a legalização da união perante um juiz de paz; isso mostra que, hoje, não precisa mais assinar um papel para que os casais se sintam em uma relação de conjugalidade ou se considerem em um relacionamento sério. Essa nova ideia de conjugalidade pode ser visualizada nos relatos das entrevistadas A e B ao relatarem que o casamento tradicional não tem importância nem para elas e nem para os seus companheiros.

O casal do mundo moderno apresenta várias formas de vivenciar a sua conjugalidade e muitas delas se diferenciam do que conceituamos como um casamento tradicional. Tal fato é observado nas falas das participantes deste estudo, que relatam terem "fugido" da casa dos pais e duas delas não demonstram interesse em oficializar as uniões com os parceiros criando assim novas formas de conjugalidade, na qual não precisa da legalização diante da sociedade para se sentirem em relacionamentos estáveis. Em virtude disso, Diehl (2002) defende um novo padrão de conjugalidade no qual os casais optam por morar juntos sem a legalização ou oficialização da relação e a partir daí defende que a união entre duas pessoas não necessita de um contrato formal entre elas, assim contribuindo para a formação de um relacionamento íntimo e afetivo.

Ainda de acordo com Féres-Carneiro (1998) o relacionamento de um casal na atualidade prioriza mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que a relação de dependência entre eles; mas, olhando de outra maneira para um casal ser formado é importante existir interação, ou seja, uma identidade conjugal. Dessa forma, um casal do mundo moderno sempre enfrenta duas forças contrárias, ou melhor, se de um lado o individualismo de cada um favorece a autonomia dos cônjuges (o casal deve proporcionar o desenvolvimento de cada um) por outro, é importante a prática de conjugalidade (desejos e projetos conjugais).

2) Práticas Sexuais

> "Eu tive a minha primeira relação sexual com 14 anos de idade; não foi com o namorado, foi com um ficante e ele tinha 20 anos de idade; foi mais por diversão mesmo, que ele chamou aí eu fui aí aconteceu. Ele que me chamou; ele chamou, e foi, e aconteceu. Não marcamos o

> dia; nós marcamos para ficar; só que ele já foi direto, aí foi" (Entrevistada A, 18 anos).
>
> "A primeira relação sexual foi com 15 anos, foi com o namorado que tinha 18 anos de idade. Achei que já estava preparada. Ele que decidiu e me chamou e eu achei que estava na hora. Foi planejada, conversada entre nós dois" (Entrevistada B, 21 anos).
>
> "Com 15 anos tive a primeira relação sexual e foi com o namorado e ele tinha 16 anos. Não achei que estava preparada, aconteceu mesmo; eu sabia que não estava preparada, mas aconteceu. Ele tomou a iniciativa. Não foi planejado, foi acontecendo aos poucos; ele foi me conquistando, coisa de homem safado; não foi planejado, foi namorando e aconteceu; estávamos juntos, o clima esquentou e aconteceu" (Entrevistada C, 32 anos).

As falas das três participantes desse estudo demonstram que as adolescentes iniciaram a vida sexual mais cedo e esse fato foi notado nos depoimentos das mesmas, ou seja, 14 anos (participante A), 15 anos (participante B e C); essa precocidade na atividade sexual pode estar relacionada ao fato desse assunto provocar uma grande curiosidade no adolescente, às mudanças corporais ocorridas com o início da puberdade, tornando assim o adolescente mais propício à prática sexual, como também a influência de amigos que já tiveram relações sexuais para que despertem o interesse sobre sexo. Com relação à decisão do início da prática sexual, os discursos das entrevistadas A e C apontam uma similaridade ao relatarem que a primeira relação sexual não foi planejada; e em contra ponto a esses discursos percebe-se que a entrevistada B informou que a sua primeira experiência sexual foi planejada.

Outro aspecto muito importante e que merece destaque ao se falar em iniciação da prática sexual é identificar se houve preparação para essas primeiras experiências, já que elas são vistas como eventos marcantes na vida dos adolescentes. A entrevistada A ao informar que a sua primeira experiência sexual foi por diversão demonstra que ela não dava importância à preparação da iniciação sexual e estava mais interessada no ato sexual. Em oposição a esse relato nota-se que o discurso da entrevistada B comprovava que a preparação para a prática sexual era um assunto importante para ela, já que informou estar preparada quando iniciou a vida sexual. A entrevistada C informou que não estava preparada quando teve a sua primeira experiência sexual; mas, mesmo isso tendo ocorrido também demonstra que o interesse pela prática sexual era mais importante que a preparação para esse ato.

Ou seja, os dados mostram uma diversidade na forma de pensar e relatar a sua primeira experiência sexual. Em virtude das entrevistadas serem mulheres de gerações

diferentes, percebe-se com isso as mudanças ocorridas no decorrer dos tempos em relação à questão sexual. Através do relato da entrevistada A nota-se que a sua primeira experiência sexual foi uma diversão e isso reflete a maneira como a questão sexual é vista pelas gerações mais atuais, ou seja, pode ocorrer sem a preparação e demonstrando que o prazer sexual é o mais importante. Em contraponto, nota-se com o relato da entrevistada C que, mesmo sem se sentir preparada, o primeiro parceiro sexual teve que conquistá-la aos poucos, demonstrando que o ato sexual necessita de envolvimento amoroso, o que é mais compatível com as gerações mais antigas.

O primeiro parceiro tem uma grande representação na vida sexual de qualquer pessoa e por isso deve ser discutido com muita atenção. As falas das entrevistadas A e C demonstraram que os companheiros tomaram a iniciativa para a primeira experiência sexual; mas houve uma divergência com relação ao primeiro parceiro sexual, já que a entrevistada A relatou que esse era um "ficante", o qual ela não tinha um envolvimento amoroso; e a entrevistada C informou que iniciou a vida sexual com o namorado, ou seja, com alguém que ela já mantinha um relacionamento e tinha certa intimidade. Nota-se uma similaridade nos discursos das entrevistadas B e C com relação ao primeiro parceiro sexual, já que elas iniciaram a vida sexual com o namorado; mas há uma divergência entre elas no tocante a quem tomou a iniciativa, já que a entrevistada B relatou que mesmo o namorado tendo tomado à iniciativa, a decisão de terem relações sexuais foi conversada entre os dois e a entrevistada C informou que foi a namorado quem tomou a iniciativa.

O despertar precoce do desejo sexual e o início, cada vez mais cedo, da primeira relação sexual foi discutido por alguns pesquisadores. Para Borges e Schor (2002) a primeira relação sexual é vista como um acontecimento muito importante na vida das pessoas e tem acontecido cada vez mais precocemente. Para Malta et al (2011) o início da vida sexual do adolescente está ocorrendo cada vez mais cedo e essa iniciação sexual precoce está relacionada ao não uso ou ao uso inadequado de preservativos. Os resultados desse estudo apontam um similaridade em relação ao que foi relatado na literatura para o despertar precoce da iniciação sexual na vida dos adolescentes.

Cerqueira-Santos, Paludo, Schiró e Koller (2010) relatam que em uma pesquisa realizada em 2004, Szwarcwald, Júnior, Pascom e Júnior (2004) apontaram que no Brasil os adolescentes têm iniciado a vida sexual mais cedo e mantêm um maior número de parceiros. E ainda segundo Cerqueira-Santos, Paludo, Schiró e Koller (2010) de acordo com o Ministério da Saúde (2006), 36% dos jovens entre 15-24 anos informaram que a primeira relação sexual foi antes dos 15 anos de idade, enquanto apenas 21% dos jovens entre 25-29

anos tiveram a primeira relação na mesma época. Destes, 20% afirmaram ter tido mais de dez parceiros nas suas vidas e 7% tiveram mais de cinco parceiros no último ano.

E de acordo com Borges e Schor (2002), para pesquisadores como Melo e Yazaki também ocorreu uma antecipação do início da vida sexual no grupo de mulheres de 15 a 19 anos. Em 1986, apenas 8,7% dessas jovens relataram ter tido relação sexual antes dos 15 anos de idade; em 1996, esse número aumentou para 22,6%. E de acordo com dados relatados pelo IBGE (2013), em uma pesquisa realizada no Brasil em 2009, pela PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) 30,5% dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental já tinham tido relação sexual alguma vez na vida e entre esses 18,7% eram garotas; e 33,1% eram estudantes de escolas públicas, com idade acima de 15 anos (47,3%). E ainda de acordo com outro levantamento realizado pelo IBGE (2013), em outra pesquisa realizada no Brasil em 2012, pela PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar) 28,7% dos escolares já tiveram relação sexual alguma vez na vida e desses alunos 18,3% eram meninas.

Borges e Schor (2002) realizaram uma pesquisa com jovens entre 15 e 19 anos de idade, da zona leste do Município de São Paulo, sobre suas primeiras práticas sexuais; foram 406 jovens entrevistados, no qual 222 (54,7%) eram do sexo feminino e 184 (45,3%) do sexo masculino. Os pesquisadores obervaram alguns dados muito importantes e dentre eles citamos o fato dos adolescentes de ambos os sexos terem iniciado sua vida sexual com parceiros (as) mais velhos (as). Os dados encontrados na pesquisa informada anteriormente também foram evidenciados nos relatos das três participantes do estudo e percebeu-se que todas elas iniciaram a vida sexual com parceiros mais velhos, ou seja, vinte anos (participante A), dezoito anos (participante B) e dezesseis anos (participante C).

Conforme observamos nesse estudo, os discursos das três entrevistadas estão de acordo com a pesquisa de Borges e Schor (2002) na qual as mulheres relataram ter iniciado sua vida sexual com pessoas com quem já tinham um relacionamento afetivo-amoroso estável, como em um namoro (79,1%), mas este evento foi também observado em relacionamentos com uma pessoa recém-conhecida (4,0%). Ainda de acordo com Borges e Schor (2002), nessa mesma pesquisa, perceberam que em relação ao uso de métodos contraceptivos, 114 jovens (61,0%) relataram ter utilizado algum método na primeira relação sexual, na grande maioria o preservativo masculino (96,5%).

3) Informação sobre sexo

> "Sim, já. Sabia várias coisas sobre sexo antes da primeira relação sexual. As informações vinham de amigas, de irmãs que já eram casadas. Elas falavam que doía na primeira vez, esses tipos de coisas. Não conversava com meus pais sobre sexo. Conversava com as irmãs, eram mais velhas e tinham experiência e no colégio que tinha várias palestras sobre isso, cartazes" (Entrevistada A, 18 anos).

> "Sabia algumas coisas sobre sexo. Escutava da televisão, amigas. As amigas sempre dizem que é bom. Não conversava com meus pais sobre sexo, era com as amigas". (Entrevistada B, 21 anos).

> "Não, nada, não sabia nada sobre sexo, nada sobre relação quando tive a minha primeira relação sexual; as coisas foram acontecendo e eu fui conhecendo na medida em que ia acontecendo comigo; eu fui descobrindo aos poucos com ele. Meus pais não, nunca conversavam sobre sexo comigo. Eu conversava muito com uma tia minha, mas era muito pouco; mas eu era presa, assim não tinha costume de conversar sobre esse assunto, já é coisa de mãe e pai que nunca me deram a oportunidade, nunca conversavam comigo" (Entrevistada C, 32 anos).

As entrevistadas A e B apresentaram semelhanças em seus relatos quando elas informaram que tiveram conhecimento sobre sexo ao iniciarem a vida sexual; como contra ponto desse fato, notou-se na fala da entrevistada C que ela não tinha nenhuma informação sobre sexo na sua primeira relação sexual. As orientações sobre sexo são muito importantes para a prática sexual, principalmente quando se trata da primeira relação e por isso é muito importante saber quais são as fontes de informação sobre esse assunto. Com relação a isso, percebeu-se uma similaridade nos relatos das três mulheres quando elas informaram que os seus genitores não conversavam com elas sobre esse assunto; e com isso, nota-se que falar sobre sexo ainda representa um grande tabu para a nossa sociedade e em virtude disso, alguns jovens não conseguem ter as informações necessárias sobre esse assunto quando vão iniciar a sua vida sexual.

Os pais deveriam ser os principais veículos de transmissão dessas informações, por terem um grande vínculo afetivo com seus filhos, mas isso infelizmente nem sempre ocorre. Alguns pais apresentam essa dificuldade em conversar sobre sexo por achar que falar sobre isso vai incentivar os filhos a terem relações sexuais; outros, não falam sobre sexo devido à educação repressora que tiveram de seus pais. Eles devem entender que o ato sexual faz parte da vida humana e por isso a sua ocorrência é inevitável; como também, deve-se falar sobre sexo com os adolescentes para que as relações sexuais sejam feitas de forma segura e evitem a gravidez indesejada ou doenças sexualmente transmissíveis.

Já que os genitores das entrevistadas não foram os principais veículos de transmissão de informações sobre sexo, elas conseguiram essas orientações em outros locais. Percebeu-se uma semelhança nos relatos das entrevistadas A e C que informaram ter obtido essas informações com outros membros da família, como por exemplo, nas irmãs (entrevistada A) e com uma tia (entrevistada C); esse fato demonstra a preocupação de outros parentes com essa problemática, não omitindo por completo o papel da família como um importante orientador nas questões sexuais. Outros veículos de transmissão de informações sobre sexo também foram citados pelas participantes da pesquisa. E percebeu-se que tanto a entrevistada A como a entrevistada B conversavam sobre sexo com as amigas; a televisão também conseguiu alcançar o seu papel de orientador e foi apontada pela entrevistada B; a escola foi apontada apenas pela participante A, refletindo certo descaso das instituições de ensino com relação a um assunto tão importante na vida dos adolescentes e os orientando em relação à prevenção de gravidez e/ou doenças sexualmente transmissíveis.

A família é o primeiro grande modelo na vida do adolescente e por isso representa um alicerce para que ele possa enfrentar as experiências que irão aparecer na sua vida. Diante disso, é muito importante a ocorrência de conversas entre pais e filhos para que estes não procurem informações erradas ou incompletas com amigos que também não possuem conhecimento suficiente (Santos & Nogueira, 2009).

Para Magalhães et al. (2006) embora tenham ocorrido várias mudanças nas relações sociais e no comportamento dos jovens, a maior parte deles ainda não consegue conversar sobre sexo com seus pais e por causa disso, muitas vezes, essa informação tão importante é conseguida através de outras fontes (amigos, meios de comunicação, escolas...). Esses dados também foram encontrados nos relatos das três entrevistadas da pesquisa.

Ainda para Magalhães et al. (2006) a juventude é uma fase da vida na qual experimentar novas emoções e iniciar a prática sexual deve ser orientada para que essa nova fase seja vivenciada de maneira satisfatória e saudável. Para que junto com o prazer não ocorram nem a maternidade e nem a paternidade indesejadas ou doenças sexualmente previsíveis, é importante que os pais, a escola e as políticas públicas, vençam os tabus e orientem o jovem sobre a iniciação sexual, sem medos ou meias verdades; e também não deveremos consentir que a ausência de orientação adequada contribua para o aumento da quantidade de pais e mães precoces e também a contaminação pelo vírus HIV.

Diante do que foi exposto anteriormente, nota-se que uma prática que deve ser permanente na saúde sexual do jovem é a prevenção. Mesmo tendo conhecimento sobre a insuficiência das conversas em família sobre sexo, é importante passar a ideia que não adianta

apenas saber quais são os métodos anticoncepcionais, mas que eles devem ser utilizados constantemente em suas práticas sexuais, seja em um relacionamento antigo ou novo e no "ficar", algo muito comum entre os jovens atualmente (Magalhães et al, 2006).

Não se pode esquecer que, mesmo diante de várias transformações sociais, ainda pertencemos a uma sociedade hierarquizada; por causa disso, as jovens são as que mais sofrem as consequências pelo fato de não terem se prevenido nas relações sexuais. E por causa desse fato, muitas adolescentes casam e assumem grandes responsabilidades com esse novo papel. Também é importante destacar a importância da família nessa nova vida dos jovens já que aquela dará inicialmente o apoio emocional e financeiro aos filhos (Magalhães et al, 2006).

Diante dessa problemática, o IBGE (2013) destaca que a educação sexual na escola deve acontecer para proporcionar aos adolescentes uma orientação sobre a primeira relação sexual das suas vidas; e ações dos Ministérios da Saúde e da Educação têm implantado programas de acesso aos meios e métodos anticoncepcionais para evitar a gravidez precoce e prevenir as DSTs e a AIDS. No presente estudo, infelizmente, a orientação fornecida pela escola, com relação às práticas sexuais, foi apontada apenas por uma entrevistada (participante A) mostrando a necessidade urgente de mudanças nos conteúdos programáticos das escolas para que essa discussão chegue até os alunos de maneira eficaz.

Para complementar o exposto acima, destacaremos os dados da PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar)/2009 que teve como objetivo conhecer a saúde dos estudantes, com relação às orientações recebidas na escola sobre saúde sexual, DSTs e AIDS, prevenção de gravidez e aquisição gratuita de preservativos. Os resultados da pesquisa mostraram que 89,4% dos estudantes das escolas particulares e 87,5% dos alunos das escolas públicas responderam ter recebido orientação sobre DSTs e AIDS; com relação a receber informações sobre gravidez na adolescência, 82,1% dos escolares da rede privada e 81,1% da pública responderam positivamente. E quando foram indagados acerca das orientações de como adquirir gratuitamente preservativos, 71,4% dos alunos de escolas públicas e 65,8% de escolas privadas disseram receber tais informações. E também destacamos os dados da PENSE 2012, a qual destaca que a porcentagem dos alunos entrevistados que receberam orientação na escola sobre como adquirir preservativos gratuitamente foi de 69,7%.

E a inclusão de adolescentes e jovens nas políticas de saúde, especialmente nas referentes à saúde sexual e saúde reprodutiva, necessita de uma nova averiguação sobre a vivência dessa população. É importante também que sejam feitas perguntas a estes sujeitos, levando em consideração as suas opiniões. A participação social deve ser de suma

importância para as práticas e políticas de saúde, assim como para as demais políticas sociais (Ministério da Saúde, 2007).

4) Fuga de casa

> "Aí eu tive a iniciativa de pedir a minha mãe para namorar, só que ela não deixou. Ela disse se quiser morar junto vá, mas aqui dentro da minha casa eu não quero, aí demorou um mês mais, aí eu tive a iniciativa de casar, "fugir". O meu namorado me chamou, já que ele disse sua mãe não deixa, seu pai não deixa, então vamos casar. Eu arrumei as minhas coisas, um dia de quinta-feira que minha mãe trabalhava, meu namorado veio buscar e quando minha mãe chegou eu disse que ia sair e fui para a casa dele. Eu queria fugir porque meus pais não deixavam eu namorar na porta. Fugir é só o nome mesmo para não dizer casar. Era para fugir dessa situação, de tudo isso. Para mim fugir de casa não é um ato de amor, porque tem que fugir daquele jeito porque não tem outro jeito, porque não tem mais o que fazer" (Entrevistada A, 18 anos).

> "Eu fugi porque eu queria saber como era, né, se era diferente. Eu disse para a minha mãe que ia embora, aí arrumei as minhas coisas e fui; e ela ficou triste, né, não gostou. Porque eu queria casar e ele também queria; casar para conhecer outro jeito de viver, viver individual, sem tá dependendo de sei lá. Na verdade queria fugir de meus compromissos, porque eu morando só, eu faço o que eu quero, na hora que eu quero, não tem esse negócio de tá escutando enjoo, não saia de casa, não vá para ali; a minha mãe não deixava eu sair de casa por isso eu decidi fugir. Fugi não é um ato de amor, porque a maioria das vezes eu acho que um ato de amor é quando quer casar, que planeja, que acerta com a família e fugir não é porque sempre quer fugir de alguma coisa" (Entrevistada B, 21 anos).

> "Eu fugi de casa porque engravidei. Aí quando a minha mãe soube eu não quis ficar na casa dos meus pais com vergonha; peguei minhas coisas, com o apoio da minha mãe disse a ela que ia embora e a gente foi para a casa do meu avô. O meu esposo queria alugar uma casa, mas a gente sabia que ele não tinha condições de pagar aluguel, sustentar uma casa, aí foi quando saí de casa para morar com meu avô. Eu queria fugir dos meus pais na verdade, eu não achava justo engravidar e morar na minha casa. Para mim fugir de casa não é um ato de amor, é loucura mesmo" (Entrevistada C, 32 anos).

Os relatos das entrevistadas apontaram similaridade no que diz respeito à causa da "fuga" da casa dos pais e o motivo estava ligado ao relacionamento que elas mantinham com os seus genitores. E essa dificuldade de relacionamento foi apontada de duas maneiras diferentes pelas entrevistadas. Percebeu-se que o problema de relacionamento era

demonstrado através da falta de diálogo entre os genitores e as entrevistadas A e C, principalmente com relação aos assuntos ligados à puberdade/sexualidade como, por exemplo, o fato de querer namorar e os genitores não concordarem (entrevistada A) e ter engravidado e estar com vergonha de contar aos pais (entrevistada C). Para a entrevistada B, a dificuldade de relacionamento com os genitores que a fez "fugir" de casa foi o desejo de ter mais liberdade e de experimentar uma forma diferente de viver daquela que tinha morando na casa dos pais, demonstrando assim que a convivência com os genitores não era satisfatória de acordo com os seus desejos.

Quando pensamos em fuga, associamos esse fato a alguém que deseja fugir de algo ou de outra pessoa e que tem como objetivo alcançar uma condição mais satisfatória que a anterior. Diante disso, percebe-se que para as entrevistadas a procura por um amor ("fugir" de casa) iria resolver os problemas de relacionamento que mantinham com os seus genitores e com isso teriam uma vida bem melhor. E hoje, alguns anos após a fuga, nota-se que elas não mantém mais essa ideia, já que todas as três informaram que "fugir" de casa não representava um ato de amor.

A fuga da casa dos pais representa para os adolescentes uma nova forma de compromisso sem a legalização dessa nova união. Isso pode ser visto como uma nova expressão das formas de relacionamento na sociedade atual. Hoje, os encontros entre os adolescentes são muito rápidos e como esses sujeitos se envolvem rapidamente com os seus parceiros eles querem vivenciar essa nova fase o mais rápido possível; e percebe-se que a família nuclear deixa de ter importância para eles e focam toda a sua atenção nesse novo relacionamento. Dessa forma podemos entender esse fato interessante que acontece no município de Itabaiana (Sergipe), no qual a fuga da casa dos pais pode ser conceituada como abandonar a casa dos genitores e ir morar com o namorado para vivenciar essa nova forma de relacionamento ou de união; demonstrando assim que a família nuclear não tem tanta importância para eles quanto à nova família que deseja constituir.

Os relatos das entrevistadas estão de acordo com os dados da literatura e apresentam similaridade com um novo formato de relacionamento amoroso na contemporaneidade que é denominado de "namorido". Essa forma inovadora de união, a qual é bastante utilizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, conceitua um tipo de relação em que o casal, depois de pouco tempo de namoro, decide morar junto, sem a legalização dessa união. Ao contrário das uniões formais, essa nova modalidade de relacionamento apresenta algumas características como, por exemplo: um vai ficando cada vez mais na casa do outro até que decidem dividir uma vida em comum. Percebe-se que o pequeno tempo que se estende do namoro até a união

demonstra a rapidez e a velocidade com que tudo ocorre no mundo atual (Duarte & Rocha-Coutinho, 2011).

Ainda de acordo com Duarte e Rocha-Coutinho (2011) o tempo de duração da união constituída como "namorido" pode se prolongar, e vir a ser uma união estável, sem necessariamente ser legalizada através de uma cerimônia religiosa ou civil. Os parceiros também podem optar por formalizar o relacionamento depois de um tempo de união ou até mesmo depois do nascimento dos filhos. Dessa forma, o "namorido" também pode está ligado a um período de *test drive* com o objetivo dos sujeitos se conhecerem melhor antes de decidirem por uma união mais definitiva, seja ela formalizada ou não. O mais importante não é o planejamento anterior do tempo do "namorido", mas terem a tranquilidade para poder decidir livremente se e como as pessoas envolvidas desejam alterar o *status* da relação. De uma forma diferente dos tempos passados, na qual a união amorosa estava ligada aos interesses familiares, atualmente, ela está relacionada aos desejos dos indivíduos. Em virtude de tudo isso, a legalização do relacionamento para as outras pessoas, para a religião ou para o Estado não é algo tão importante para os sujeitos.

Percebe-se que houve uma transformação da sociedade com o passar dos anos e esse fato alterou a forma das pessoas se relacionarem e viverem os seus amores. Dessa forma, notamos tanto a existência da forma tradicional de casamento quanto a de novas maneiras de amar e de se relacionar (Zordan; Falcke & Wagner, 2009). Para autores como Zordan, Falcke e Wagner (2009) tudo o fato que foi discutido anteriormente pode ser explicado pelas palavras de pesquisadores como Araújo, (2002), Diniz Neto e Féres-Carneiro (2005) quando esses relatam que essas novas formas de vivenciar o amor formam criadas como respostas para as reivindicações de uma sociedade em que os valores econômicos e sociais estão sempre mudando. Em virtude dessas mudanças, autores como Paterniani (1997) e Goldenberg (2004) defendem que, nos dias de hoje, percebemos uma quantidade menor de uniões formais, o que não significa uma diminuição das uniões de forma geral.

Para Menezes (2006), essa transformação da sociedade faz com que surjam novas formas de relacionamento, criando assim outros formatos de família, não apenas no modelo nuclear, heterossexual e indissolúvel como há anos atrás. E esses novos modelos ocasionaram uma divergência de opiniões em virtude das várias existências de formas de conjugalidade; e tudo isso ocasionou uma confusão para quem vive em uma sociedade que está sempre em transformação e na qual dividem o mesmo espaço os modelos familiares tradicionais, nucleares, como também as novas relações.

Percebe-se que fugir da casa dos pais, além de ser uma nova forma de relacionamento também representa uma forma de estar casada para essa adolescente, já que irão conviver juntos. Diante disso, é importante destacarmos que para Silveira, Silva e Smeha (2012) o casamento, no início do século XXI, apresenta como característica a pluralidade de modelos de união e com isso nos deparamos com novas modelos de casamento.

Já que estamos falando em novos formatos de relacionamento, é importante relatarmos algumas definições de casamento (que também representa uma forma de união) e a qual foi se modificando no decorrer do tempo. Zordan, Falcke e Wagner (2009) informam algumas definições de casamento: 1) Para Severino (1996) é quando duas pessoas decidem viver juntas em um relacionamento estável e essa união está ligada a um compromisso mútuo, o qual oferece reciprocamente apoio para as necessidades sociais, afetivas e sexuais; 2) Gomes e Paiva (2003) relatam que o casamento na Pós-modernidade tem que está relacionado a uma ideia de flexibilidade em relação ao novo e ao diferente, destacando que esse deve estabelecer-se em um local de desenvolvimento interpessoal e de criatividade.

Ainda de acordo com Silveira, Silva e Smeha (2012) a noção de casamento não pode estar separada das ideias relacionadas às várias formas de união presentes no nosso cotidiano. E relatam que para Zordan, Falcke e Wagner (2009) as várias formas de uniões entre casais coexistem para responder às transformações e exigências sociais; como também informam que o casamento atual está ligado a um processo de adultez e defendem que hoje em dia esse tem uma representação diferente na vida das pessoas por causa de vários quesitos, tais como início precoce da vida sexual, longa permanência na casa dos pais, possibilidade de experiências conjugais antes de casar.

Diante das novas formas de relacionamento, alguns jovens convivem com o namorado (a) na casa dos genitores ou moram em domicílio separado das famílias de origem; e, ou, têm várias experiências conjugais antes de decidir-se pelo casamento (Zordan; Falcke & Wagner, 2009).

Zordan, Falcke e Wagner (2009) também citam duas pesquisas realizadas com jovens em relação ao casamento: 1) A pesquisa de Wagner, Falcke e Meza (1997) foi composta por adolescentes de 12 a 17 anos, estudantes de escolas particulares e públicas. Os dados mostraram que o casamento não está mais entre os objetivos de vida dos jovens; e seus planos estão relacionados à busca da felicidade, da realização pessoal e da realização profissional; 2) Outro estudo foi realizado por Zagury (1999) com estudantes na faixa etária dos 14 aos 18 anos de idade; e os dados mostraram que o casamento está nos planos de vida de 42,4% deles e, para 29,3%, só está se surgir um grande amor. Casar não estava no plano de

13,1%; para 13,0%, pode haver casamento ou morar junto, tanto faz; e 2,1% não responderam.

Silveira, Silva e Smeha (2012) destacam que para pesquisadores como Menezes (2006) a chegada até o casamento representa uma das transformações mais consistentes que o sistema familiar pode passar. É quando as pessoas se afastam das suas famílias primárias com o objetivo de formar a sua própria família, dessa forma, essa mudança está ligada a vários fatores (internos e externos); e assim, as diferentes noções que os indivíduos têm sobre o casamento e a nova família que constituirão estão muito ligadas às experiências que o indivíduo teve com a sua família primária.

5) Consequência da fuga

> "Depois que fugi de casa, eu acho que o relacionamento com meus pais melhorou, porque eu acho que fui mais atenciosa, tive mais, porque casei né. Dentro de casa era ótimo, não me faltava nada, aí quando casei, eles deram mais atenção a mim e ao meu marido também. Como diziam que não queriam ele dentro de casa, mas hoje está tudo ótimo, numa boa. Quando fugi de casa fui morar na casa da minha sogra; era bom porque só passou 5 dias, nós morando na casa dela e ela queria que nós morasse na nossa casa para ter a nossa privacidade porque não é bom morar todo mundo junto e ela morava mais a neta, mais outra sobrinha e era um relacionamento bom e ela se sentia mal eu mais ele dormindo no mesmo quarto que a sobrinha dele.Não parei de estudar; não fui trabalhar. Ter um filho agora pode ser uma das consequências positivas, eu tenho mais liberdade porque era muito presa porque era mais nova e eu não tinha com quem sair; liberdade, eu ter minha privacidade, fazer o que eu quero; agora não estou com tempo para estudar porque meu filho é pequeno e não tem com quem deixá-lo; acho que a minha vida profissional não ficou prejudicada e não penso em fazer uma faculdade, mas sinto falta dos estudos porque gostava de estudar; penso em trabalhar fora, trabalhar em loja, dá um futuro melhor para o meu filho" (Entrevistada A, 18 anos).

> "O relacionamento com meus pais ficou melhor ainda depois que fugi, porque achei melhor, a gente conversa mais, tem mais interesse para sentar e conversar e antes não era assim; melhorou depois que eu fugi. Eu e a família do meu marido a gente vive bem porque é elas lá e eu cá, é muito raro a gente ir lá; não temos muito contato, mas nos damos bem**.** Fui trabalhar, em vários lugares, no comércio, em loja e atualmente não trabalho. É bom porque a gente faz tudo na hora que quer e é ruim porque tem horas que a gente tá com preguiça de fazer alguma coisa e na casa dos pais não, tem tudo nas mãozinhas e na minha própria casa sou obrigada a fazer para mim e para ele ainda mais; a melhor coisa foi eu ter engravidado; como

> negativas foi a discussão com o meu marido; agora tenho filho, marido, casa, tudo para tomar conta e sempre empata, né. Acho que a minha vida profissional não ficou prejudicada" (Entrevistada B, 21 anos).
>
> "Depois de fugir de casa meu pai me apoiou muito, ele temia o que aconteceu, mas quando aconteceu que ele viu que não tinha mais jeito então ele voltou a ser o pai de antes, aí ele alugou casa, ele fazia a nossa feira porque o que meu marido ganhava era pouco, então ele foi um bom pai depois, ele me apoiou em tudo, ele chorou muito; chorava, chorava, chorava mais depois se conformava e trata meu filho como se fosse dele; depois de fugir o meu pai me apoiou mais. Eu não tive uma boa relação com a família do meu marido porque quando nós mais precisamos, eles não ajudaram em nada, nem uma palavra de apoio eles não deram, aí eu sou uma pessoa muito cismada e até hoje eu sou cismada deles por isso porque quando o filho mais precisou nenhuma palavra de apoio e não tenho muito contato com eles. Parei de estudar e foi a pior parte para mim; é tanto que me atrasou muito porque o certo é primeiro a gente estudar, ter sua profissão para depois construir uma família; eu fiz ao contrário, construí a família, parei os estudos, depois foi que eu voltei a estudar e é tudo bem mais complicado quando a gente casa e depois vai estudar fica bem mais complicado e com filho então; parar de estudar foi a pior consequência, responsabilidade que eu não sabia de onde vinha tanta coisa, tanta responsabilidade que eu teria que ter. A minha vida profissional ficou prejudicada com certeza; o fato do atraso, eu teria me formado bem antes e a minha vida profissional ficou bastante prejudicada" (Entrevistada C, 32 anos).

Os relatos das entrevistadas apontam que o relacionamento com os genitores melhorou após elas terem fugido da casa dos pais. Isso demonstra que a partir do momento que as filhas saíram de casa e assumiram novas responsabilidades possibilitou um amadurecimento não só por parte delas como também dos genitores; e a ausência da das filhas dentro de casa aumentou o vínculo entre elas e a família, o que parecia não ocorrer quando moravam na mesma casa que os genitores. E com relação à nova família (após a "fuga") de acordo com os relatos das entrevistadas A e B nota-se que o relacionamento era bom; com ênfase no discurso da entrevistada A já que ela foi morar na casa da sogra e se sentiu acolhida por ela; e no discurso da entrevistada B, mesmo não havendo muito contato entre ela e à nova família, o relacionamento é bom. Em contradição a esses relatos, percebe-se no que foi relatado pela entrevistada C que ela não tem uma boa relação com a nova família e demonstra sentir muito mágoa pelo fato de não ter sido ajudada por eles logo após a "fuga" da casa dos pais.

As mudanças ocorridas nas vidas das entrevistadas depois que "fugiram" da casa dos seus pais e as consequências desse ato também foram discutidas nesse estudo. As três

participantes informaram que de uma forma geral as suas vidas melhoraram. E cada uma das participantes mostrou um ponto de vista diferente com relação às consequências da fuga. A entrevistada A apontou principalmente os aspectos positivos da fuga e apontou não só a gravidez, como também ter mais liberdade para fazer o que desejava. A entrevistada B informou que houve consequências positivas e negativas em seu ato, ou melhor, as primeiras estão relacionadas ao fato de poder fazer algumas tarefas quando desejava e ter engravidado e os aspectos negativos referem-se às obrigações domésticas na nova casa. Houve uma semelhança nos relatos das entrevistadas A e B ao relatarem que ter um filho foi identificado como uma consequência positiva. A entrevistada C apontou principalmente os aspectos negativos da fuga e focou o seu relato principalmente com relação à vida profissional; essa afirma que teve de parar de estudar e em virtude desse fato ficou atrasada em relação a outras garotas da mesma faixa etária e prejudicou a sua vida profissional. Esse aspecto não teve a mesma importância para as entrevistadas A e B e isso foi percebido quando relataram que o futuro profissional não foi prejudicado pelo fato da fuga da casa dos genitores, demonstrando que prosseguir nos estudos não estavam entre os principais objetivos de vida e o mais importante para elas era o relacionamento amoroso.

Zordan, Falcke e Wagner (2009) realizaram uma pesquisa sobre os principais motivos que levam uma pessoa ao casamento e destacaram: 1) As pessoas procuram no casamento a satisfação sexual, atenção e admiração, não envelhecerem sozinhas, fugirem da solidão, como também valores materiais e prestígio social (Davis, 1998; Carter & McGoldrick, 2001; Costa, 2007); 2) O casamento é visto como algo que pode livrar o sujeito de uma situação familiar incômoda (Garcia-Veja & Ríos-González, 1999); 3) Os interesses legais e financeiros podem fazer com que a união seja satisfatória (Branden, 2000). Os relatos das entrevistadas apresentaram resultados semelhantes a essa pesquisa, já que as mulheres informaram que fugiram da casa dos genitores em virtude de problemas de relacionamento com esses e almejavam uma vida mais satisfatória.

CAPÍTULO VIII

Considerações Finais

Esta dissertação teve como objetivo investigar as formas de conjugalidades, os relacionamentos afetivos e a sexualidade de jovens da cidade de Itabaiana, agreste de Sergipe. Ela foi dividida em dois estudos: o estudo I teve como objetivo investigar comportamentos sexuais e afetivos de jovens do ensino médio a fim de apresentar um relato demográfico desta população. O estudo II teve como objetivo investigar o fenômeno de "fugir de casa" como modalidade de relacionamento afetivo entre os jovens do agreste sergipano. Entende-se aqui por "Fugir de casa" como uma nova modalidade de conjugalidade em que os jovens decidem morar juntos sem o consentimento dos pais, não ocorrendo nem a legalização civil e nem a religiosa dessa união.

O presente trabalho foi dividido em dois estudos. O estudo I foi de caráter exploratório quantitativo, constituído de uma pesquisa tipo *survey* que fez parte de um projeto nacional chamado "Juventude Brasileira" e foi aplicado em jovens com idades entre 14 a 24 anos de ambos os sexos. O estudo II tratou de um estudo de casos múltiplos a partir de dados levantados pelo estudo inicial e com base na prática clínica da pesquisadora; foi utilizada uma entrevista semiestruturada com três participantes (de gerações diferentes) que tiveram a experiência de "fugir de casa", divididas em três faixas etárias: 18 anos, 21 anos e 32 anos de idade. Entende-se que os dois estudos contribuíram para um melhor entendimento sobre a sexualidade e conjugalidade dos jovens de uma cidade do agreste sergipano.

Algumas limitações foram encontradas no estudo I como, por exemplo, a pequena quantidade de jovens pesquisados e a ausência de participantes que relataram o fato da "fuga" de casa; e em virtude disso, o fato foi analisado apenas no estudo II.

Os dados obtidos no estudo I, através da análise dos 168 questionários, mostraram que a grande maioria dos alunos que participaram deste estudo era do sexo feminino (66,1%; N=111) e 33, 9% (N=57) era do sexo masculino. Esses alunos estavam na faixa etária dos 14 aos 24 anos de idade (média de 17,21 anos) o que contribuiu bastante para a análise das questões amorosas, já que essa faixa etária apresenta questões singulares em relação à sexualidade humana. Os adolescentes tendem a ser os que mais dão importância aos relacionamentos amorosos e vivenciam as experiências sexuais de uma maneira intensa e os dados desse estudo demonstraram esse fato.

Com relação à vida afetivo-sexual dos jovens entrevistados, nota-se que a grande maioria deles já namorou, demonstrando assim o grande interesse que os adolescentes sentem pelos relacionamentos amorosos e pelas questões sexuais. E no último ano, as informações também mostraram que os rapazes namoram mais que as moças, demonstrando mais uma vez que para os primeiros os assuntos relacionados ao namoro acontecem de uma maneira mais fácil, refletindo questões sociais que incentivam os rapazes a se relacionarem emocionalmente enquanto as garotas devem se resguardar o maior tempo possível.

Novas formas de conjugalidade na adolescência também foram detectadas no presente estudo. O maior exemplo desse novo tipo de relacionamento amoroso entre os adolescentes é o "ficar", o qual parece representar uma preparação para o namoro, já que esse último está relacionado a um compromisso, o que não ocorre no "ficar". E essa nova expressão de relacionamento da atualidade parece estar mais compatível com o mundo moderno, no qual o compromisso e os relacionamentos duradouros não se encaixam. Hoje, as pessoas e em especial os jovens encontram seus parceiros na internet/redes sociais e se aproximam num clique do mouse ou se afastam no simples apertar da tecla delete do teclado. Tornando os relacionamentos humanos mais virtuais que presenciais e o "ficar" se encaixa perfeitamente nesse novo modelo de união no qual o experimentar é o mais importante e o namoro duradouro com uma única pessoa não tem mais espaço. E isso foi percebido nos jovens da pesquisa, já que a quantidade de adolescentes que "ficam" é bem maior que a dos que namoram; e mais uma vez os rapazes "ficam" mais que as garotas (fato que também ocorreu durante o namoro).

Outro assunto que também provoca interesse nos adolescentes é o despertar para o sexo e o início da vida sexual. Os dados da presente pesquisa mostraram que uma pequena quantidade de jovens tinha iniciado a vida sexual, demonstrando que alguns desses adolescentes preferem retardar o início da atividade sexual mesmo com as facilidades que o mundo moderno oferece para incentivar as práticas sexuais.

E entre os adolescentes que já iniciaram a vida sexual a média de idade foi de 15,38 anos; a média de idade da primeira relação foi menor entre os meninos do que entre as garotas. Esse fato aponta que a iniciação sexual continua sendo mais incentivada entre os meninos, demonstrando certo machismo nas questões sexuais; ou melhor, os garotos devem ter relações sexuais no início da puberdade e as garotas devem se resguardar o máximo de tempo possível. A média de idade do primeiro parceiro sexual foi 17,84 anos, ou seja, mais de dois anos a mais que os participantes; e isso é interessante porque mostra que os jovens procuram por pessoas mais experientes nas relações sexuais. E outro fato muito importante é

que a maior parte dos 168 participantes da pesquisa iniciou a vida sexual com o namorado, mostrando que os jovens precisam ter intimidade com o parceiro para iniciarem a vida sexual.

Outro aspecto que merece destaque é o uso de preservativos nas relações sexuais. A presente pesquisa mostrou que um número considerável dos adolescentes que já iniciaram a vida sexual usou a camisinha em todas as relações sexuais; isso demonstra a preocupação dos mesmos em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e/ou gravidez indesejada. Mesmo diante dessa constatação, é importante salientar que as políticas públicas voltadas ao uso de preservativos apresentam resultados positivos, como também essa clientela deve continuar recebendo instruções sobre esse assunto.

Em nossa sociedade falar sobre sexo ainda representa um grande tabu e isso pode estar associado ao fato de algumas pessoas acharem, de forma errônea, que falar nesse assunto vai estimular a sua prática. Deve-se entender que o sexo faz parte da vida de qualquer ser humano e por isso é algo inevitável. Diante disso, é importante saber onde os adolescentes conseguem informações sobre sexo e o estudo mostrou que os amigos foram os principais veículos de transmissão dessas informações, o que é algo preocupante já que muitos desses podem também não terem conhecimento necessário sobre isso e assim poder orientar quem os procura. A família também apresentou um índice considerável nessa discussão, o que é importante já que demonstra a preocupação dessa instituição com relação à orientação sobre esse assunto. A escola, infelizmente, não realizou o seu papel como uma grande orientadora, já que o seu papel não é apenas formar profissionais e sim preparar os jovens para a vida.

O estudo II, o qual teve como objetivo investigar o fenômeno “Fugir de casa”, as causas e as consequências nas vidas das entrevistadas em virtude dessa decisão, mostrou muitos aspectos interessantes sobre essa problemática. Um assunto que sempre foi visto como uma prática comum há algumas décadas, ainda continua existindo mesmo com a preocupação da mulher em alcançar os seu lugar de destaque na sociedade. Analisar essa nova modalidade de conjugalidade do agreste sergipano, na perspectiva de três jovens de gerações diferentes, enriqueceu bastante o trabalho e mostrou como a “fuga” da casa dos pais pode ser vista sobre aspectos divergentes. Ficou claro, como o comportamento demonstra (“fuga” de casa) que elas queriam fugir de algo ou de alguém e como toda escolha traz consigo suas consequências, algumas dessas foram satisfatórias e outras não.

Um fato interessante ao analisar a “fuga” da casa dos pais, em três gerações diferentes, demonstra as formas variadas que elas apresentam acerca dessa nova forma de conjugalidade. As entrevistadas mais novas (18 e 21 anos) não se preocupam com a legalização dos seus relacionamentos estáveis perante a sociedade, através do casamento

religioso e/ou civil; esse fato reflete bastante as novas formas de conjugalidade da atualidade, na qual o mais importante é estar junto do grande amor e não há uma preocupação com as normas instituídas pela sociedade na qual todas as uniões devem ser oficializadas. Como um contra ponto, percebemos a preocupação da entrevistada mais velha (32 anos) em oficializar a sua união, mesmo alguns anos depois da "fuga", perante a sociedade; e o comportamento dessa jovem mostra que para as mulheres das gerações mais antigas ainda estão presas às normas tradicionais do casamento.

As três entrevistadas mostraram algumas semelhanças nas suas vidas sexuais como, por exemplo, o início precoce da vida sexual por volta dos 14/15 anos de idade e o fato dos primeiros parceiros sexuais serem mais velhos que elas. Um fato interessante aconteceu com relação a quem era esse primeiro parceiro; as entrevistadas mais velhas iniciaram a vida sexual com o namorado demonstrando a necessidade do convívio para que a intimidade sexual ocorra; mas, a entrevistada mais nova ao relatar que o iniciou a vida sexual com um "ficante", mais uma vez reflete as mudanças sexuais ocorridas na vida das novas gerações, na qual o desejo sexual é muito forte e não precisa existir um vínculo para que o ato sexual ocorra.

As informações sobre sexo também foram destacadas de maneiras diferentes pelas entrevistadas. As mais novas informaram que tinham conhecimento sobre esse assunto e a mais velha informou que não sabia nada sobre isso ao iniciar a sua vida sexual. Para as gerações mais novas, falar sobre sexo parece ser mais fácil que para as gerações mais antigas mostrando que esse assunto ainda é um tabu para essas. Houve uma similaridade nos três relatos ao informarem que os genitores não conversavam sobre sexo com elas, demonstrando que mesmo com a mudança da sociedade em alguns aspectos conversar sobre sexo ainda é muito difícil; infelizmente, pelo fato de muitos pais também não terem conversado sobre esse assunto com seus pais e por pensarem erroneamente que falar sobre sexo estimula a sua prática dificulta o diálogo dentro de casa.

Com relação à causa da "fuga" da casa dos pais, houve uma similaridade nos relatos das jovens. Elas relataram que tomaram tal decisão em virtude de não terem um bom relacionamento com os seus genitores e isso foi refletido na falta de diálogo entre elas e os pais. Algo que é preocupante é a falta de diálogo entre pais e filhos (as) não só com relação às questões sexuais, mas também pela grande necessidade dos genitores terem uma relação horizontal com seus filhos, na qual os anseios e as opiniões desses também devem ser levados em consideração. Percebeu-se que a prática constante do diálogo dentro de casa poderia impedir ou dificultar muitos comportamentos impulsivos dos adolescentes.

Ao se pensar na “fuga” da casa dos pais, pode-se imaginar que as consequências foram desastrosas nas vidas dessas jovens, mas não foi isso que foi percebido no estudo. De uma forma geral, a vida delas melhorou porque conseguiram mais independência, como também o relacionamento com os genitores melhorou. As entrevistadas mais novas não demonstraram nenhum arrependimento em ter que parar de estudar para tomar conta do novo lar; já a entrevistada mais velha mostrou muita revolta ao relatar que necessitou parar os estudos para constituir uma nova família e apenas poder retornar à escola alguns anos depois.

Os resultados do estudo I mostraram que as questões sexuais continuam despertando grande interesse nos adolescentes. Em relação à descoberta e as práticas sexuais, ainda acontece uma diferenciação entre os gêneros nos tempos atuais; como exemplo disso, os dados mostraram que a idade da primeira relação sexual dos meninos foi menor que a das meninas. O estudo II mostrou, de uma forma geral, que a vida das entrevistadas melhorou e que uma das principais consequências positivas foi a melhora nos relacionamento com os genitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS[1]

Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Aberastury, A. (1980). *Adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Afonso, M. L. (1997). *Trabalhando com grupos*; teoria e técnica para a construção de "oficinas". Belo Horizonte.

Aguiar, W. M. J., Bock, A. M. B., & Ozella S. (2002). *A orientação Profissional com Adolescentes*: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. Em A. M. B.

Aquino, E., Heilborn, M. L., Knauth, D., Bozon, M., Almeida, M. C., Araújo, J., & Menezes, G. (2003). *Adolescência e reprodução no Brasil*: A heterogeneidade dos perfis sociais. Cadernos de saúde Pública, 19(2), 377-388.

Araújo, M. S. P., & Costa, L. O. B. F. (2009). *Comportamento sexual e contracepção de emergência entre adolescentes de escolas públicas de Pernambuco*, Brasil. Rio de Janeiro. Cadernos de Saúde Pública, 25(3), 551-562.

Assis, S. G. & Avanci, J. Q. (2003). *Labirinto de espelhos.* A formação da autoestima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro, RJ: Editora Fiocruz.

Bardin, L. (2006). *Análise de conteúdo*. (L. de A. Rego & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70.

Barich R. R. & Bielby, D. (1996). *Rethinking Marriage*: change and statibility in expectations, 1967-1994. *Journal of Family Issues,* 17, 139-169.

Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*: sobre a fragilidade dos laços humanos. (C. A. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

[1] De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Berger, K. S. & Thompson, R. A. (1997). *El desarrollo de la persona desde la niñez a la adolescência* (4ª ed.). Madrid: Medica Panamericana.

Bock, A. M. B. (1997). *As aventuras do Barão de Munchhausen na Psicologia*: Um estudo sobre o significado do fenômeno psicológico na categoria dos psicólogos. Tese de Doutorado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP.

Blos, P. (1985). *Adolescência*. São Paulo: Martins Fontes.

Borges, A. L. V.; Latorre, M. R. D. O. & Schor, N. (2007). *Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do município de São Paulo*. Caderno de Saúde Pública, 23(7), 1583-1594.

Borges, A. L. V. (2004). *Adolescência e vida sexual*: análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do município de São Paulo. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP.

Borges, A. L. V. & Schor, N. (2002*). Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero*: um estudo transversal em São Paulo. Caderno de Saúde Pública, 21(2), 499-507.

Bortz, J. (2005). *Statistik fur Human-und Sozialwissenschaftler*. Berlin, Germany: Springer.

Braga, V. A. B. & Souto, C. M. R. M. (2009). *Vivências da vida conjugal*: posicionamento das mulheres. Revista Brasileira de Enfermagem, 62(5), 670 – 674.

Brandão, E. R., & Heilborn, M. L. (2006). *Sexualidade na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro*. Caderno de Saúde Pública, 22(7), 1421- 1430.

Brasil (2011). *Saúde de adolescentes e jovens*. Caderneta. Recuperado em 01 de fevereiro de 2012, de http: //portal.saude.gov.br/saúde/

Brasil (2010). *Indicadores sociais. Crianças e adolescentes*. Recuperado em 01 de fevereiro de 2012, de http:// www.ibge.gov.br/home/.

Aberastury (1990). *Estatuto da criança e do adolescente*. Lei Federal nº 8069/1990. Brasília.

Brasil (2005). *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social – Brasília: MEC, ACS.

Breakwell, G. M., Fife-Schaw, C., Hammond, S., Smith, J. A. (2010). *Métodos de pesquisa em Psicologia*. Porto Alegre: Artmed.

Breheny, M., & Stephens, C. (2007). *Individual responsability and social constraint*: The construction of adolescent motherhood in social scientific research. Culture, Health and Sexuality, 9(4), 333-346.

Campos, D. M. S. (2002). *Psicologia da Adolescência*. 19ª Ed. Petrópolis: Vozes.

Campos, D. M. S. (1987). *Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia.* (17ª ed). Petrópolis: Vozes.

Cassepp – Borges, V. & Teodoro, M. (2007). *Propriedades Psicométricas da versão Brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 20, (3), 513 – 522.

Cecconello, A. M. & Koller, S. H. *Inserção Ecológica na comunidade*: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16 (3), 515-524.

Censo Escolar (2012). *Censo escolar.* Ministério da Educação. Brasília: DF. Recuperado em 22 de abril de 2014, de http://www.mec.gov.br

Cerqueira-Santos, E., Paludo, S. S., Schiró, E. D. B. & Koller, S. H. (2010). *Gravidez na adolescência*: análise contextual de risco e proteção. Psicologia em Estudo, 15(1), 73-85.

Chauí, M. (1985). *Repressão sexual, essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense.

Clímaco, A. A. de S. (1991). *Repensando as concepções de adolescência*. Dissertação de Mestrado não publicada. Curso de Pós-Graduação em Psicologia de Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo - SP.

Conselho Nacional de Saúde. (1996). *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Resolução nº 196/1996, de 16 de outubro de 1996. Brasília.

Conselho Federal de Psicologia. (2000). *Resolução para pesquisas com seres humanos.* Resolução nº 016/2000, de 20 de dezembro. Brasília.

Costa, V. & Fernandes, S. C. S. (2012). *O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo*? Um estudo na perspectiva das representações sociais. Psicologia & Sociedade, 24(2), 391 – 401.

Cresswell, J. (2007). *Projeto de pesquisa*: métodos qualitativos, quantitativos e mistos. (L. O. Rocha, trad.). Porto Alegre: Artmed.

Daadorian, D. (2003). *Gravidez na adolescência*: um novo olhar. Psicologia: Ciência e Profissão, 21(3), 84-91.

Dell'Aglio, D., Koller, S., Cerqueira-Santos, E., & Colaço, V. F. R. (2009). *Estudo nacional sobre fatores de risco e proteção na juventude brasileira*. Projeto de pesquisa. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico CNPq.

Dias, A. C. G., & Teixeira, M. A. P. (2010). *Gravidez na adolescência*: um olhar sobre um fenômeno complexo. Paideia, 20(45), 123-131.

Diehl, A. (2002). *Família em cena*: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes.

Diniz, E. (2010). *Gravidez durante a adolescência*: Como se configura no Brasil e em Portugal? Unpublished master thesis, Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Instituto de Psicologia, Universidade Do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Recuperado em 27 de julho de 2011, de http: //www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000738068&1=1ab961fa4d35dd6b7.

Dion, K. K. & Dion, K. L. (1975). *Self – steem and romantic love*. Journal of Personality, 43(1) 39 – 57.

Duarte, J. P. & Rocha-Coutinho, M. L. (2011). *Namorid*o: uma forma contemporânea de conjugalidade? Psicologia Clínica, 23(2)117-135.

Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Eschiletti Prati, L., Paula Couto, M. C. P., Moura, A., Poletto, M. & Koller, S. H. (2008). *Revisando a Inserção Ecológica*: Uma Proposta de Sistematização. Psicologia: Reflexão e Crítica, 21(1), 160 – 169.

Esteves, J. R., & Menandro, P. R. M.(2005). *Trajetória de vida*: Repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. Estudos de Psicologia, 10(3), 363-370.

Falcke, D.; Diehl, A. & Wagner, A. (2002). Satisfação conjugal na atualidade. In: Wagner, A (Org.). *Família em cena*: tramas, dramas e transformações. Petrópolis: Vozes.

Féres-Carneiro, T. (1998). *Casamento contemporâneo*: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Psicologia Reflexão e Crítica, 11(2), 379-394.

Figueiredo, B. (2001). *Maternidade na adolescência*: do risco à prevenção. Revista Portuguesa de Psicossomática, 3(2), 221-237.

Figueiredo, B. (2003). *Os primórdios da construção do próprio no contexto da interação mãe-bebê.* Psicologia: Teoria, Investigação e Prática, 2, 311-322.

Formigli, V. L. A., Costa, M. C. O. & Porto, L. A. (2000). *Evaluation of a comprehensive adolescent health care service*. Cadernos de Saúde Pública, 16, 831-841.

Gonçalves, H. & Knauth, D. R. (2006*). Aproveitar a vida, juventude e gravidez*. Revista de Antropologia, 49 (2), 625-643.

Gontijo, D. T., & Medeiros, M. (2004). A gravidez/maternidade e adolescentes em situação de risco social e pessoal: algumas considerações. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 3(6). Recuperado em 27 de julho de 2011, de http: //www.fen.ufg.br

Gontijo, D. T., & Medeiros, M. (2008). *"Tava morta e revivi*": significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. Cadernos de Saúde Pública, 24(2), 469-472.

GRAVAD. (2006). *Pesquisa de Adolescentes no Brasil*. Recuperado em 10 de junho de 2008, de http://www. portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_teorico_referencial.pdf

Hatfield, E. (1966). Passionate and companionate love. In: Sternberg, R.; Barnes, M. L. (orgs). *The Psychology of love*. New Haven: Yale University.

Heilborn, M. L. (2006). *Entre as tramas da sexualidade brasileira*. Revista Estudos Feministas, 14(1), 1- 17.

Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). *Os componentes do amor e a satisfação*. Psicologia, Ciência e Profissão, 21(3), 58 – 69.

Hernandez, J. A. E. (1999). *Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor*: Análise fatorial confirmatória. Aletheia, 9, 15-25.

Houaiss, G. S. (1904). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007). Estatísticas de registro civil. Recuperado em 03 de outubro de 2010, de http://www. ibge.gov.br/home/estatística/registrocivil/2007/comentários.pdf

_____. (2010). *Censo demográfico*. Recuperado em 05 de fevereiro de 2013, de http://www.ibge.gov.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012). *Censo 2010*: famílias e domicílios: resultados da amostra. Recuperado em 22 de abril de 2014, de http: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm

_____. (2013). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Recuperado em 08 de abril de 2014, de http://www.ibge.gov.br

Klein, M. (1978). "Si j'était vous…". In B. Grunberger, & J. Chasseguet-Smirgel. *L'indentification. l'autre c'est moi*. Paris: Tchou éditeur.

Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal*: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas.

Koller, S. H., Morais, N. A., & Cerqueira-Santos, E. (2009). Adolescentes e jovens brasileiros: levantando fatores de risco e proteção. In S. H. Koller & R. M. C. Libório (Orgs). *Adolescência e juventude*: risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Koller, S. H., Cerqueira-Santos, E., Morais, N. A., & Ribeiro, J. (2005). *Juventude brasileira*. Relatório técnico para o Banco Mundial. Washington, D C: World Bank.

Leal, A. F.; Knauth, D. R. (2006). *A relação sexual como uma técnica corporal*: representações masculinas dos relacionamentos afetivo – sexuais. Caderno Saúde Pública, 22(7), 1357 – 1384.

Leal, A. F. (2003). *Uma antropologia da experiência amorosa*: estudo de representações sociais sobre sexualidade. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Levinsky, D. (1995). *Adolescência*: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas.

Libório, R. M. C. & Koller, S. H. (2009). *Adolescência e juventude*: risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Libório, R. M. C. & Castro, B. M. (2009). *Juventude e sexualidade*: educação afetivo-sexual na perspectiva dos estudos da resiliência. In R. M. C. Libório & S. H. Koller (orgs.), Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira. São Paulo: Casa de Psicólogo.

Magalhães, A. P. R., Gabriel, L. C., Freitas, M. C., Barreiros, P.V.S. et al. (2006). *Juventude e sexualidade*: descobertas e riscos. Graduação do curso de Ciências Sociais. Universidade Estadual de Londrina.

Martins, P. O., Trindade, Z. A. & Almeida, A. M. O. (2003). *O ter e o ser*: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16, 555-568.

Martson, P. J., Hecht, M. L., Manke, M. L., McDaniel. S. & Reeder, H. (1998). *The subjective experience of intimacy passion and commitment in heterosexual loving relationships.* Personal Relationships, 5, 15 – 30.

Matos, M., Féres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2005). *Adolescência e relações amorosas*: Um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. Interação em Psicologia, 9(1), 21 – 33.

Maxwell, L. (2004). *A conjugalidade*. Recuperado em 8 de maio de 2014, de http:// www. maxwell. lambda. ele. puc – rio.br

MENEZES, C. *A transição para o casamento* (2006). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Instituto de Psicologia, Porto Alegre, RS.

Merrick, E. N. (1995). *Adolescent Childbearing as carreer "choice*": Perspective from an ecological context. Journal of Consenling and Development, 73(3), 288-295.

Minayo, M. C. S. (1996). *Ciência, técnica e arte*: o desafio da pesquisa social. In M. C. S. Minayo, Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.

Ministério da Saúde (2007). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. *Marco teórico e referencial*: saúde sexual e saúde reprodutiva de adolescentes e jovens / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde.

Mônego, B. G. & Teodoro, M. L. M. (2011). *Psico* – USF, 16(1) 97 – 105.

Moscovici, S. (2004). *Representações sociais*: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes.

Muuss, R. E. (1969). *Teorias da adolescência*. Belo Horizonte: Editora do Professor.

Nery, I. S. (2011). Reincidência da gravidez em adolescentes de Teresina, Piauí. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 64. Organização Mundial de Saúde (2010). Relações sexuais entre jovens de países em desenvolvimento. Relatório técnico World Health Organization.

Nóbrega, S. M., Fontes, E. P. G., Paula & F. M. S. M. (2005*). Do amor e da dor*: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. Estudos de Psicologia. Campinas, 22(1), 77 – 87.

Oliveira, N. M. (2005). *Maternidade de adolescentes de periferias sociais e urbanas*: algumas análises à luz da Psicologia Ambiental. Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano, 15(1), 69-77.

Oliveira, D. C., Gomes, A. M. T., Marques, S. C. & Thiengo, M. A. (2007). "*Pegar", "ficar" e "namorar":* representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem 60(5), 497-502.

Oliveira, M. W. (1998). *Gravidez na Adolescência*: Dimensões do Problema. Cadernos da CEDES, 19(45), 48-70.

Organização Mundial de Saúde (2010). *Relações sexuais entre jovens de países em desenvolvimento*. Relatório técnico World Health Organization.

Outeiral, J. (2003). *Adolescer*: estudos revisados sobre adolescência. Rio de Janeiro: Revinter.

Ozella, S. (2002). *Adolescência*: uma perspectiva crítica. In: M. L. J. Contini e S. Koller (orgs). Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Psicologia.

Ozella, S. (1999*). Concepções de adolescente/adolescência*: Os teóricos e os profissionais. Relatório apresentado para concurso de promoção na carreira docente não publicado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo – SP.

Paula, F. M. S. M., Fontes, E. P. G., & Nóbrega, S. M. (2005). *Do amor e da dor*: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. Estudos de Psicologia, 22 (1), 77 – 87.

Pfromm Neto, S. (1976). *Psicologia da Adolescência.* (5ª ed). São Paulo: Pioneira.

PNAD (2010). In Dell'Aglio & S. H. Koller (orgs.) (2011). *Adolescência e juventude*: vulnerabilidade e contextos de proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Reis, B. F. dos (1995). *Uma escala de atitudes frente a relações afetivas estáveis*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 11, 67 – 71.

Rena, L. C. C. B. (2001). *Sexualidade e adolescência* – as oficinas como prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica.

Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Rubin, Z. (1970). *Measurement of romantic love*. Journal of Personality and Social Psychology, 16, 265 – 273.

Santos, C. A. C., Nogueira, K.T. (2009). *Gravidez na adolescência*: falta de informação. Adolescência e Saúde,16(1).

Santos, L. M. M. (2005). *O papel da família e dos pares na escolha profissional.* Psicologia em Estudo, 10, 57-66.

Santos, B. R. (1996). *Emergência da concepção moderna de infância e adolescência*: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - SP.

Santrock, JW (2003). *Adolescência*. Rio de Janeiro (RJ): LTC.

Saraceno, C. (2003). *Sociologia da família*. Lisboa: Estampa.

Schames, A. A. *Satisfação conjugal de homens e mulheres*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, 2000.

Schoepflin, M. (2004*). O amor segundo os filósofos*. Bauru, SP: Edusc.

Secretaria para Assuntos Estratégicos (2012). Recuperado em 22 de abril de 2014, de http:// www.sae.gov.br/site/?p=12348

Silveira, T. C., Silva, T. R., Smeha, L. N. (2012). *A conjugalidade na contemporaneidade*. Trabalho de pesquisa UNIFRA. Recuperado em 11 de abril de 2014, de http://www. unifra.br/eventos/ sepe 2012/trabalhos/6418.pdf

Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Campinas, SP: Papirus.

Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do Adolescente*: uma abordagem desenvolvimentista. (C. M. C. Vieira. Trad). (3ª ed.). Lisboa: Fundação Caloustre Gulbenkian.

Sternberg, R. J. (1997). *Construct validation of triangular love scale*. European Journal of Psychology, 27, 313 – 335.

Sternberg, R. J. (1989). *El triangulo del amor*: intimidad, passión y compromisso. Barcelona: Paidós.

Sternberg, R. J. (1988). *The triangle of love*. New York: Basic Books.

Sternberg, R. J. (1986). *A triangular theory of love*. Psychological Reviev, 93, 119 – 135.

Teixeira, M. A. P. & Dias, A. C. G. (2004). Quando termina a adolescência? *Revista Perspectiva*, 28(102), 7-15.

UNICEF (2011). *O direito de ser adolescente*: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades / Fundo das Nações unidas para Infância. Brasília: DF.

Wagner, A.; Falcke, D. & Meza, E, B. (1997). *Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida*. Psicologia: reflexão e crítica, 10(1), 155-167.

Ximenes Neto, F. R. G., Dias, M. S. A., Rocha, J., & Cunha, I. C. K. O. (2007). *Gravidez na adolescência:* motivos e percepções das adolescentes. Revista Brasileira de Enfermagem, 60(3), 279-285.

Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso*: planejamento e métodos. Porto alegre: Bookman.

Zagury, T. (1999). *O adolescente por ele mesmo.* Rio de Janeiro: Record.

Zordan, E. P., Falcke, D., Wagner, A. (2009). *Casar ou não casar*? Motivos e expectativas com relação ao casamento. Psicologia em Revista. Belo Horizonte, 15(2) 56-76.

ANEXOS

Anexo A

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – POSGRAP
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL- NPPS
MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Você não precisa se identificar, o questionário tem caráter totalmente SIGILOSO. Peço apenas que seja o mais sincero (a) possível nas respostas. Obrigado por colaborar!

Data:___/____/_____ **Escola**:_____

1. Em qual série/etapa/ano escolar você está? _____

2. Sexo:

a. ( ) Masculino b. ( ) Feminino

3. Idade:_____ anos

4. Data de Nascimento: ____/____/_____

5. Cor:

a. ( ) Branco b. ( ) Negro c. ( ) Pardo d. ( ) Amarelo e. ( ) Indígena

6. Status do relacionamento:

a. ( ) Solteiro b. ( ) Casado c. ( ) Mora junto d. ( ) Separado/divorciado

e. ( ) Viúvo f. ( ) Namorando g. ( ) Outro: _____

7. Com quem você mora? (*Marque mais de uma resposta se for o caso*)

a. ( ) Pai b. ( ) Mãe c. ( ) Padrasto d. ( ) Madrasta e. ( ) Irmãos

f. ( ) Avós g. ( ) Tios h. ( ) Pais adotivos i. ( ) Filho(s)

j. ( ) Companheiro (a) k.( ) Primos l. ( ) Amigos m. ( ) Outros:_____

8. Qual o total da renda mensal familiar do seu domicílio?

Em média: R$ _____ ( ) não sabe

9. Você recebe algum tipo de bolsa ou auxílio (*Bolsa escola, bolsa alimentação, etc.*)?

a. ( ) Não b. ( ) Sim → Qual? _____

10. Qual é o grau de instrução de seu pai e da sua mãe? Marque um X:

		Pai	**Mãe**
A	Analfabeto		
B	Sabe ler, mas não foi à escola		
C	Fundamental incompleto (1º grau)		
D	Fundamental completo (1º grau)		
E	Médio incompleto (2º grau)		
F	Médio completo (2º grau)		
G	Superior incompleto (universitário)		
H	Superior completo (universitário)		
I	Não sei		

11. Qual o turno em que você frequenta a escola?

a. ( ) Manhã b. ( ) Tarde c. ( ) Integral d. ( ) Noite

12. Você já foi reprovado?

a. ( ) Não b. ( ) Sim Quantas vezes? _____

13. Por favor, marque claramente o número que corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

1- Discordo totalmente 2- Discordo um pouco 3- Não concordo nem discordo 4- Concordo um pouco 5- Concordo totalmente

A	Eu me sinto bem quando estou na escola	**1 2 3 4 5**
B	Gosto de ir para a escola	**1 2 3 4 5**
C	Gosto da maioria dos meus professores	**1 2 3 4 5**
D	Quero continuar meus estudos nessa escola	**1 2 3 4 5**
E	Posso contar com meus professores	**1 2 3 4 5**
F	Posso contar com meus técnicos da escola (orientador, coordenador)	**1 2 3 4 5**
G	Confio nos colegas da escola	**1 2 3 4 5**

14. Marque com um X em TODAS as opções a seguir que estão relacionadas com a sua situação de trabalho:

A	( ) Nunca trabalhei
B	( ) Já trabalhei, mas não trabalho atualmente
C	( ) Estou trabalhando
D	( ) Estou procurando trabalho
E	( ) Não estou procurando trabalho
F	( ) Trabalho em comércio (em loja, mercados, etc.)
G	( ) Trabalho na rua (vendendo coisas, reciclagem, catação, engraxate, vigiando ou limpando carros)
H	( ) Trabalho em casa (cuidando de crianças, limpando, passando, etc)
I	( ) Trabalho na agricultura, pecuária ou pesca
J	( ) Trabalho na área administrativa (*Office-boy*, secretária, informática, etc)
K	( ) Trabalho em indústria/fábrica
L	( ) Trabalho em outros lugares:_____
M	( ) Trabalho com carteira assinada
N	( ) Não trabalho com carteira assinada

15. Você alguma vez já teve que parar de estudar para trabalhar?

a. ( ) Não b. ( ) Sim

16. Se você trabalha atualmente (*caso não trabalhe, pule para a questão 17*).

a. Qual a sua renda mensal média proveniente do seu trabalho atualmente? R$_____ reais

b. Quantas horas por dia você dedica ao trabalho? _____ horas

17. Qual o serviço de assistência à saúde você recorre com maior frequência?

a. ( ) SUS – Sistema Único de Saúde b. ( ) Atendimento Particular c. ( ) Plano de Saúde d. ( ) Outros

18. Com que frequência acessa o serviço de saúde?

a. ( ) Não tenho acesso aos serviços de saúde b. ( ) De 1 a 3 vezes por mês c. ( ) 1 vez ao mês d. ( ) De 2 a 4 vezes a cada seis meses e. ( ) 1 vez a cada seis meses f. ( ) 1 vez ao ano

19. Com relação à sua religião/doutrina/crença, você se considera:

a. ( ) Não acredito em Deus (ateu) b. ( ) Sem religião (mas acredito em Deus) c. ( ) Católico d. ( ) Protestante e. ( ) Evangélica f. ( ) Espírita g. ( ) Umbandista h. ( ) Candomblé i. ( ) Outra _____

20. Por favor, marque claramente o número que mais corresponde a sua opinião sobre as seguintes afirmativas:

1- Nunca 2- Quase nunca 3- Às vezes 4- Quase sempre 5- Sempre		
A	A religião/espiritualidade tem sido importante para minha vida	**1 2 3 4 5**
B	Costumo frequentar encontros, cultos ou rituais religiosos	**1 2 3 4 5**
C	Costumo fazer orações no dia-a-dia	**1 2 3 4 5**
D	Costumo ler livros sagrados no dia-a-dia (Bíblia, Alcorão, etc)	**1 2 3 4 5**
E	Costumo agradecer a Deus pelo que acontece comigo	**1 2 3 4 5**
F	Peço ajuda a Deus para resolver meus problemas	**1 2 3 4 5**
G	Costumo fazer orações quando estou em momentos difíceis	**1 2 3 4 5**
H	Busco ajuda da minha instituição religiosa (igreja, templo, etc) quando estou m dificuldades	**1 2 3 4 5**
I	Sigo recomendações religiosas na minha vida diária	**1 2 3 4 5**

21. Agora vamos falar um pouco das suas relações com a família, especialmente entre você e seus pais (mãe, madrasta, pai, padrasto, ou outras pessoas que cuidam ou cuidaram de você). ***Ao responder estas questões, pense em diferentes momentos que a sua família passou e nas diferentes pessoas com quem você morou.***

1- Discordo totalmente 2- Discordo um pouco 3- Não concordo nem discordo 4- Concordo um pouco 5- Concordo totalmente

A	Costumamos conversar sobre problemas da nossa família	**1 2 3 4 5**
B	Meus pais não me criticam muito	**1 2 3 4 5**
C	Geralmente, não ocorrem muitas brigas	**1 2 3 4 5**
D	Quando estou com problemas, posso contar com a ajuda dos meus pais	**1 2 3 4 5**
E	Sinto que sou amado e tratado de forma especial pelos meus pais	**1 2 3 4 5**
F	Meus pais, em geral, sabem com quem e onde estou	**1 2 3 4 5**
G	Nunca sou humilhado pelos meus pais	**1 2 3 4 5**
H	Meus pais não vivem brigando entre eles	**1 2 3 4 5**
I	Meus pais dão atenção ao que eu penso e ao que eu sinto	**1 2 3 4 5**
J	Meus pais gostam dos meus amigos	**1 2 3 4 5**
K	Eu não me sinto rejeitado pelos meus pais	**1 2 3 4 5**
L	Meus pais me ajudam quando eu preciso de dinheiro, comida ou roupa	**1 2 3 4 5**
M	Costumo conversar com meus pais sobre decisões que eu preciso tomar	**1 2 3 4 5**
N	Meus pais procuram saber com quem eu ando	**1 2 3 4 5**
O	Eu me sinto seguro com meus pais	**1 2 3 4 5**

22. Sobre o uso de drogas, responda às questões abaixo:

	Tipo	**Já experimentou ao menos uma vez na vida**	**Que idade você tinha quando usou pela 1ª vez**
A	Bebida alcoólica	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
B	Cigarro comum	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
C	Maconha	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
D	Cola, solventes, *thinner*, lança-perfume, acetona	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
E	Cocaína	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
F	*Crack*	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
G	*Ecstasy*	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
H	Remédio para emagrecer sem receita médica	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
I	Anabolizante	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
J	Remédio para "ficar doidão"	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
K	Chá para "ficar doidão"	a. ( ) Não b. ( ) Sim	
L	Outra _____	a. ( ) Não b. ( ) Sim	

23. Você tem algum amigo próximo que usa drogas?

a. ( ) Não b. ( ) Sim ( ) drogas lícitas (álcool, cigarro)

( ) drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc.)

24. Você tem algum familiar que usa drogas?

a. ( ) Não b. ( ) Sim ( ) drogas lícitas (álcool, cigarro)

( ) drogas ilícitas (*crack*, cocaína, cola, etc.)

25. Se você nunca experimentou drogas (lícitas ou ilícitas), *pule para a questão 31*. Se já experimentou, responda qual foi a primeira droga que você usou? _____

26. Caso já tenha experimentado alguma droga, responda às questões abaixo:

			Usou no último MÊS			
	Tipo	**Usou no último ANO**	**Não usou no último mês**	**Usou menos de 1 vez por semana**	**Usou de 1 a 4 vezes/semana**	**Usou 5 ou mais vezes/semana**
A	Bebida alcoólica	a ( ) Não b ( ) Sim				
B	Cigarro comum	a ( ) Não b ( ) Sim				
C	Maconha	a ( ) Não b ( ) Sim				
D	Cola, solventes, *thinner*, lança-perfume, acetona	a ( ) Não b ( ) Sim				
E	Cocaína	a ( ) Não b ( ) Sim				
F	*Crack*	a ( ) Não b ( ) Sim				
G	*Ecstasy*	a ( ) Não b ( ) Sim				
H	Remédio para emagrecer sem receita médica	a ( ) Não b ( ) Sim				
I	Anabolizante	a ( ) Não				

		b ( ) Sim				
J	Remédio para "ficar doidão"	a ( ) Não b ( ) Sim				
K	Chá para "ficar doidão"	a ( ) Não b ( ) Sim				
L	Outra: _____	a ( ) Não b ( ) Sim				

27. Se você consome drogas (lícita ou ilícita), você o faz quando *(Marque mais de uma resposta se for o caso)*:

a. ( ) Está sozinho b. ( ) Está com amigos c. ( ) Está com algum familiar d. ( ) Está com o(a) namorado(a) e. ( ) Não consome

28. Você já pensou em parar de usar alguma droga (lícita ou ilícita)?

a. ( ) Não (*pule para a questão 31*) b. ( ) Sim

29. Já ***tentou*** (de fato) parar de usar alguma substância?

a. ( ) Nunca tentei parar, pois nunca usei nenhuma substância regularmente

b. ( ) Nunca tentei parar, apesar de usar ou já ter usado regularmente alguma substância

c. ( ) Sim, já tentei parar

30. Se você *já tentou parar de usar drogas (lícita ou ilícita)*, alguém ajudou você nesta tentativa? (*Marque mais de uma resposta se for o caso*)

a. ( ) Tentei sozinho b. ( ) Tentei com um amigo/grupo de amigos c. ( ) Alguém da igreja d. ( ) Alguém de escola e. ( ) Alguém do hospital/posto de saúde ou comunidade terapêutica f. ( ) Alguém da família g. ( ) Outros _____

31. Você já namorou alguma vez?

a. ( ) Não b. ( ) Sim c. No último ano, aproximadamente com quantas pessoas você namorou?_____

32. Você já "*ficou*" alguma vez

a. ( ) Não b. ( ) Sim c. No último ano, aproximadamente com quantas pessoas você ficou? _____

33. Você já transou (teve relações sexuais) alguma vez?

a. ( ) Não (*pule para a questão 55*)

b. ( ) Sim

Quantos anos você tinha "na primeira vez"? _____ anos

Quantos anos o(a) parceiro(a) tinha ? _____ anos ( ) Não sei / não me lembro

Com quem foi?

( ) Namorado(a) ( ) Vizinho(a) ( ) Parente → Qual? _____

( ) Outro_____

c. A primeira relação sexual: ( ) Foi desejada, você quis ( ) Foi forçada

34. Você já teve relações sexuais quando esteve sob o efeito de alguma droga **lícita** (bebida alcoólica, cigarro, etc.) ou **ilícita** (*crack*, cocaína, cola, etc.)?

a. ( ) Sim b. ( ) Não

35. No último ano, aproximadamente com quantas pessoas você transou? _____

36. Você já transou com:

a. ( ) Meninas/mulheres b. ( ) Meninos/homens c. ( ) Ambos sexos

37. No ÚLTIMO ANO, nas suas transas, você teve: *(Marque mais de uma resposta se for o caso)*

a. ( ) Parceiro(a) FIXO(a) [namorado(a), companheiro(a), esposa/marido]

Quantos? _____ namorado(a) _____ companheiro(a) _____ esposa/marido

b. ( ) Parceiro(a) NÃO-FIXO(a). Quantos(as):_____

38. No ÚLTIMO ANO, com que frequência você ou seu parceiro usou camisinha?

a. ( ) Nunca c. ( ) Muitas vezes, mas não em todas

b. ( ) Poucas vezes d. ( ) Sempre *(Pule para a questão 40)*

39. No ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você NÃO USOU camisinha, por que motivo você não usou? *(Marque mais de uma resposta se for o caso)*

a. ( ) Não tinha camisinha

b. ( ) Não tinha dinheiro para comprar

c. ( ) Não gosto

g. ( ) Estava sob efeito de álcool

h. ( ) Estava sob efeito de drogas

i. ( ) Meu parceiro(a) não aceita

d. ( ) Camisinha machuca/incomoda
e. ( ) Não acho que seja importante
f. ( ) Não lembrei de colocar
j. ( ) Porque confio no meu parceiro(a)
k. ( ) Porque usa anticoncepcional (pílula)
l. ( ) Outro motivo: _____

40. Onde você obtém informações sobre sexo? Marque claramente o número correspondente à frequência:

1- Nunca 2- Quase nunca 3- Às vezes 4- Quase sempre 5- Sempre

A	Família	**1 2 3 4 5**
B	Amigos	**1 2 3 4 5**
C	Escola (professores, funcionários, coordenadores, diretores, etc.)	**1 2 3 4 5**
D	Líderes religiosos (padre, pastor, pai de santo, etc.)	**1 2 3 4 5**
E	Organização Não Governamental (ONG)	**1 2 3 4 5**
F	Televisão	**1 2 3 4 5**
G	Internet	**1 2 3 4 5**
H	Rádio	**1 2 3 4 5**
I	Jornal, revista ou livro	**1 2 3 4 5**

41. No ÚLTIMO ANO, nas vezes em que você USOU camisinha, por que motivo você usou? *(Marque mais de uma resposta se for o caso)*

a. ( ) Para evitar doenças
b. ( ) Para evitar AIDS
c. ( ) Para evitar gravidez
d. ( ) Porque o (a) parceiro (a) exigiu
e. ( ) Porque é importante usar
f. ( ) Porque dizem que é bom usar
g. ( ) Porque é mais limpo (higiene)
h. ( ) Não sei
i. ( ) Outros: _____

42. Atualmente, você possui algum parceiro FIXO? (namorado(a), companheiro(a), esposa/marido)

a. ( ) Não b. ( ) Sim

43. Na última vez que você transou, você ou seu (sua) parceiro(a) usou camisinha?

Com parceiro fixo (namorado(a), companheiro(a), esposa/marido)	Com parceiros não fixos
a. ( ) Não	a. ( ) Não
b. ( ) Sim	b. ( ) Sim
c. ( ) Não lembra	c. ( ) Não lembra

44. No ÚLTIMO MÊS, você carregou camisinha com você alguma vez?

a. ( ) Não b. ( ) Sim

Quantos dias você carregou camisinha com você? _____

45. Onde você costuma pegar camisinha? *(Marque mais de uma resposta se for o caso)*

a. ( ) Não costumo pegar camisinha
b. ( ) Busco/recebo na Rede/SUS
c. ( ) Compro na farmácia
d. ( ) Busco/recebo em instituições ou ONGs
e. ( ) Ganho de conhecidos ou amigos
f. ( ) Outra. Como? _____

46. Você já teve alguma Doença Sexualmente Transmissível/DST *(doença que se pega através de sexo e pode gerar corrimento, coceira, ardência ou feridas nos órgãos sexuais)*?

a. ( ) Sim Quantas vezes? _____ b. ( ) Não c.( ) Não Sabe
Quais doenças?_____

47. Alguma vez você já fez sexo em troca de dinheiro, favores ou vantagens?

a. ( ) Não (*pule para a questão 49*) b. ( ) Sim

48. Nas vezes em que você fez sexo por dinheiro, favor ou vantagem, com que frequência você usou camisinha?

a. ( ) Nunca b. ( ) Poucas vezes c. ( ) Muitas vezes, mas não em todas d. ( ) Sempre

49. Você usa algum método para evitar gravidez?

a. ( ) Não

b. ( ) Sim Quais? (*Marque mais de uma resposta se precisar*)

a. ( ) Preservativo

b.( ) Coito interrompido *(interromper a transa antes do orgasmo masculino)*

c. ( ) Pílula anticoncepcional

d. ( ) Injeção

e. ( ) Tabela / ritmo / calendário

f. ( ) DIU

g. ( ) Pílula do dia seguinte *(emergência)*

h. ( )Outro:_____

50. Onde você/sua parceira costuma obter anticoncepcionais? (*Marque mais de uma se for o caso*)

a. ( ) Não costumo obter anticoncepcionais
b. ( ) Busca/recebe na Rede/SUS
c. ( ) Compra na farmácia
d. ( ) Busca/recebe em instituições para meninos(as) em situação de rua
e. ( ) Ganha de conhecidos
f. ( ) Busca/recebe em ONG
g. ( ) Não sabe

51. Você já engravidou alguém /esteve grávida?

a. ( ) Não *(pule para a questão 55)*

b. ( ) Sim c. Quantas vezes? _____

d. Que idade tinha quando engravidou/ficou grávida na primeira vez?_____

e. A primeira gravidez foi desejada? a. ( ) Não b. ( ) Sim

f. Quantos filhos(as) vivos(as) você tem? _____

g. Com quantas pessoas você já teve filho? _____

52. Alguma das situações abaixo ocorreu com você em consequência da PRIMEIRA gravidez? (*Marque mais de uma resposta se for o caso)*

a. ( ) Interrompeu os estudos

b. ( ) Casou ou foi morar junto com o pai/mãe da criança

c. ( ) Precisou começar a trabalhar

d. ( ) Precisou parar de trabalhar

e. ( ) Família não aceitou a gravidez

f. ( )Família ou parceiro(a) sugeriu fazer aborto

g. ( ) Parou de fumar

h. ( ) Parou de usar drogas

i. ( ) Não precisou mais ter que cuidar dos irmãos menores

j. ( ) Passou a ser mais respeitada(o) dentro de casa

53. Você/sua parceira já teve algum aborto?

a. ( ) Não sabe b.( ) Não c. ( ) Sim

Quantas vezes? _____ Natural _____Provocado

54. Durante a ÚLTIMA gravidez, você/sua parceira fizeram algum exame médico para acompanhar a gravidez?

a. ( ) Não b. ( ) Sim Quantas vezes? _____ c. ( ) Não sabe

55. Marque claramente o número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

1- Nunca 2- Quase nunca 3- Às vezes 4- Quase sempre 5- Sempre

A	Sinto que sou uma pessoa de valor como as outras pessoas	**1 2 3 4 5**
B	Eu sinto vergonha de ser do jeito que sou	**1 2 3 4 5**
C	Às vezes, eu penso que não presto para nada	**1 2 3 4 5**
D	Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas	**1 2 3 4 5**
E	Levando tudo em conta, eu me sinto um fracasso	**1 2 3 4 5**
F	Às vezes, eu me sinto inútil	**1 2 3 4 5**
G	Eu acho que tenho muitas boas qualidades	**1 2 3 4 5**
H	Eu tenho motivos para me orgulhar na vida	**1 2 3 4 5**
I	De modo geral, eu estou satisfeito(a) comigo mesmo(a)	**1 2 3 4 5**
J	Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo(a)	**1 2 3 4 5**

56. Ao longo da vida, sofro ou sofri preconceito:

1- Nunca 2- Quase nunca 3- Às vezes 4-Quase sempre 5- Sempre

A	Por morar onde moro (bairro, favela, etc)	**1 2 3 4 5**
B	Pelo fato de ser homem ou mulher	**1 2 3 4 5**
C	Pela cor da minha pele	**1 2 3 4 5**
D	Por estudar em uma determinada escola	**1 2 3 4 5**
E	Por causa do trabalho dos meus pais	**1 2 3 4 5**
F	Por causa do meu nível socioeconômico	**1 2 3 4 5**
G	Por causa da minha religião	**1 2 3 4 5**
H	Por causa da minha aparência física	**1 2 3 4 5**
I	Por ser deficiente	**1 2 3 4 5**
J	Pelas minhas escolhas sexuais	**1 2 3 4 5**
K	Por ter a idade que tenho	**1 2 3 4 5**
L	Por causa do meu trabalho	**1 2 3 4 5**

57. Marque claramente no número que corresponde à sua opinião sobre as seguintes afirmações:

1- Não é verdade 2- É dificilmente a verdade a meu respeito 3- É moderadamente a verdade a meu respeito 4- É totalmente verdade a meu respeito

A	Se estou com problemas, geralmente encontro uma saída	**1 2 3 4 5**
B	Mesmo que alguém se oponha, eu encontro maneiras e formas de alcançar o que quero	**1 2 3 4 5**
C	Tenho confiança para me sair bem em situações inesperadas	**1 2 3 4 5**
D	Eu posso resolver a maioria dos problemas, se fizer o esforço necessário	**1 2 3 4 5**
E	Quando eu enfrento um problema, geralmente consigo encontrar diversas soluções	**1 2 3 4 5**

F	Consigo sempre resolver os problemas difíceis quando me esforço bastante	**1 2 3 4 5**
G	Eu acho que sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas	**1 2 3 4 5**
H	Tenho facilidade para persistir em minhas intenções e alcançar meus objetivos	**1 2 3 4 5**
I	Devido às minhas capacidades, sei como lidar com situações imprevistas	**1 2 3 4 5**
J	Eu me mantenho calmo(a), mesmo enfrentando dificuldades porque confio na minha capacidade de resolver problemas	**1 2 3 4 5**
K	Eu geralmente consigo enfrentar qualquer adversidade	**1 2 3 4 5**

58. Use a seguinte escala para indicar suas chances de:

1- Muito baixas 2- Baixas 3-Cerca de 50% 4-Altas 5-Muito altas

A	Concluir o ensino médio (segundo grau)	**1 2 3 4 5**
B	Entrar na universidade	**1 2 3 4 5**
C	Ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida	**1 2 3 4 5**
D	Ter minha casa própria	**1 2 3 4 5**
E	Ter um trabalho que me dará satisfação	**1 2 3 4 5**
F	Ter uma família	**1 2 3 4 5**
H	Ser saudável a maior parte do tempo	**1 2 3 4 5**
I	Ser respeitado na minha comunidade	**1 2 3 4 5**

Muito obrigada pela sua participação, ela é extremamente importante!

ANEXO B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA:

Ana Patrícia dos Santos Cruz (UFS): .....

Orientador: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos (UFS)

O presente estudo é parte do trabalho de dissertação realizado para conclusão do Mestrado em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe. O objetivo geral deste estudo, intitulado "Juventude Brasileira" é investigar aspectos sociais e suas relações com comportamentos sexuais de jovens das escolas públicas.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente documento, declaro ter conhecimento da estrutura da pesquisa, que me foi apresentada pelo responsável pela aplicação do questionário.

Estou informado (a) de que, se houver qualquer dúvida a respeito dos procedimentos adotados durante a condução da pesquisa, terei total liberdade para questionar ou mesmo me recusar a continuar participando do estudo. Fui informado ainda que minha participação não trará riscos ou benefícios diretos, apenas ocasionalmente a lembrança de fatos de vida desagradáveis.

Meu consentimento, fundamentado na garantia de que as informações apresentadas serão respeitadas, assenta-se nas seguintes restrições:

a) O meu nome e dos demais participantes da pesquisa não serão divulgados;
b) Todas as informações individuais terão o caráter estritamente confidencial.

.....

Itabaiana,..... de ..... de 2013.

Caso tenha novas perguntas sobre este estudo ou deseje, ao final da pesquisa, ter acesso aos resultados e conclusões alcançadas, contate a responsável pelo projeto, Ana Patrícia pelo e-mail apatriciasc@ig.com.br

ANEXO C

ROTEIRO DA ENTREVISTA

1) O que você acha que é um relacionamento sério (é namorar, casar, quando tem relação sexual)? E o que é um relacionamento que não sério?
2) Com que idade você começou a namorar? E qual a idade do seu primeiro namorado?
3) Com que idade você teve a sua primeira relação sexual? Com quem foi (foi com o namorado)? Qual a idade dele? Por que você decidiu ter sua primeira relação sexual (achou que já estava preparada)? A relação sexual foi desejada? Quem tomou a iniciativa? Foi um ato de momento?
4) Você tinha conhecimento sobre sexo quando teve sua primeira relação sexual? De onde vinham essas informações? Quais tipos de informação? E seus pais, eles conversavam sobre sexo com você? Se não, com quem você conversava?
5) Você se protegeu na primeira relação sexual? Pensou em doença ou gravidez? Qual método escolhido? Foi conversado com ele? Você ou ele tomou a iniciativa de se proteger? Com quem ou onde você obtinha informações sobre métodos contraceptivos?
6) Fale sobre o seu casamento ou o seu relacionamento estável, como foi que aconteceu?
7) Por que você "fugiu da casa" dos seus pais? Como foi? Por que você tomou a decisão de "fugir de casa"?
8) Você queria "fugir" de que ou de quem?
9) Como era o seu relacionamento com seus pais antes de você decidir "fugir de casa"? E depois que você "fugiu"?
10) Você acha que "fugir de casa" é um ato de amor? Se a resposta for sim, é amor a quem?
11) Onde você foi morar depois que você "fugiu de casa"? Se foi morar na casa da sogra, como era o seu relacionamento com ela? Parou de estudar? Foi trabalhar? Engravidou?
12) Como ficou a sua relação com a nova família (sogra, por exemplo)?
13) Quais foram as mudanças na sua vida depois que você "fugiu" da casa dos seus pais? Quais foram as consequências positivas e as negativas depois que "fugiu" da casa dos

seus pais? Você acha que a sua vida perspectiva de futuro/vida profissional ficou prejudicada pelo fato de você ter “fugido de casa”?